

ALUNO – ATLETA – CIDADÃO

ESTUDOS NO GINÁSIO

EXPERIMENTAL OLÍMPICO

Organizador

Carlos Alberto Figueiredo da Silva

Rio de Janeiro

2014



H. P. Comunicação
Editora

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da. (Org.)

Aluno – Atleta – Cidadão – Estudos no Ginásio Experimental
Olímpico

Rio de Janeiro, outubro de 2014

220 páginas

HP Comunicação Editora ISBN 7576

Ciências Sociais CDD - 300

Educação CDD - 370

COPYRIGHT: CARLOS ALBERTO FIGUEIREDO DA SILVA (ORG.)

Editor
Paulo França

Fotos e ilustrações: Carlos Alberto Figueiredo da Silva e
Lucineia Alves.

Direitos desta edição reservados ao organizador e demais autores,
conforme contrato com a Editora. É proibida a reprodução total
ou parcial desta obra sem autorização expressa dos mesmos.

ALUNO – ATLETA – CIDADÃO –
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO

CONSELHO EDITORIAL

Dr. José Pedro Sarmiento de Rebocho Lopes,
Universidade do Porto
Dr. Jorge França Motta,
Centro Universitário Augusto Motta
Dr^a Maria José Carvalho,
Universidade do Porto
Dr. Roberto Ferreira dos Santos,
Universidade Salgado de Oliveira

RIO DE JANEIRO, OUTUBRO DE 2014

HP COMUNICAÇÃO EDITORA
TEL.: 0 XX 21 - 3393-4212 - 97202-6940

Prefácio

As nossas escolas! Sempre lembro da minha: dos professores, dos amigos, das salas de aula, da quadra de esportes, da fachada de 1897, das janelas de madeira, da hora do recreio; momentos inesquecíveis.

Estudei no Colégio Central do Brasil, da 1ª série do ginásio à última do científico. Lá, aprendi a gostar de esportes, de música, de literatura, de francês, de matemática. Tínhamos um grêmio, eu e meu amigo Osvaldo vencemos com a chapa “Transilvânia”. Promovemos eventos, festivais de música, competições esportivas; foi um privilégio.

Partia de Madureira todos os dias. Era freguês do ônibus 676, Méier-Penha. Quantas vezes o perdi por estar distraído vendo as alunas do Carmela Dutra passarem à minha frente. No Méier, do ponto final até a Rua Rio Grande do Sul levava uns 10 minutos a pé.

Vivi também todas as agruras de um aluno de escola pública na década de 1970 no Rio de Janeiro. Muitas vezes não tínhamos professores em algumas disciplinas, vi mestres sumindo da escola repentinamente. Anos depois entendi o que ocorreu.

A escola pública, a verdadeira escola pública, que hoje reencontrei no Ginásio Experimental Olímpico, o GÉO ou a GEO como dizem as mães. Que vontade me dá de voltar a ter a idade para que nesta escola eu pudesse estudar, brincar, jogar, fazer amigos e desfrutar dessa eternidade, e beber água de todas as fontes.[...] Não m’invejo de quem tem parcelhas, éguas e montes; só m’invejo de quem bebe água em todas as fontes [...](“Rama”, música popular do Alentejo).

Mas sinto um aperto: o GEO ainda é uma exceção; e uma apreensão: tudo pode também ter uma dolorosa dissolução.

Sumário

Apresentação.....	9
Capítulo 1	
Representações sobre o aluno-atleta-cidadão: um estudo no ginásio experimental olímpico.....	11
José Edmilson da Silva e Leonardo Fonseca da Silva	
Capítulo 2	
Aspectos etnometodológicos e ações cotidianas do GEO.....	39
Carlos Alberto Figueiredo da Silva, Renata Osborne e Alfredo Faria Junior.	
Capítulo 3	
Como é a sua cabeça? Multiletramento e esporte.....	59
Tânia Regina Pinto de Almeida	
Capítulo 4	
O xadrez pedagógico como suporte sistêmico para os outros desportos e novas aprendizagens escolares.....	71
Antônio Manoel Lima de Holanda	
Capítulo 5	
Ginásio Experimental Olímpico: a transformação de uma ideia em um projeto de sucesso.....	107
Daniel Corrêa de Mattos	
Capítulo 6	
“Superando barreiras” – a história do atletismo no GEO Santa Teresa.....	139

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

Mario Roberto Guagliardi Júnior

Capítulo 7

Relatos.....165

Joycimar Lemos Barcellos Zeferino

Capítulo 8

Esporte: por que não?.....179

Roberto Ferreira dos Santos

Capítulo 9

A educação ambiental no ensino de ciências do sexto ano.....191

Lucineia Alves

Capítulo 10

Estudando as células no oitavo ano.....207

Lucineia Alves

Apresentação

Este livro é produto de reflexões que se desenvolveram a partir do Projeto NUPAE-GEO (Núcleo de Pesquisa-Ação do Esporte - Ginásio Experimental Olímpico - Escola Municipal Juan Antonio Samaranch), aprovado pela **FAPERJ**, Edital nº 22/2012 - Programa Apoio ao Desenvolvimento de Inovações no Esporte no Estado do Rio de Janeiro – 2012.

Durante as ações sobrevindas no período da pesquisa, os professores envolvidos com o projeto NUPAE-GEO produziram textos que, inicialmente, compuseram registros, diários de campo, fichas de observação, e em seguida receberam um tratamento para que pudessem ser inseridos neste livro.

O Ginásio Experimental Olímpico apresenta um modelo educacional inovador, onde o esporte ganha um espaço indutor e cogerador do currículo escolar. Conjuga-se no GEO a máxima aluno-atleta-cidadão. Este tripé é defendido por professores, alunos, comunidade, pais e responsáveis. A busca pela excelência acadêmica e esportiva são os balizadores para as ações nesta escola.

O GEO está localizado em Santa Teresa, Rio de Janeiro. A primeira vez que lá estive fiquei impressionado com o número de quadros pelos corredores. Esses quadros, que hoje expõem cartazes, frases, fotos etc. são feitos de aço. Há pouco tempo eles serviam para impedir que projetis de arma de fogo entrassem pelas janelas da escola em decorrência de tiroteios entre gangues das favelas do entorno: Prazeres, Fallet e Fogueteiro.

Os temas aqui tratados perpassam caminhos reflexivos sobre o cotidiano do GEO. O livro está dividido em dez capítulos.

O primeiro deles, *Representações sobre o aluno-atleta-cidadão: um estudo no ginásio experimental olímpico*, de José Edmilson da Silva e Leonardo Fonseca da Silva, consiste em identificar e analisar representações de alunos do GEO sobre a máxima aluno-atleta-cidadão.

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

O segundo capítulo, *Aspectos etnometodológicos e ações cotidianas no GEO*, de Carlos Alberto Figueiredo da Silva, Renata Osborne e Alfredo Faria Junior, explora os sentidos e significados atribuídos por mães de crianças matriculadas no GEO sobre a influência desta escola e de sua proposta inovadora nas vidas de seus filhos.

O terceiro capítulo, *Como é a sua cabeça? Multiletramento e esporte*, de Tania Regina Pinto de Almeida, mergulha no universo do multiletramento na escola, era digital e possibilidades do texto no cotidiano dos alunos.

O quarto capítulo, *O xadrez pedagógico como suporte sistêmico para os outros desportos e novas aprendizagens escolares*, de Antônio Manoel Lima de Holanda, discute o xadrez não somente situado como esporte para o campo competitivo, mas também na perspectiva do ensino e da aprendizagem humana, suas relações com as neurociências, novos aportes teóricos, Materialismo Dialético, e as possibilidades pedagógicas advindas de sua implementação com essas novas perspectivas.

O quinto capítulo, *Ginásio Experimental Olímpico: a transformação de uma ideia em um projeto de sucesso*, de Daniel Corrêa de Mattos, retrata o caminho percorrido até a implantação da escola, bem como apresenta os primeiros resultados acadêmicos e esportivos.

O sexto capítulo, *“Superando barreiras” – a história do atletismo no GEO Santa Teresa*, de Mario Roberto Guagliardi Júnior, descreve todas as particularidades no processo de implantação da modalidade do Atletismo: metodologia e resultados.

O sétimo capítulo, *“Relatos”*, de Joycimar Lemos, apresenta depoimentos de pais e responsáveis sobre o GEO a partir da pergunta: valeu a pena?

O oitavo capítulo, *“Esporte: por que não?”*, de Roberto Ferreira dos Santos, faz uma análise sobre a concepção de Domenico di Masi sobre o esporte.

Encerram o livro os capítulos 9 e 10, de Lucineia Alves, respectivamente, *“A educação ambiental no ensino de ciências do sexto ano”* e *“Estudando as células no oitavo ano”*, que apresentam as experiências interativas realizadas pela autora nas classes em que atua no GEO.

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

CAPÍTULO 1

REPRESENTAÇÕES SOBRE O ALUNO- ATLETA-CIDADÃO: UM ESTUDO NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO

José Edmilson da Silva
Leonardo Fonseca da Silva



Figura 1. Vista de uma das salas do Ginásio Experimental Olímpico. Fonte: própria.

Introdução

Reinventar a educação por meio do esporte é um novo momento que o país está a viver. Mais do que relações de poder, a educação e o esporte instituem compromissos entre as pessoas.

Delors (2004) lembra-nos de que um dos principais papéis reservados à educação consiste antes de tudo, dotar a humanidade da capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento. Ela deve, de fato, fazer com que cada um tome o seu arbítrio nas mãos e contribua para uma nova perspectiva de sociedade, baseando o desenvolvimento na participação responsável dos indivíduos e das comunidades.

Desse modo, promover educação e esporte para um novo paradigma de sociedade é saber que se educa não só para que o indivíduo desempenhe melhor os mesmos e antigos papéis, mas, sobretudo, para que se desempenhem novas possibilidades em uma sociedade que se renova, demandando indivíduos protagonistas conscientes.

Estamos diante de um processo/produto inovador: as escolas vocacionadas para o esporte, no caso aqui em voga: o Ginásio Experimental Olímpico (GEO) – Escola Municipal Juan Antonio Samaranch. Trata-se de um modelo educacional de impacto social, pois institui novos sistemas produtivos e novos paradigmas do conhecimento, com novas exigências sobre a qualidade da educação, conjugando a máxima do aluno-atleta-cidadão e, por consequência, a formação dos educadores e educandos com fins na excelência acadêmica.

Todavia, este é um projeto contemporâneo de educação, é otimista sobre as possibilidades da natureza humana e, também, do ponto de vista histórico, contribui para a libertação exterior do indivíduo em relação aos fenômenos sofridos, vividos e construídos.

O objeto deste estudo tem como foco: investigar se a teoria que pressupõe a concepção de aluno-atleta-cidadão

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

do GEO favorece uma nova perspectiva de vida aos discentes instituídos na Unidade Escolar em que esse projeto educacional está sendo implementado. Tem-se como objetivo geral: refletir como o conceito aluno-atleta-cidadão interfere na vida dos alunos para além da escola. Como objetivos específicos: a) identificar e descrever as impressões e as representações dos alunos quanto à máxima aluno-atleta-cidadão; b) analisar os sentidos e significados que os alunos atribuem ao conceito aluno-atleta-cidadão.

A partir da complexidade do objeto de estudo, a decisão sobre a pesquisa não apontou outro caminho senão a de uma abordagem de natureza qualitativa, que proporciona uma visão mais ampla dos aspectos que se deseja investigar, uma vez que a dinâmica sociocultural é permeada de fatos e valores mais dificilmente observáveis por intermédio de outras abordagens.

Segundo Thomas, Nelson e Silverman (2007, p. 298) uma pesquisa qualitativa “busca compreender o significado de uma experiência dos participantes, em um ambiente específico, bem como o modo como os componentes se mesclam para formar o todo”. Assim, buscamos através das articulações com os autores, proporcionar ao leitor algumas reflexões pertinentes a respeito desta temática no âmbito escolar.

Levando-se em conta a dinâmica do tema investigado, o estudo exploratório se apresentou como a melhor possibilidade. Optou-se por uma metodologia que favorecesse a interpretação em contexto e que possibilitasse, inclusive, aos futuros leitores, o desenvolvimento de novas ideias, significados e compreensões.

Apoiando-nos em Silva e Votre (2012), buscamos dialogar com a etnometodologia, pois esta atitude de pesquisa estimula um novo olhar, focalizando a concepção singular da construção social, principalmente em relação à maneira como os dados são recolhidos e tratados.

Buscou-se ainda a observação participante, pois tal procedimento permite integrar os vários momentos da escola e interpretar sua realidade cotidiana; e ainda compreender a dimensão do processo educativo que sustenta a proposta

curricular, e constatar sob quais pilares a escola está ancorada.

Tanto a etnometodologia como a observação participante revelam faces do que ocorre na prática, no cotidiano da escola e de seus grupos sociais. Desta forma, a perspectiva da pesquisa é reforçada no sentido de vincular o conhecimento que se constrói nas atividades práticas com a ação reflexiva. Além disso, entendemos que os sujeitos são participantes ativos e não meros reprodutores do mundo social, ou seja, os sujeitos da pesquisa refletem sobre sua prática.

A educação e o esporte são ferramentas de auxílio no processo de desenvolvimento cultural, social e de saúde do ser humano. Crianças e jovens, carentes de valores éticos e morais, encontram no esporte incentivo a essas conquistas aliadas ao sentimento de superação.

Para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 - item 2, do parágrafo único, do Art. 1º, o “esporte” aparece como conteúdo obrigatório no ensino fundamental e médio, pois “As práticas desportivas formais e não formais, direito de cada um e dever do Estado, serão ofertados no ensino fundamental, no ensino médio e em todos os cursos superiores”.

A importância do esporte na sociedade pode ser demonstrada de diversas formas, como, por exemplo, o novo projeto da Prefeitura do Rio de Janeiro: o modelo de escola vocacionada com recorte na máxima aluno-atleta-cidadãoda cidade do Rio de Janeiro.

Dessa forma, a partir do tema escolhido, acredita-se que a pesquisa justifica-se no sentido de que, no âmbito global, o esporte tem função pedagógica no processo de formação do indivíduo, ressaltando a disciplina, a solidariedade, o espírito de equipe e outros fatores do desenvolvimento humano.

Modelo de educação no Brasil

Hoje, praticamente não há país no mundo que não garanta, em seus textos legais, o acesso de seus cidadãos à Educação Básica. Afinal, a educação escolar é uma dimensão fundante da cidadania, tal princípio é indispensável para políticas que visam à participação de todos nos espaços sociais

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

e políticos e, mesmo, para reinserção no mundo profissional.

O direito à educação é um direito fundamental que se inclui entre os direitos sociais previstos na Constituição, no artigo 6º, segundo o qual “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados”. Sua disciplina expressa se encontra nos artigos 205 a 214. Está vinculado ao princípio da dignidade da pessoa humana que, conforme o artigo 1º, inciso III da Constituição, é fundamento do Estado brasileiro.

Segundo Bobbio (1992), a existência de um direito, seja em sentido forte ou fraco, implica sempre a existência de um sistema normativo, onde por “existência” deve-se entender tanto o mero fator exterior de um direito histórico ou vigente quanto o reconhecimento de um conjunto de normas como guia da própria ação. A figura do direito tem como correlato a figura da obrigação.

Um país para evoluir necessita de uma educação de qualidade e de leis que visem à construção de uma sociedade livre, justa e solidária, à erradicação da pobreza e da marginalidade, à redução das desigualdades sociais e regionais e a promoção do bem comum.

Dessa forma, elucidamos as principais fontes de implementação da educação nacional e das políticas que assim as definem é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que no avanço dos anos foram reformuladas até o modelo atual datado de 1996 que sofreram alterações de acordo com os governos.

As Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)

LEI Nº 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961 -
Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

LEI Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 - *Fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.*

LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996 -
Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Acirradas discussões foram estabelecidas para ser promulgada a Lei 4.024, em 20 de dezembro de 1961, sem a

pujança do anteprojetado original, prevalecendo as reivindicações da Igreja Católica e dos donos de estabelecimentos particulares de ensino no confronto com os que defendiam o monopólio estatal para a oferta da educação aos brasileiros.

Já no período mais contundente da ditadura militar, onde qualquer expressão popular contrária aos interesses do governo era abafada, muitas vezes pela violência física, é instituída em 1971 a Lei 5.692, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). A característica mais marcante desta Lei era tentar dar à formação educacional um cunho profissionalizante.

A atual LDBEN construiu-se com o objetivo de melhorar a educação no Brasil, visando que a escola se tornasse um espaço de participação social, valorizando a democracia, o respeito, a pluralidade cultural e a formação do cidadão, dando mais vida e significado para os estudantes.

No decorrer das décadas de 1980 e 1990 ocorreu um embate político na construção de políticas educacionais que culminou com a LDBEN e nos desdobramentos desta, não colocando um ponto final nesse embate, mas sim os redimensionando (CAPARROZ, 2003). Um destes desdobramentos são os PCNS – Parâmetros Curriculares Nacionais.

A construção dos PCNs se pautou na perspectiva de compreender o texto como uma tentativa de síntese propositiva de inserção da Educação Física no currículo escolar. Os interrogantes que guiaram o estudo foram: o entendimento do que é Educação Física; a concepção de corpo e movimento e os conteúdos e objetivos [...] (CAPARROZ, 2003, p. 306).

Segundo Darido (2004) estes documentos objetivam subsidiar a versão curricular dos Estados e municípios respeitando e empregando comumente as experiências já existentes, por meio de reflexões e discussões internas de cada escola (de acordo com suas realidades sociais) elaborando projetos, dando sustentação a prática pedagógica dos professores.

Para Libâneo (1998), a mudança é um processo que vai se construindo aos poucos, de acordo com o nível de desenvolvimento de cada sociedade, como consequência

das mudanças de maneiras para suprir suas necessidades, o homem muda também os padrões de cultura no decorrer dos anos, porém: “muda a sociedade e somente mais tarde muda a educação”.

Modelo de educação no município do Rio de Janeiro

Uma das condições para o desenvolvimento da sociedade é a educação, pois abre espaço para a garantia dos direitos subjetivos de cada um. E como nem sempre o indivíduo é, desde logo, consciente desse valor, cabe a quem representa o interesse de todos, dar a oportunidade de acesso a esse valor que desenvolve e potencializa.

Oliveira (2000) nos aponta que esta é uma possibilidade a ser construída, pois, o caminho que leva à construção desta sociedade implica um processo gigantesco de educação, e não apenas a educação entendida no sentido da transmissão do conhecimento, mas no sentido da formação da cidadania.

O acesso e permanência à educação gratuita é um direito imprescindível do cidadão. Por isso, o direito à educação básica inscreve-se dentro de uma perspectiva mais ampla dos direitos civis dos cidadãos.

O movimento reformador, do início do século XX, refletia a necessidade de se reencontrar a vocação da escola na sociedade urbana de massas, industrializada e democrática. De modo geral, para a corrente pedagógica escolanovista, a reformulação da escola esteve associada à valorização da atividade ou experiência em sua prática cotidiana. [...] Uma série de experiências educacionais escolanovistas desenvolvidas em várias partes do mundo, durante todo o século XX, tinham (sic) algumas das características básicas que poderiam ser consideradas constituidoras de uma concepção de escola de educação integral (CAVALIERE, 2002, p. 251).

Em todo o caso, a intervenção tornar-se-á mais concreta quando a ligação entre o direito e a democracia obtiver do Estado a provisão desse bem, seja para garantir a igualdade de oportunidades, seja para, uma vez mantido esse objetivo, intervir no domínio das desigualdades, que nascem do conflito

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

da distribuição capitalista da riqueza, e progressivamente reduzir as desigualdades.

A Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro distribuiu mensagens de apresentação com a seguinte descrição: com o objetivo geral de dar um salto na qualidade da Educação no Rio de Janeiro, a Secretaria Municipal de Educação tem como missão a elaboração da política educacional do município do Rio de Janeiro, coordenar a sua implantação e avaliar os resultados. Dessa forma, a SME vai assegurar a excelência na Educação no Ensino Fundamental e na Educação Infantil, de maneira a contribuir para formar indivíduos autônomos e habilitados a se desenvolver profissionalmente e como cidadãos.

Para um olhar mais apropriado da SME/RJ é recomendável que se observem evidências numéricas, a saber: 1.070 escolas, 249 creches públicas municipais em horário integral, 98 unidades escolares que atendem na modalidade creche, 178 creches conveniadas, 69 espaços de desenvolvimento infantil. Alunos matriculados: Total Geral: 689.652 alunos matriculados, Educação Infantil, Creche: 61.569 alunos, Pré-escola: 73.112 alunos, Ensino Fundamental 1º segmento: 300.423 (1º ao 5º ano), 2º segmento: 240.806 alunos (6º ao 9º ano), Educação Especial, alunos em classes especiais: 4.980, alunos incluídos em classes regulares do ensino fundamental: 6.307, Total de alunos do Ensino Fundamental: 541.229, Programa de Educação de Jovens e Adultos/EJA: 30.853 alunos. Unidades de Extensão: clubes escolares: 12, núcleo de artes: 10, polos de educação pelo, trabalho: 18, atendidos por: - 41.259 professores - 17.651 professores I, - 21.759 professores II, - 1.849 professores de Educação Infantil, 6.158 agentes auxiliares de creche, 10.360 funcionários de apoio administrativo. * Última atualização em 4 de Maio de 2012.

Escolas vocacionadas para o esporte

Para Sammons (1999), os resultados das pesquisas na busca pela qualidade na educação ainda não fornecem um projeto ou receita pronta para criação de escolas mais

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

eficazes e não devem ser empregados mecanicamente e sem referência ao contexto particular de cada escola. Podem, contudo, serem vistos como um ponto de partida útil para a autoavaliação das mesmas, sem, no entanto, configurar alicerce para uma política educacional que enfatize uma busca por “excelência em avaliação” em detrimento a uma formação completa, integrada e autônoma dos cidadãos.

Hoje, em boa parte dos países europeus e mesmo latino-americanos, a discussão do direito à educação escolar ainda é o norte pelo qual as pessoas lutam para reduzir as desigualdades e eliminar as diferenças discriminatórias.

Fruto do lugar especial que a escola ocupa na sociedade e das alterações introduzidas no sistema educativo, entende-se que as escolas com vocação para o esporte deveriam merecer uma mais cuidada atenção por parte do Ministério da Educação e de outras instituições nacionais, regionais e locais vocacionadas para o desenvolvimento das comunidades e suas populações.

De fato, as atividades desportivas realizadas nas escolas articulam fatores essenciais para um processo de desenvolvimento desportivo mais justo e harmonioso.

É nesse projeto de escola que se concentram as pessoas com formação pedagógica e científica para levarem a cabo a tarefa de fazer do desporto uma atividade para todos, independentemente das capacidades de cada um ou das suas condições económicas, sociais e culturais.

Docentes e discentes em contato regular com a prática das atividades físicas e desportivas por um período muito mais longo do que o convencional.

A escola vocacionada, que tem o esporte como agente nuclear, abrange toda a população escolar, e garante de forma mais clara e eficaz os objetivos pedagógicos da formação desportiva através da interdisciplinaridade.

A aprendizagem escolar é uma atividade planejada, intencional e dirigida, e não algo casual e espontâneo (LIBÂNEO, 1994). O modelo vocacionado busca a possibilidade de dotar os alunos de uma cultura desportiva

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

capaz de alterar as suas mentalidades e de operar transformações significativas nos seus estilos de vida.

O esporte está inserido numa multiplicidade de ações, seja no jogo informal dos finais de semana, na ginástica das academias, nas caminhadas ecológicas, na dança de salão da terceira idade, nas brincadeiras em praças públicas. O esporte tem espaço para receber toda a gente, sem limites etários ou sociais; com objetivos de alto rendimento ou não; atuando com pessoas normais, dentro dos conceitos de saúde, ou com necessidades especiais.

Para Reverdito e Scaglia (2009, p. 25-26),

[...] uma construção para a prática pedagógica comprometida com a transformação e a manifestação da condição humana do sujeito, por meio das práticas esportivo corporais, indiscutivelmente facilitadoras na formação de sujeitos conscientes de suas responsabilidades sociais, críticos, autônomos, quando metodicamente conduzidas à reflexão na pedagogia, nas quais em muito transcende a simples práticas de movimentos corporais, métodos e conteúdos, capazes de estabelecer objetivos maiores e um ambiente que efetivamente promova o sujeito em sua totalidade potencial.

Em cada escola vocacionada, o desporto é concebido por um modelo diversificado nas suas ofertas, capaz de dar resposta às variadíssimas motivações dos diferentes alunos e de se ligar às suas comunidades locais, funcionando em colaboração com as autarquias, as associações e clubes desportivos.

Sendo assim, reflete-se que talvez a Educação e o Desporto consigam comprometer os jovens com a prática regular de atividades físicas e desportivas.

Modelo educacional GEO

O esporte é tratado, na literatura, como um fenômeno sociocultural, sendo considerado patrimônio da humanidade. Historicamente foram criadas diversas modalidades esportivas, que sofreram modificações até atingirmos o momento atual. Dos primeiros Jogos

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

Olimpícos da era moderna em 1896, idealizada pelo Barão de Coubertin, ao último, algumas modalidades deixaram de fazer parte do programa olímpico e em contrapartida, um grande número foi acrescentado, mostrando a capacidade de fortalecimento e expansão deste fenômeno (BARROSO; DARIDO, 2006).

Um modelo inovador de ensino de tempo integral, em escolas com qualidade pedagógica e excelência na preparação esportiva. Assim é o Ginásio Experimental Olímpico (GEO), programa da Prefeitura do Rio para alunos do 6º ao 8º anos, que começou a funcionar em 2012. Inspirado nos Jogos de 2016, o GEO dá toda condição aos alunos com aptidões esportivas para desenvolverem seu potencial, enquanto recebem um ensino de excelência. Além da unidade em Santa Teresa, já em funcionamento, mais três GEOs estão sendo construídos no Caju, em Pedra de Guaratiba e na Ilha do Governador, e ainda um Ginásio Experimental Paraolímpico, destinado aos alunos com deficiência, em Honório Gurgel.¹

Desse modo, o GEO visa a atuar com o esporte como matéria prima principal, desenvolvendo a educação pelo esporte, pois por meio dele, objetiva-se agir frente ao desenvolvimento humano e em suas interações com a sociedade.

O esporte é, portanto, reconhecido pela sua pluralidade como promotor de saúde, de educação e da formação humana. Sua representatividade pode-se dar formalmente, como transmissão de conhecimentos sistematizados e regras pré-definidas, ou ainda, informalmente, como bem cultural e prazer de quem o pratica.

Dentre os meios de organização desta Unidade Escolar destaca-se a máxima: aluno-atleta-cidadão e o tempo integral da escola que vem sendo uma acentuada referência para a vida das crianças e adolescentes. Na conjuntura, são pilares para a organização da vida em família e da sociedade em geral.

Ensinar esporte a todos - desenvolver competência para ensinar todas as pessoas, não apenas aquelas que julgamos

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

ser mais talentosas [...]. Ensinar esporte bem a todos - não basta ensinar de qualquer jeito, mas sim com a preocupação de que o praticante aprenda bem o esporte a que se dedica; Ensinar mais que esporte a todos - [...] O aluno que aprende esporte tem o direito de ser informado, de teorizar sobre o esporte e viver um processo metodológico que lhe permita levar ao plano da reflexão suas práticas; E ensinar a gostar do esporte - As práticas devem ser dinâmicas, alegres, livres, de acordo com as características típicas de uma criança ou de um adolescente. As práticas mecânicas, rotineiras e monótonas acabam por ensinar a não gostar do esporte (FREIRE, 2002, p. 94).

Já no que se diz respeito à tríade aluno-atleta-cidadão, entende-se como processo de conquista do direito à educação e reconhecimento de que o saber sistemático é mais do que uma importante herança cultural; pois o cidadão torna-se capaz de se apossar de padrões cognitivos e formativos pelos quais tem maiores possibilidades de participar dos destinos de sua sociedade e colaborar na sua transformação. Ter o domínio de tais conhecimentos é condição *sine qua non* a fim de poder alargar o campo e o horizonte desses e de novos conhecimentos.

No tocante de ser o GEO uma escola de horário integral, destacamos que o tempo é um elemento fundamental para a compreensão não apenas dos processos civilizatórios, num sentido mais amplo, mas também dos processos de criação, acumulação e distribuição de riquezas materiais e simbólicas nas sociedades.

Quando as oportunidades são oferecidas, damos a possibilidade para que as pessoas possam fazer as melhores escolhas quando das tomadas de decisão na sua vida.

Neste contexto, educar em valores pressupõe a clarificação, a promoção ou o fortalecimento dos valores por meio da criação de oportunidades para que as crianças e os jovens desenvolvam suas competências cognitivas, pessoais, sociais e produtivas, e que, conseqüentemente, insiram-se ativamente no meio social.

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

Tratando ainda da relação esporte e aluno-atleta-cidadão, entendemos que sozinho o esporte não é capaz de atuar plenamente na formação das pessoas, desta forma, para o programa torna-se fundamental a parceria de outras áreas do conhecimento humano de forma a compor a base estrutural dos envolvidos. Como eixos direcionadores observam-se: as artes, inglês, humanidades, exatas, promoção da saúde e treinamentos, atuantes interdisciplinarmente com o esporte. As características regionais também são previstas, neste contexto, alguns projetos têm outras áreas que se envolvem nesta parceria interdisciplinar.

A convivência praticada no desporto contribui para a inserção do educando no seu contexto social, incentiva que se estabeleçam os vínculos que influenciarão na sua formação. Cria condições sociais que ofereçam oportunidades (HOYOS, 2004), para determinadas práticas de cidadania, tais práticas permitem que o educando aprecie a convivência como valiosa na sua formação.

Educar à luz dos valores lógicos é dar imaginação sociológica (GIDDENS, 1997) aos conhecimentos racionais, e assim, reconhecer na sociedade, nos objetos, nas pessoas o conhecimento autêntico da realidade.

Metodologia

São diversos os métodos e as técnicas de coleta e análise de dados em uma abordagem qualitativa e, entre eles, a história de vida ocupa lugar de destaque. Através das experiências de vida pode-se captar o que acontece na intersecção do individual com o social, assim como permite que elementos do presente fundam-se a evocações passadas. “Somente a posteriori podem-se imputar, aos retalhos caóticos de vivência, as conexões de sentido que os convertem em ‘experiência’” (SOARES, 1994, p. 23).

A partir da complexidade do objeto de estudo, a decisão sobre a pesquisa não apontou outro caminho senão a de uma abordagem de natureza qualitativa, que proporciona uma visão mais ampla dos aspectos que se deseja investigar,

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

uma vez que a dinâmica sociocultural é permeada de fatos e valores mais dificilmente observáveis por intermédio de outras abordagens.

Denzin e Lincoln (2006) consideram a pesquisa qualitativa como sendo uma atividadesituada que localiza o observador no mundo. Logo, essas práticas e matérias interpretativas dãovisibilidade ao mundo, transformam-no em uma série de representações e significaçõesrealizadas pelos próprios sujeitos da ação.

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de matérias empíricas - estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produção culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais.[...]. Entende-se, contudo, que cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo. Logo, geralmente existe um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

Buscou-se o estudo exploratório, devido às particularidades do tema investigado, sendo assim, lançar mão de uma metodologia que favorecesse a interpretação em contexto e que possibilitasse, inclusive, aos futuros leitores, o desenvolvimento de novas ideias, significados e compreensões. A escolha pela etnometodologia deu-se pelo fato de estimular um novo olhar, focalizando a concepção singular da construção social, principalmente em relação à maneira como os dados são recolhidos e tratados.

Para Silva e Votre (2012), a etnometodologia liga-se ao campo da etnografia e traz algumas contribuições para o campo das pesquisas qualitativas que se interessam pelo estudo das desigualdades e exclusões sociais. E também por preocupar-se com situações cotidianas. Bem como por ressaltar que a cultura não é mero reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como um sistema, mediador entre as estruturas sociais e a ação humana. A etnometodologia

procura compreender os atores sociais como agentes ativos no processo de mudança social.

Cabe lembrar que se deve estar ciente dos avanços e recuos, da cronologia própria, e da fantasia e idealização que costumam permear narrativas quando elas envolvem lembranças, memórias e recordações. No entanto, como nos diz Bosi (1994), o que interessa quando trabalhamos com história de vida é a narrativa da vida de cada um, da maneira como ele a reconstrói e do modo como ele pretende seja sua, a vida assim narrada.

Por meio da observação participante, buscou-se reconstruir os processos que ocorrem na vida diária dos alunos do GEO. Esta metodologia colabora no diálogo do pesquisador com a dinâmica da escola, auxiliando-o a interpretar as ações que compõem a realidade cotidiana do campo de estudo.

Camargo (1984) complementa que o uso da história de vida possibilita apreender a cultura “do lado de dentro”; constituindo-se em instrumento valioso, uma vez que se coloca justamente no ponto de intersecção das relações entre o que é exterior ao indivíduo e aquilo que ele traz dentro de si. O mesmo pensa Cipriani (1988) quando considera o “livre fluir do discurso”, condição indispensável para que vivências pessoais desponham profundamente entranhadas no social, o processo de “escavação do microcosmo” deixa entrever o “macrocosmo”, o universal mostra-se invariavelmente presente no singular.

O Campo - A Escola Municipal

O campo da escola tem as suas especificidades. Suas múltiplas faces constituem um novo paradigma de escola, que por conta da sua infraestrutura física e profissional diferencia-se das demais escolas da Rede Municipal do Rio de Janeiro. Porém, como qualquer outro campo, é mediado, também, pelos atores que nele atuam. Não é possível, portanto, apreender os sentidos construídos na escola sem estabelecer relações entre as várias estruturas que a norteiam.

A missão: formar alunos-atletas-cidadãos na rede municipal do Rio de Janeiro é uma das estruturas que mediam as relações na escola. Através dela é que se estabelecem interações em torno dos objetivos, formas e função social do conhecimento - objeto da educação escolar.

Na pesquisa qualitativa, o campo é visto de uma maneira mais ampla, constituindo-se em um “recorte espacial correspondente à abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico correspondente ao objeto de investigação” (MINAYO, 1993, p. 105).

Entendemos que a pesquisa tem suas peculiaridades, dessa forma buscou-se compreender a dimensão do processo educativo a partir de suas características, a saber: uma escola de tempo integral, vocacionada para o esporte; que integra a formação acadêmica e esportiva formando aluno-atleta-cidadão; orientada por estratégias problematizadoras; por relações dialógicas e participativas; potencializando protagonismo juvenil; e apoiando a construção de um projeto de vida esportivo. Esses aspectos serviram como ponto de partida, ao se buscar conhecer a proposta de ensino dessa instituição.

A concepção de educação, de ensino e de currículo expressa nos documentos que fundamentam a proposta educacional da escola, subsidiaram a construção do material de análise, inclusive foram decisivas na escolha do lócus da pesquisa. Foram considerados, ainda, os princípios de autonomia e de prática coletiva que orientam a proposta de trabalho, ancorada na dimensão de “escola de excelência acadêmica”, na qual se sustenta a proposta da escola vocacionada para o esporte.

Com o intuito de fazer as observações, registros e entrevistas os pesquisadores estiveram na escola uma vez por semana, sempre ao final do primeiro turno, às terças-feiras. Foram efetuadas observações nos momentos de treinamento. Entre 10h30min e 12h. Esses registros buscavam aproximar e observar os treinos e os prováveis alunos participantes da pesquisa. Conforme orientou a literatura, mais do que nas palavras, observou-se, com atenção, os pequenos conflitos, frases, ações

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

práticas, propostas de culminâncias. Enfim, todas essas ações que pudessem auxiliar na construção do objeto de estudo.

Abastecido de um vasto compêndio de informações, o que representava ter em mãos importantes elementos para escolha dos atores principais do projeto, mas também o risco de perder o foco da pesquisa, foi necessário redobrar a atenção ao que, de fato, expressava de forma mais ou menos explícita o tema que se procurava investigar: as questões relacionadas às interpretações da máxima: aluno-atleta-cidadão.

Entendendo que a dinâmica escolar não se constitui de forma homogênea, a investigação foi realizada utilizando formas de abordagem que permitissem uma aproximação com os diversos setores da escola. Sendo assim, além da pesquisa bibliográfica exploraram-se os diálogos e ideias que, embora significativos, nem sempre estabelecem uniformidade e homogeneidade para os processos que na escola ocorrem. Dessa forma, os pesquisadores se posicionaram em diversos espaços desportivos da escola, buscando compreender melhor a construção de significados que são partilhados pelos alunos, pelos professores e demais atores.

O pesquisador contou com a colaboração da professora de humanidades no recorte da amostra, sendo assim, foram escolhidos 10 (dez) alunos, sendo 5 (cinco) meninos e 5 (cinco) meninas. Sendo 4 (quatro) alunos do oitavo, 5 (cinco) do sétimo e 1(um) do sexto ano. O recorte foi intencional, pois baseado nas informações descritas anteriormente buscou-se trabalhar com os alunos que segundo a professora poderiam favorecer aos pesquisadores com uma gama maior informação. O instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada. As falas foram gravadas em fitas cassete.

As pesquisas científicas que envolvem a participação de indivíduos em seus protocolos não raro se defrontam com dilemas de ordem ética, cuja solução requer uma reflexão cuidadosa, apoiada por preceitos já estabelecidos por resoluções e pelo bom senso por parte dos pesquisadores.

Resultados e discussão

Criar sinergias entre educação e esporte, diversidade cultural, pluralismo de valores e diferenciação identitária, sem dúvida, é um processo que requer superar ações cristalizadas ao longo da história. Mas, significa, sobretudo, a definição de metas e estratégias que potencializem a superação das desigualdades sociais.

A Educação para os direitos humanos, na ótica do pensamento de Paulo Freire (2002), busca dialogar com os vários saberes que circundam o universo de possibilidades de compreensão do mundo. Nesse sentido, o esporte se apresenta, enquanto prática social, como um desses saberes que promovem a compreensão do mundo. Por se constituir numa prática ligada ao desempenho atlético, à emoção e a valores éticos e morais, visa o desenvolvimento integral do indivíduo, a formação para a cidadania e o lazer, congregando assim, os elementos necessários a se constituir em valioso instrumento pedagógico nos sistemas formais e não formais de ensino (VARGAS, 1995; TUBINO, 1991, 2011).

Os alunos do GEO também têm a sua percepção em relação ao conceito de aluno-atleta-cidadão, que sabiamente foi interpretado de várias formas o que originou em cinco categorias. Ser aluno-atleta-cidadão implica basicamente para eles em: lutar pelos seus sonhos, respeitar regras, nunca desistir dos seus objetivos, respeitar o próximo e cumprir com os deveres.

O objetivo das Nações Unidas de utilizar o esporte como aliado não é a criação de novos campeões ou o desenvolvimento do esporte, mas a utilização do esporte como facilitador da participação, da inclusão e da cidadania, inserindo-o em atividades mais abrangentes do desenvolvimento e da construção da paz (NAÇÕES UNIDAS, 2003 apud COSTA, 2006 p. 2).

Desse modo, após cotejamento dos relatos cinco categorias foram construídas durante o processo, bem como os fragmentos textuais onde se ancoram.

De acordo com os apontamentos etnometodológicos, a comunicação preexistente na escola é construída através dos símbolos produzidos e acordados.

Segundo Coulon (1995), alguém que, tendo incorporado os etnométodos de um grupo social considerado, exhibe “naturalmente” a competência social que o agrega a esse grupo e lhe permite fazer-se reconhecer.

Os discursos não só refletem ou representam as entidades e relações sociais, elas as constroem ou as “constituem”; discursos diferentes constituem entidades-chaves em maneiras diferenciadas e posicionam pessoas em maneiras diferentes como sujeitos sociais (FAIRCLOUGH, 1997).

1ª Categoria: lutar pelos seus sonhos

Os esportes proporcionam a inclusão e a facilidade de sua prática sem muitos investimentos. É ao redor dos campinhos, das áreas livres, nas quadras das escolas que se formam as pequenas comunidades. Independentemente do esporte escolhido, o fenômeno atrai os olhares, aumenta a paixão e mais ainda, faz brotar sonhos de uma carreira rica e famosa.

Para o grupo pesquisado, o esporte é uma questão político-social, pois ele pode ser usado como instrumento de transformação social e emancipação humana. Sobre esse pressuposto Tubino (1992, p. 40) afirma o seguinte: “o esporte deixou de perspectivar-se apenas no rendimento e conseguiu também incorporar os sentidos educativos e do bem-estar social”. Em outras palavras, o esporte não é mais apenas uma prática motora que visa à competição ou ao alto rendimento, mas quando bem objetivado, pode se tornar uma ferramenta imprescindível para a transformação social.

Cavalli (2007), em seu trabalho de pesquisa defende, ainda, que a criança ou adolescente que tem contato com o esporte produz transformações significantes e gratificantes em comunidades totalmente carentes de atenção e oportunidades. Gratificantes por gerar, através de projetos esportivos de cunho social, o bem-estar das pessoas nele envolvidas não somente fisicamente, mas mental e socialmente.

2ª Categoria: respeitar as regras

Num período em que a sociedade e a cultura contemporânea caracterizam-se pela transitoriedade, pela aleatoriedade, isto é, pela randomização dos saberes e das práticas, o pluralismo e o verdadeiro relativismo axiológico, no qual nos encontramos, caracteriza, por assim dizer, a nossa sociedade. Desta forma, assim como na educação, no esporte os estudos dos valores sociais e morais também se fazem necessários e, por que não dizer, indispensável.

Sendo assim, a escola deve ser consciente de seu papel instrutivo e formativo na transmissão de valores, mas não qualquer valor, mas valores que constituem a base ética comum, aqueles que formam o caráter das pessoas, considerados valores morais universais. Entretanto, essa transmissão não é fácil, pois envolve muitos fatores como as manifestações afetivas e sociais. Porém, esses valores são internalizados por meio de vivências repetidas, segundo Araújo¹ (2000) apud Trevisol(2009), “nessa concepção [...] os valores nem estão pré-determinados nem são simples internalizações (de fora para dentro), mas resultantes das ações do sujeito sobre o mundo objetivo e subjetivo em que ele vive”, o que torna um trabalho árduo e persistente pelos educadores, ainda mais que estamos em uma acelerada transformação social (TARDELI, 2009).

Corroborando essa ideia, encontramos nos alunos do GEO uma grande aderência às questões relacionadas ao respeito às regras. Bem sabemos que a escola internalizou através de suas atividades diárias valores que se tornam cada vez mais fortes entre os alunos. Destacamos ainda que há uma nova orientação, na qual as áreas que se relacionam com o movimento humano não podem estar de fora do contexto social, político, econômico, cultural e humanitário. Para tanto, devemos compreender quais valores buscamos e queremos para nós mesmos, assim como, que valores devem reger o desenvolvimento do esporte na atual conjuntura social.

Para Queirós (2004), o homem se desenvolve sob a influência de uma ordem de valores, sendo assim, podemos

pensar que se todo e qualquer processo de formação do ser humano visar ao aperfeiçoamento ou ao desenvolvimento pleno, não somente de crianças e jovens, mas também da sociedade como um todo, então, o esporte enquanto atividade social, desenvolvido à luz de princípios e referenciado por objetivos, também se vê pautado por um quadro de valores, de mensagens e de comunicações que são indispensáveis à formação humana.

3ª Categoria: nunca desistir de seus objetivos

Na visão dos nossos entrevistados o GEO vem sendo visto como única oportunidade viável de os alunos realizarem atividades que exijam esforços físicos com algum significado, e que também os informem sobre a importância de conhecer os componentes que influenciam no seu estilo de vida e como administrá-los de forma saudável.

Durante a permanência no campo, observou-se, ainda, que a escola vem sendo um dos ambientes ideais para proporcionar a aprendizagem de bons hábitos, é a disciplina mais apropriada para repassar aos jovens atitudes positivas, e o principal meio de compreenderem o porquê da necessidade de se aprender a cultura corporal. As aulas versam sobre os cuidados com o corpo e com a saúde, através de informação e da prática proporcionada de forma direcionada e bem orientada.

Vários autores têm percebido o esporte como um dos maiores fenômenos sociais (RÚBIO, 2004). O esporte ganhou no senso comum uma imagem de passaporte para a ascensão social (SILVEIRA, 2007). Seja por influência da mídia, onde há uma divulgação de histórias de jogadores famosos que saíram de classes inferiores, seja por influência dos pais ou até mesmo de projetos sociais, algumas crianças pobres e jovens pobres veem no esporte uma possibilidade de escapar do seu destino de operário ou trabalhador.

4ª Categoria: respeitar o próximo

A fala dos alunos GEO caracteriza-se pelo cooperativismo em equipe, pela formação de companheirismo e união, respeito e aceitação, da vitória ou da derrota.

Durante as entrevistas foi possível verificar que as amizades têm um alto grau de importância, e que o grupo entrevistado exerce extrema influência no relacionamento com os demais adolescentes.

De acordo com os resultados obtidos na pesquisa constatou-se que os valores morais correlacionam-se positivamente com as atitudes pró-sociais (socialmente positivas), diferente das atitudes antissociais (socialmente negativas). Da mesma maneira, os valores de competência, obtiveram correlações positivas com atitudes pró-sociais e negativas com as antissociais.

Os valores morais, segundo Cabanas (1996), são princípios básicos da ética que permitem buscar critérios para definirmos o que é ser bom correto ou moralmente certo, como por exemplo, a honestidade, honra e lealdade. O respeito pelas pessoas é um princípio que norteia os meios de ação moral, podendo ser um fim ou um ideal para a ação (KOHLBERG, 2006).

Notou-se ainda que, através dos amigos e dos professores, os jovens conversam, trocam informações, tiram dúvidas, encontram liberdade para falar de assuntos que talvez não o fizessem em outro espaço. Qualquer instrução de valores e convivência social inicia a mudança de visão de si mesmo, das pessoas à sua volta, do lugar onde vive, aprende-se a se aceitar com valor, e, ainda, torna-se mais fácil ser aceito pela sociedade.

Portanto, observou-se nos alunos do GEO que a escola está contribuindo com o aprendizado para viver em sociedade, aceitar os desiguais, reconhecer o melhor e o pior, os pontos fortes e os pontos fracos.

5ª Categoria: cumprir com os deveres

O resultado encontrado mostrou que os alunos do GEO possuem valores que se referem à responsabilidade, participação, desempenho, dedicação, valorização de si, o autoconhecimento, a autoestima e a convivência familiar.

Pierre Bourdieu coloca que o campo esportivo constitui uma arena de lutas simbólicas e é de fato onde se contrapõem forças e interesses consolidados, pelo capital e pelas diferenças de capital simbólico entre os sujeitos, onde operam os mecanismos que distinguem dominantes e dominados (BOURDIEU, 2000).

Mesmo sendo um direito constitucionalmente assegurado à população, o esporte carece de locais com profissionais para dirigir e desenvolver as práticas esportivas (MARQUES, 2007). Por isso da necessidade de disseminação do esporte e de seus valores por meio de políticas públicas esportivas.

Considerações finais

Dialogar sobre educação integral e de uma escola vocacionada para o esporte, longe de se constituir em modismo em nossa educação pública, compreende a formulação de questões relevantes e atuais, se quisermos pensar nas diversas proposições e formulações existentes, para além dos slogans educativos contemporâneos e do modo superficial como, muitas vezes, o tema da educação integral é trazido às discussões.

Trazer à tona a educação integral e o desenvolvimento do esporte em uma escola em tempo integral implica um compromisso com a educação pública que extrapole interesses políticos partidários imediatos; que se vincule politicamente numa perspectiva de desenvolvimento de uma instituição pública que cumpra com sua função social, qual seja, a de educar, socializar e transformar as novas gerações, permitindo-lhes o acesso aos conhecimentos historicamente acumulados, contextualizando-os e contribuindo na ampliação do capital simbólico existente, propiciando às crianças e jovens conhecer o mundo em que vivem e compreender suas contradições, o

que lhes possibilitará a sua apropriação e transformação como agentes ativos que são.

Com base nos resultados encontrados, tendo-se em vista que os objetivos do estudo foram identificar e descrever as impressões e as representações dos alunos quanto à máxima aluno-atleta-cidadão, analisar os sentidos e significados que eles atribuem ao conceito aluno-atleta-cidadão, verificou-se que as atitudes dos jovens podem ser determinadas em razão do clima motivacional do esporte, das aulas, do meio em que estão inseridos, pelas regras do jogo, pela forma com que os professores transmitem seus valores, percebe-se que há um clima harmônico entre os diversos atores que compõem o cotidiano escolar. Porém, pôde-se perceber a importante ferramenta que o esporte proporciona à equipe gestora, professores e treinadores da escola na transmissão e (re)construção de valores.

Referências

- BOBBIO, N. *A Era dos direitos*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- BOSI, E. *Memória e sociedade*. lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, P. *O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação*. Campinas: Papirus, 2000.
- CAMARGO, A. Os Usos da História Oral e da História de Vida: trabalhando com elites políticas. *Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, v.27, n.1, p. 5-28, 1984.
- CAPARROZ, F.E. O Esporte como conteúdo da educação física: uma “jogada desconcertante” que não “entorta” só nossas “colunas”, mas também nossos discursos. *Perspectivas em Educação Física Escolar*, Niterói, v. 2, n. 1 (suplemento), 2001.
- CAVALLI, M. O; ARAÚJO, M. L.; CAVALLI, A. S. Um passo adiante no Olimpismo: projetos esportivos de cunho social como agentes de transformação e emancipação humana. Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos (GPEO). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Brasil. Disponível em: <<http://olympicstudies.uab.es/brasil/pdf/28.pdf>> - acesso em 27/11/2012.
- CIPRIANI, R. Biografia e Cultura - da religião à política. In: VON SIMSON, O (org). Experimentos com Histórias de Vida: Itália-

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

- Brasil. São Paulo: Vértice, 1988.
- DELORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC, UNESCO, 2004.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Org). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Bookman e Artmed, 2006.
- FAIRCLOUGH, N. Critical discourse analysis in the 1990s: challenges and responses. In: Emilia Ribeiro Pedro (org.) *Discourse Analysis Proceedings of the 1st International Conference On Discourse Analysis*. Lisboa: Edições Colibri, 1997.
- FREIRE, J.B. Pedagogia do esporte. In: MOREIRA, W.W. *Fenômeno esportivo no início de um novo milênio*. Piracicaba: Artmed, 2002.
- FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- HOYOS, G.; Martinez, M. (Coord.) *¿Que significa educar em valores hoy?* Barcelona: Octaedro, 2004.
- LIBÂNEO, J.C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* São Paulo: Cortez, 1998.
- OLIVEIRA, R.P; ARAUJO, G.C. Qualidade do ensino: uma nova dimensão da luta pelo direito à educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 5-23, jan./dez. 2005.
- MARQUES, R. F. R. Esporte e Qualidade de vida: reflexão sociológica. 2007. 160 f. *Dissertação (Mestrado)* - Curso de Pós-graduação em Educação Física, Unicamp, Campinas, 2007.
- QUEIROZ, P. Por um novo enquadramento axiológico na participação de crianças e jovens no desporto. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, Go (Orgs.). *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades*. Porto Alegre: UFRGS, p. 187-198, 2004.
- REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. *Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão*. São Paulo: Phorte, 2009.
- RIO DE JANEIRO (Município). Secretaria Municipal de Educação. <<http://www.tcm.rj.gov.br/sme>>. Acessado em 10/11/12. Rio de Janeiro, Outubro de 2012.
- RUBIO, K. Rendimento esportivo ou rendimento humano?: o que busca a psicologia do esporte? *Psicol. Am. Lat.* n° 1, fev. 2004.
- SAMMONS, P. *School effectiveness: coming of age in the twenty-first century*. Lisse: Swets&Zeitlinger, 1999.
- SILVA, C. A. F.; VOTRE, S. J. (Orgs.). *Etnometodologias*. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2012.

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

- SILVEIRA, J. Desenvolvimento humano, responsabilidade social e educação no capitalismo: investigando o programa “Educação Pelo Esporte” do Instituto Ayrton Senna. *Dissertação (Mestrado em Educação Física)* – Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- SOARES, L.E. *O Rigor da Indisciplina: ensaios de antropologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1994.
- TARDELI, D. D’A. *Crises de valores ou valores em crise?* Porto Alegre: Artmed, 2009.
- TEMPO DE ESCOLA E QUALIDADE NA EDUCAÇÃO PÚBLICA ANA MARIA CAVALIERE* *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1015-1035, out. 2007 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006. Acessado em 21/10/12.
- THOMAS, J. NELSON, J. SILVERMAN, S. J. Métodos de pesquisa em atividades físicas. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- TREVISOL, M. *Crises de valores ou valores em crise?* Porto Alegre: Artmed, 2009.
- TUBINO, M. J. G. Professor X Atleta. Rio de Janeiro, *Revista Nadar*, n. 82, p. 26, jan., 1995.
- TUBINO, M. J. G. *Dimensões sociais do esporte*. São Paulo: Cortez: Autores Associados (Coleção polêmicas do nosso tempo, v. 44), 1992.
- VARGAS, A. L. S. *A Educação Física e o corpo: a busca da identidade*. Rio de Janeiro: Sprint, 1990.

Nota

- ¹Disponível em: <<http://rio-negocios.com/rio-integra-esporte-e-educacao/10/03/2012>>. Acesso em: 15 de maio 2012).

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

CAPÍTULO 2

ASPECTOS ETNOMETODOLÓGICOS E AÇÕES COTIDIANAS NO GEO

Carlos Alberto Figueiredo da Silva



Figura 2. Corredor com armários do Ginásio Experimental Olímpico. Fonte: própria.

Introdução

A etnometodologia é uma corrente da sociologia surgida na Califórnia nos anos 1960. A obra de Harold Garfinkel (1984) – *Studies in Ethnomethodology*, é considerada como o marco inicial nesta corrente, que provoca uma reviravolta na sociologia tradicional. Além da concepção singular da construção social, ataca a maneira como os dados são recolhidos e tratados. Para a etnometodologia, a abordagem quantitativa que só se preocupa com a entrada e a saída dos dados sem observar o processo como eles são edificados não reflete adequadamente o modo de construção da realidade.

A nova corrente representa uma ruptura tanto na perspectiva da pesquisa quanto na postura intelectual do pesquisador. Admite por hipótese que todos somos sociólogos em estado prático, de modo que o real já se acha compreendido e descrito pelas pessoas comuns, e que cada grupo social é capaz de compreender-se, comentar-se e analisar-se.

O *corpus* da pesquisa etnometodológica é o conjunto dos etnométodos. A palavra *etno-metodologia* significa o estudo dos etnométodos. A etnometodologia é o estudo dos métodos de que todo indivíduo se utiliza para descrever, interpretar e construir o mundo social. Etno sugere que um membro dispõe do saber de senso comum de sua sociedade enquanto saber do que quer que seja. Etnométodos então compreendem uma lógica do senso comum. Etnometodologia corresponde a um raciocínio sociológico prático, empregado pelos membros comuns da sociedade, observados na gestão corrente de suas atividades diárias.

A etnometodologia privilegia as abordagens microsociais dos fenômenos, dando maior importância à compreensão do que à explicação. As descrições que os atores sociais fazem dos fatos que os cercam são valorizadas, e são essas descrições que passam a ser o objeto essencial da pesquisa etnometodológica.

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

Portanto, o ator passa a ser concebido como autor, pois o papel que representa não é imposto pela sociedade, mas construído também por ele a partir das interações que agencia no seu dia adia. Suas descrições e a compreensão que tem da realidade são, em última instância, o cerne dos estudos da etnometodologia.

Garfinkel tem em TalcottParsons e Alfred Schütz (da fenomenologia social) suas fontes principais. Ao criticar a *teoria da ação* de Parsons, introduz a noção de que o ator social “não é somente esse incapaz de julgamento que se limitaria a reproduzir - sem ter consciência disso - as normas culturais e sociais que, previamente, teria interiorizado”. (COULON, 1995b, p. 24).

Parsons propôs que as motivações dos atores sociais são integradas em modelos normativos que regulariam as condutas e as apreciações recíprocas. No quadro dessa proposta, um sistema interiorizado e inconsciente governaria os nossos comportamentos e nossos pensamentos. Os símbolos tomariam sentido em totalidades como a linguagem, que preexiste a nossos encontros, como sistema de referência e como recurso eterno, inexaurível e estável. Parsons passa por uma reinterpretação no que se refere ao caráter normativo. Assim, para a etnometodologia, a relação entre ator social e situação não se deve a conteúdos culturais nem a normas, mas será produzida por processos de interpretação.

Para Parsons, o ator submete-se às normas sociais, que, por sua vez, determinam suas ações. O ator fica, então, privado de *reflexividade* e, por esta razão, é incapaz de analisar sua relação de dependência a esse conjunto de normas. Ao invés de considerar a reflexividade como obstáculo, Garfinkel coloca-a como primeira condição para compreender a ordem social. O ator deixa então de ser concebido como se agisse exclusivamente segundo um sistema de normas. Tais normas estão presentes e o influenciam; entretanto, ele interage com elas interpretando-as, ajustando-as às contingências e modificando-as.

A partir de e em oposição a Parsons, Garfinkel concebe

o ator como sujeito ativo na construção da realidade, introduzindo o conceito de reflexividade. De Schütz incorpora a tese da *reciprocidade das perspectivas* (SCHÜTZ, 1962). Para Schütz, o mundo social é o mundo da vida cotidiana, intersubjetivo, o mundo das rotinas. Apesar de os indivíduos nunca terem experiências idênticas, pois cada um deles tem um modo próprio de interpretar, eles supõem que as experiências sejam idênticas, para fins práticos.

É Schütz quem apresenta a noção de compreender (*verstehen*) em contraste com explicar, e quem propõe o estudo dos processos de interpretação que utilizamos em nossa vida de todo dia, para darmos sentido às nossas ações e às ações dos outros. Segundo a compreensão de Schütz, a linguagem esconde todo um tesouro de tipos e características pré-constituídos de essência social, que abrigam conteúdos inexplorados. O mundo social é vivido por pessoas que não têm nenhum interesse teórico, *a priori*, pela constituição do mundo: é um mundo intersubjetivo, de rotinas, em que a maioria dos atos da vida são, em geral, realizados de forma automatizada.

A realidade social é a soma total dos objetos e dos acontecimentos do mundo cultural e social, vivido pelo pensamento de senso comum de pessoas que vivem juntas numerosas relações de interação. Nós, agentes no cenário social, vivemos o mundo como um mundo ao mesmo tempo de cultura e natureza, não como um mundo privado, mas como um mundo intersubjetivo, ou seja, que nos é comum, que nos é dado ou que é potencialmente acessível a cada um de nós.

O conhecimento intersubjetivo se verifica porque as pessoas idealizam o mundo, trocando pontos de vista e pressupondo que há razões comuns que os movem a determinados tipos de comportamento e não a outros. A tese da reciprocidade das perspectivas permite compreender o caráter social da estrutura do mundo-vida de cada um. Vemos juntos a 'mesma coisa', a despeito de diferentes lugares sociais, de diferenças de sexo, idade, etnia e condição econômica. Por um processo de permanente ajuste,

dissipamos nossas divergências de percepção do mundo. De fato, isso só acontecerá se houver uma perspectiva de consenso, ou seja, um desejo de partilhar o mundo social.¹

Para a etnometodologia, deve-se, em primeiro lugar, levar em conta o ponto de vista dos agentes sociais, “pois é através do sentido que eles atribuem aos objetos, às situações, aos símbolos que os cercam, que os atores constroem seu mundo social” (COULON, 1995a, p. 15).

O conhecimento das práticas sociais é adquirido na experiência imediata, nas interações do cotidiano. O interacionismo simbólico, com a popularização dos métodos qualitativos de pesquisa de campo, adequados para estudar as reviravoltas sociais rápidas é uma fonte da etnometodologia. Em oposição a Durkheim, que considera as descrições dos atores sociais muito vagas, para ter valor sociológico, a etnometodologia toma as concepções dos agentes sociais como objeto essencial da pesquisa. Ela vai contra a estratégia de retirar dados de seu contexto a fim de torná-los objetivos. Insiste em que os recursos técnicos criam distância, afastam o pesquisador, em nome da própria objetividade, do mundo social que deseja estudar. Afirma que na experiência imediata da interação de todos os dias é que nos é concedido o autêntico conhecimento sociológico, levando em conta, em primeiro lugar, o ponto de vista dos agentes sociais.

A etnometodologia se interessa pelo papel criativo desempenhado pelos agentes na construção de sua vida cotidiana. Devota atenção especial aos pormenores dessa construção. Funda-se na tradição teórica segundo a qual os objetos sociais são construídos. Para a etnometodologia, damos sentido aos objetos no decurso de nossas interações. Mesmo os significados que gozam de estabilidade no tempo devem ser renegociados a cada nova interação. Interação é a ordem negociada, temporária, frágil, que deve ser permanentemente reconstruída a fim de interpretar o mundo.

Devem-se considerar os fatos sociais como realizações práticas. O fato social é um produto da contínua atividade dos seres humanos, que aplicam seus conhecimentos,

processos, regras de comportamento, cuja análise constitui a verdadeira tarefa do pesquisador.

Garfinkel vai se interessar exatamente pelo estudo das atividades práticas dos agentes sociais, em particular, do raciocínio prático que eles produzem.

Mostra que “os procedimentos de raciocínio do senso comum são idênticos àqueles que presidem a atividade científica” (COULON, 1995b, p. 16). Tanto os cientistas como os atores sociais têm problemas para serem elucidados e fazem isso se utilizando de uma *linguagem natural*, que apresenta uma série de termos indiciais. Esses termos indiciais aparecem na rotina e fazem com que a atitude natural dos agentes sociais, ao interagirem, transformem em familiaridade aquilo que era estranhamento. Ou seja, aquilo que é visto não é mais notado, pois os agentes em interação pressupõem e compartilham a visão de um mundo que é evidente. A função do pesquisador é ir ao encaço das características dos acontecimentos desse cotidiano e analisar essa metodologia empírica que dá sentido às atividades dos agentes sociais em interação.

Neste trabalho, a etnometodologia é utilizada como ponto-de-apoio para a compreensão do papel do Ginásio Experimental Olímpico (GEO) na rede municipal de ensino. Os principais conceitos utilizados são: a relatibilidade, a indicialidade, a reflexividade, a noção de membro, as formas normais cristalizadas e o caráter prospectivo e retrospectivo dos acontecimentos.

Procuro, na análise das entrevistas, captar o que acontece no dia a dia do GEO. Existe um tesouro a ser analisado nesse cotidiano empreendido pelos atores do GEO.

Representações sociais

Representações Sociais (RS), segundo Jodelet, são “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 1988, p. 36). Nesta conceituação, pode-se verificar a evolução no conceito das RS, a partir da contribuição de diversas

formas de pensar a construção das ideias pelo grupo social.

Não há distinção entre representações individuais e representações coletivas. O indivíduo é influenciado, mas também influencia a sociedade. É importante destacar a observação, em cada caso, do contexto e dos fatores que influenciaram determinado fato ou ação social. Jodelet diz que as RS são uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e “partilhada”. Ou seja, efetivamente, as RS são socialmente elaboradas; não obstante, elas também são partilhadas. Dessa forma, partilhar indica que os indivíduos são dotados de vontade. Ao partilharem uma regra, por exemplo, eles a adaptam às circunstâncias. Esta ideia de conduta cotidiana dos indivíduos é carregada de significação cultural. Assim, sociedade e ideias se condicionam mutuamente.

Esta visão é reforçada com o termo “senso comum”. O mesmo processo de abstrações, formalizações, categorizações, generalizações que os cientistas utilizam em seus estudos, as também realizam nas suas ações. A preocupação principal é compreender como os agentes sociais constroem suas representações.

Jodelet incorpora essa ideia ao dizer que as RS são uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo “uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

A linha interpretativa deste trabalho sugere, no entanto, outra maneira de se encarar o conhecimento que é construído na sociedade. Esse conhecimento, ideias, visões de mundo, senso comum, serão abordados, a partir de agora, não mais no sentido de que eles expressam ou representam a realidade, e sim no sentido de que eles constroem e causam a realidade.

Rorty (1992) introduz a noção de que a linguagem não apenas representa ou expressa a realidade, mas, de fato, a constrói ou contribui para a sua construção. A linguagem é capaz de criar a realidade à medida que vai se estruturando e se movimentando no sujeito. Por meio das palavras criamos uma imagem de discurso em nossa mente que, quase sempre, não representa exatamente a imagem de discurso do

interlocutor. Entretanto, a *reciprocidade das perspectivas* permite que os indivíduos busquem uma maneira de construir a realidade colocando-se no ponto de vista do outro.

Acontece, portanto, um descentramento do indivíduo, pois, ao interagir com a sociedade e com os outros, ele se coloca numa situação de troca de experiências, sem estar abstraído da realidade, nem apenas destinado a reproduzi-la.

Representações e imaginário social

As representações não só manifestam as tendências do grupo a que estão afiliados os sujeitos, mas também expressam a realidade intraindividual, e nesse sentido são estruturas estruturantes. Existe transformação social a partir do próprio indivíduo nas interações que ele realiza todos os dias em suas atividades, pois existe aí um poder de transformação e criação que está vinculado à sua afetividade, à sua linguagem, às suas relações. Ou seja, as representações sociais precisam ser remetidas ao contexto em que se dão para que se possa compreender o processo de sua gênese, mas não só a ele. É necessário observar também a perspectiva temporal.

Para Spink (1998, p. 122), a gênese de uma representação pode-se dar: (a) no tempo curto, isto é, nas interações do cotidiano; (b) no território do *habitus*, ou seja, o tempo vivido que abarca o processo de socialização; (c) e no tempo longo, ou do imaginário social. Diz que "estes conteúdos que circulam na sociedade podem ter sua origem tanto em produções culturais mais remotas, constituintes do imaginário social, quanto em produções locais e atuais". É nessa perspectiva que no trabalho ora desenvolvido indago como se constituem as representações e interpretações realizadas pelos atores do GEO em relação ao papel desta instituição para a rede municipal de ensino.

É imprescindível observar que esses três tempos mencionados por Spink concorrem concomitantemente para a edificação das representações sociais. Teves (1995, p. 46), em relação à interpretação do cotidiano, diz:

Entenda-se por cotidiano o conjunto complexo que

vai muito além do imediato, do empírico, do sensível, do atual, do perceptível. Enquanto conjunto, ele engloba o vivido, a subjetividade, as emoções, os hábitos, os afetos e ainda, as abstrações e imagens criadas e mantidas por aqueles que ali convivem.

Para Teves, a vida cotidiana não pode ser tratada como um subsistema no interior de um sistema mais amplo, pois, de fato, ela é a base sobre a qual o sistema representacional se constitui.

Votre (1998) esclarece que após o uso repetido de expressões metafóricas elas se transformam em senso comum e aí se reificam, ou seja, a partir do uso constante tornam-se metáforas adormecidas; o que é visto passa a não ser mais notado. Por conseguinte, os indivíduos acabam por agir sem se darem conta de que estão refletindo e construindo o seu mundo social. Este caráter reflexivo está presente em seus relatos, mas os atores sociais não se dão conta dessa reflexividade, pois não se preocupam em teorizar, agem, principalmente, com o objetivo de interpretar o mundo de forma prática. Desta forma, há uma diferença entre o processo de objetivação que o indivíduo do senso comum realiza no seu cotidiano e o processo de objetivação feito pelo pesquisador. Esta diferença encontra-se na preocupação do analista em observar a reflexividade dos relatos dos agentes sociais e promover uma análise desses relatos. O pesquisador deve se esforçar para compreender e identificar aquilo que nos escapa no nosso cotidiano.

Objetivação das metáforas

Pierre Bourdieu (1989), ao fazer alusão à observação participante (referindo-se ao interacionismo) em tom de crítica, diz que o pesquisador deve proceder a uma *objetivação participante* e não a uma observação participante, que o leva a se envolver demasiadamente com os membros, fazendo com que ele perca a visão crítica dos fenômenos. O processo de objetivação busca assim tornar concreto aquilo que é abstrato. Há que se enfatizar a distinção necessária entre raciocínio do indivíduo do senso

comum, e o esforço de objetivação do pesquisador.

O que se propõe, então, é uma objetivação por parte do pesquisador e não uma objetividade. Não se trata de extrair os dados indiciais e transformá-los em dados objetivos. A objetivação deve ter em conta o mergulho no contexto para interpretar e descrever tais dados; entretanto, esse mergulho deve dar-se de tal maneira que o pesquisador não perca a visão em perspectiva.

De acordo com Moscovici e Hewstone (1984), a objetivação das representações sociais se processa através da figuração, ontologização e da personificação. A figuração traduz conceitos em imagens e a ontologização atribui características de coisas ou seres às ideias e às palavras - por exemplo, quando a comunidade coloca um nome em uma epidemia de gripe, ou em um fenômeno da natureza, está realizando um processo de objetivação ao traduzir o conceito do fenômeno numa imagem à qual foi atribuída determinadas características.

Lakoff e Johnson (1980) aduzem que as metáforas são expressões do próprio processo de pensamento e não apenas figuras de estilo ou de retórica. Para estes autores é frequente numa cultura que conceitos mais abstratos sejam metaforicamente estruturados a partir de conceitos mais concretos. Tais conceitos produzem sentidos e são fatores estruturantes da experiência, ou seja, constroem a realidade.

Além dos processos de figuração e ontologização, Moscovici e Hewstone apontam o processo de personificação como sendo aquele que associa determinada teoria, evento, fenômeno, a um rosto que se torna símbolo.

Universo de significados compartilhados como unidade de análise

A necessidade de não reduzir a compreensão dos fenômenos sociais ao sentido individual que os agentes constroem leva-me a trabalhar com a ideia de que a subjetividade não é apenas individual, mas, sobretudo, coletiva. A vida social é uma construção interpretativa dos indivíduos, mas eles não estão isolados uns dos outros, nem das

instituições sociais. Assim, neste trabalho, uma categoria chave para compreender o objeto de estudo é a unidade de análise.

Se fosse trabalhar apenas com a subjetividade individual, tenderia a ver os indivíduos de forma muito mais autônoma e independente das instituições sociais do que, no meu ponto de vista, de fato, são. No extremo, poderia até admitir indivíduos preexistentes à sociedade. Esta seria uma concepção calcada nas ideias de que o indivíduo é a célula fundamental da sociedade. De forma a maximizar seus interesses, num determinado momento, os indivíduos fundariam a sociedade.²

Por outro lado, colocar a sociedade preexistente aos indivíduos é, no outro extremo, tornar o indivíduo totalmente determinado pela ordem cultural e moral já preexistente, da qual ele só tomaria parte reproduzindo-a.

Por conseguinte, não me interessa aqui por entender indivíduo e sociedade isolados um do outro, mas como se relacionam. Não posso abandonar a força da ação dos indivíduos na reprodução e transformação da sociedade, no entanto, a unidade de análise utilizada neste estudo não é o próprio indivíduo e sim os universos de significados compartilhados, que são construídos pelos atores do GEO, durante as interações, sobretudo, no plano simbólico.

Assim, o foco deste trabalho é analisar as teias de interação que fazem a mediação entre o indivíduo e a sociedade. A interação é essa “ordem” frágil que precisa ser continuamente renegociada e que propicia a constituição dos universos de significados compartilhados.

Este conceito permite-me trabalhar com a herança da razão individual, da ação dos indivíduos, mas também utilizar elementos do imaginário social e do processo de socialização (território do *habitus*) já que a ação individual se exerce em certa medida a partir das memórias sociais que são compartilhadas no cotidiano.

Como fatores na reprodução e transformação social, mantenho a criatividade (a ação dos indivíduos), bem como a memória social, e não destaco esta das relações com as subjetividades coletiva e individual. Desta forma, não apenas

os indivíduos interagem entre si, mas as coletividades têm impacto umas sobre as outras.

O representar e o fazer social

O representar social é constituído por uma dimensão identitária e por outra imaginária. Este representar social não está dissociado do fazer social. Neste trabalho observo a construção de ideias, de forma a encontrar determinados núcleos que se fixam no fazer social. Existe também um nível alusivo, metonímico, que se manifesta no agir humano. Busco captar as impressões do diaadia e das descrições do aparente, visando compreender os etnométodos que os indivíduos utilizam para construir o seu mundo social. Chamo a atenção para a dimensão de algo que nem sempre é notado. Assim, procuro analisar o literal, mas também o que ele esconde.

O estudo

Durante o período em que estivemos no GEO, muitas anotações foram feitas. Nas reuniões com os professores, percebemos a grande interação entre o corpo docente da escola. Entretanto, nosso foco estava, neste primeiro momento, voltado para as mães.

Logo nos primeiros momentos em que adentramos no GEO, verificamos a presença das mães para levar e buscar as crianças, a grande participação delas nas reuniões promovidas na escola e também a disponibilidade e atenção para conversar conosco.

Assim, propusemos um encontro em que poderiam dar suas opiniões sobre o GEO. Seguimos os preceitos da resolução 466/2012 e realizamos a reunião em março de 2014.

A metodologia utilizada foi a do grupo focal. Uma questão era colocada para o grupo, que então se manifestava livremente. As falas foram gravadas e posteriormente transcritas. Em seguida, buscamos os significados partilhados em relação ao GEO.

O primeiro significado partilhado entre as mães foi o reconhecimento do excelente trabalho desenvolvido no GEO, e como isto mudou a vida de seus filhos. Uma das mães diz:

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

“Eu acordo ele cedo, ele logo levanta, vai pula pro banheiro, bota a roupa, não reclama, ele gosta de vir, adora, adora, gosta de vir”.

Há um ritmo em sua fala. A representação denota o cotidiano. Ela e seu filho comungam da mesma emoção. Sua entonação demonstra profunda satisfação e reconhecimento do trabalho desenvolvido no GEO.

Este sentimento também é partilhado por outras mães.

“Aqui é a escola dos sonhos de qualquer mãe, porque aqui tem tudo o que a gente não poderia oferecer para eles; aqui tem. Meu filho ama futebol, ele adora, fica doido, também, tipo assim, tem outros esportes também”.

O GEO é uma escola vocacionada, onde o esporte ganha uma dimensão fundamental para o desenvolvimento das ações cotidianas. A mãe ressalta o amor do filho pelo futebol. Diz mesmo que ele fica doido, mas não é só o futebol. O GEO tem diversas modalidades esportivas, e a fala desta mãe reforça que a aprendizagem dos esportes, patrimônio histórico e cultural da humanidade, deveria ser democraticamente desfrutado por todos que o quisessem. No entanto, como diz a mãe: “aqui tem tudo o que a gente não poderia oferecer para eles”. Sua condição econômica seria um empecilho para oferecer aos filhos o que o GEO oferece. Mas e as outras mães e os outros filhos e filhas? Aquilo que ela não poderia oferecer para seu filho, outras mães também não o podem. Esta mãe reflete a partir de seu discurso a crueldade do dia a dia e as poucas oportunidades que pessoas pobres têm neste país. Esta característica de reflexividade, presente nos conceitos-chave da etnometodologia, possibilita compreender que a realidade está descrita nos relatos das pessoas que são membros de um grupo. O caráter reflexivo de seu discurso permite-nos estender para além dos muros desta escola o processo de desigualdade que nos cerca.

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

“[...] a melhor coisa que teve foi isso aqui, com certeza, ainda mais pra gente que é de comunidade carente, a gente não tem muita oportunidade”.

Este excerto da fala de outra mãe reforça o que disse a mãe anterior. O direito ao esporte e à educação são garantias constitucionais. Entretanto, as falas são recorrentes a uma dádiva. Dizem as mães:

“Eu só tenho a agradecer a Deus e ao Edmilson, e à equipe dele, que é uma equipe maravilhosa”.

“É um colégio muito bom, é o colégio que eu sempre pedi a Deus”

“[...] é a escola também que eu sempre queria, e Deus mandou”.

“Acho que ela foi fundada através de muitos sonhos, a gente sonha em pensamento e Deus manda”.

Deus tem sua parcela, de acordo com as mães, mas elas se incluem como força motriz. O segundo significado partilhado foi exatamente o GEO ser uma equipe, uma família.

“E nossa equipe, que sou mãe também, que não fosse através da gente, mãe, nós, estarmos juntos com eles, também, nada disso poderia estar acontecendo”.

Como uma equipe, uma família, o GEO cobra e é cobrado. Há grande interação entre os membros desta escola. A missão do GEO é conhecida por todos. A proposta pedagógica é discutida em reuniões frequentes. As discussões ocorrem, mas como diz uma das mães: “a gente não é cruel”.

“Às vezes a gente discute, a gente não é cruel. Minha filha diz: eu tenho a minha escola que é minha segunda família, eu tenho você que é minha mãe, mas você e a GEO não tem o que tirar. Porque o que a GEO cobra dela, por isso que hoje a GEO está onde está agradeço o quê?: as cobranças. A gente cobra porque você futuramente você vai cobrar alguém,

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

tem que cobrar pra ser cobrada futuramente, então, se a GEO não cobra é porque não é uma boa escola, se ela cobra é porque vê seu futuro, e ela não vai plantar espinho pra colher espinho a GEO planta a flor pra colher o quê?: a flor”.

A motivação das crianças pelo GEO está presente em todas as narrativas. As falas das mães indicam que é uma motivação intrínseca, que não depende de qualquer estímulo externo ou por obrigação. Os alunos desta escola, se pudessem, dormiriam lá.

“Minha filha disse: você tem como colocar ela integral sábado e domingo botar umas barraquinhas pra gente morar na escola, dormir, só ir pra casa no final de semana, ela falou isso pro Edmilson. Minha filha, você tá falando isso mesmo? Ela disse: tô. Eles gostam tanto da escola que, se deixar eles ficam aqui até anoitecer”.

“Tá cansada, tá remexendo. Ah! Mãe, tô toda quebrada. Mas levanta toma um banho parece que o astral deles quando vêm pra cá e vê a escola aberta parece que é um outro mundo, é outra casa pra eles, é uma casa, é uma família, o conforto que eles têm, o carinho que eles têm, o respeito que têm, eles são respeitados, eles têm tudo aqui dentro.

A regra é algo destacado também nas falas das mães. Sendo este mais um significado partilhado. Existe valorização da disciplina estimulada na escola. Há grande envolvimento dos atores para a manutenção dos objetivos que se espera atingir, e todas se mostraram envolvidas.

“Eles têm uma coisa de bom que é regra. Tem uma mãe que veio aqui, a reunião era na quarta-feira e ela veio aqui ontem. Aí o Edmilson pegou e falou: aí agora a reunião é só na próxima reunião. Ela tava reclamando: mas ele é muito rígido. Mas aí eu falei: tem que ter regra, mas ela falou assim: mas não é igual à outra escola que ele estudava. É uma escola única.

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

Nesta última fala, a mãe reforça um significado também partilhado: o GEO é uma escola única.

A escola integral é elogiada.

“Ela é uma escola que tem esporte, eu não preciso transportar minha filha de uma localidade pra outra, é menos um gasto. Se você bota em outra escola, que não é integral, você tem os esportes que é pago, é longe, não pode levar, aqui não, tem tudo aqui dentro, tudo que você proporciona para o seu filho; aqui existe. É pão, esporte. É tudo. Eu só tenho a agradecer”.

“Aqui é tempo integral, pra gente, fica mais tranquila, sabe que tá aqui dentro, que eles estão bem, não fica na rua pra lá e pra cá, nas outras escolas só tem meio período, aqui já é integral a melhor coisa que teve foi isso aqui”.

A angústia de se formar é outro significado partilhado pelas mães. A aproximação da formatura causa depressão nos alunos. No GEO encontraram algo único, uma família, uma equipe, regras, carinho, respeito, esporte, conforto. Ao final, vislumbram que este sonho pode terminar.

“Falta um ano pra ela terminar, ela já está em depressão, eu não sei como eu vou viver.

“Minha filha já está pensando quando ela terminar este ano.”

“Como ela vai sair daqui? Ela chorou com os alunos da formatura do nono ano, parecia que era ela que estava se formando, ela chorava junto com eles como quem diz: meu Deus, falta um ano pra mim, como eu vou sobreviver sem a GEO”.

“Não sabe pra onde vai, aqui você chora com a GEO você veste com a GEO você briga com a GEO é uma comunidade dentro de uma escola que é raro você encontrar; não existe”.

Aspectos etnometodológicos

As mães que participaram deste estudo possuem a linguagem natural do grupo. Utilizam-se de determinados códigos que vêm sendo construídos no dia a dia do GEO; um desses códigos é a regra.

A regra está no discurso de mães, alunos, professores, gestores, não como algo imposto de dentro para fora. Não há internalização de regras, mas sim regras que são encarnadas. Estas regras encarnadas são produtos das vivências e das interações que ocorrem no cotidiano da escola. Uma das mães chegou a dizer que elas também cobram, mas não são cruéis. Desta forma, há uma *accountability* evidente no grupo. Se observarmos a fala de uma mãe ao expor o problema que seu filho teve, a intervenção do diretor, as observações de outras mães, a expulsão dos meninos que fizeram bagunça, perceberemos que tudo isso marcou profundamente o grupo, gerando uma prestação de contas. De fato, a *accountability* caracteriza-se por esta prestação de contas que uns fazem aos outros. Vejamos o relato:

“Agora o Edmilson é uma excelente pessoa, no ano passado ele me ajudou muito num problema que meu filho teve, negócio de outras crianças que foram expulsas que tiveram de se retirar por causa da bagunça que fizeram. Ele foi, conversou, ouviu, eu falei, ele disse: vou ser justo, realmente ele foi justo. Tem assim a voz que fala que meu filho foi isso, foi privilegiado, mas não foi, ele só foi justo assim como ele falou”.

“A voz que fala”, que voz é essa? É uma voz que questiona, que quer satisfações, que incomoda a razão. A mãe presta conta a essa voz e também a outras vozes. Há uma avaliação de tudo o que ocorreu. Por esta razão, as regras no GEO não são internalizadas como se fossem decoradas; são, na verdade, encarnadas. Sentidas na própria pele, revestem-se de uma autoridade partilhada. Não são leis, são regras, pois a lei cria um espaço de transgressão e a regra move e

constrói o GEO. A regra só existe quando é partilhada.

A reflexividade dos discursos ficou muito bem caracterizada. As mães refletem o mundo social em que estão. Mas não é apenas reflexo; há reflexão. Se por um lado conseguimos construir uma imagem mental do GEO a partir dos relatos, temos também várias análises instauradas pelas mães. É uma reflexão prática, sem preocupações com a teorização. O valor desses relatos é incomensurável, pois traz tesouros escondidos, indícios, caminhos para que entendamos melhor o GEO.

As mães, ao relatarem, misturam suas próprias concepções com a fala dos filhos, do diretor, dos amigos. Apresentam um caráter por vezes prospectivo e, em outras ocasiões, retrospectivo. Isto ficou evidente quando começam a antecipar o momento da formatura, algo que lhes traz grande angústia. Esta prospecção é compartilhada com retrospectões, como, por exemplo, quando uma das mães lembra episódio passado em que outra mãe, que não comparecera à reunião e insistia com o diretor para ser atendida.

Podemos perceber que as mães não dizem o GEO. Para elas é a GÉO. Perguntei-lhes o porquê de mencionarem A GEO. A resposta foi simples. Disseram apenas:

“Eu acho que vem da gente, aquela coisa de chamar A GEO”.

Referências

- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
COULON, A. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1995a.
COULON, A. *Etnometodologia e educação*. Petrópolis: Vozes, 1995b.
GARFINKEL, H. *Studies in Ethnomethodology*. Cambridge, England: Polity Press, 1984.
JODELET, D. Représentations sociales: phénomènes, concept et théorie. In: FARR, R. & MOSCOVICI, S. (Orgs). *Social Representations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago:

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

- University of Chicago Press, 1980.
- MOSCIVICI, S.; HEWSTONE, M. De las ciencias humanas. In: MOSCOVICI, Serge (Org.). *Psychologies sociales*. Paris, PUF, 1984.
- RORTY, R. *Contigência, ironia e solidariedade*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.
- SCHÜTZ, A. *Collected Papers*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1962.
- SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, P. A. & JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- TEVES, N. Jogos escolares: a responsabilidade social do professor de educação física. In: VOTRE, S. J. et al. *Cultura, atividade corporal e esporte*. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1995.
- VOTRE, S. J. Etnografia da representação social em atividade físico-esportiva. In: VOTRE, S. J. (Org.). *Representação social do esporte e da atividade física: ensaios etnográficos*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto - INDESP, 1998.

Notas

¹ Sentidos e significados tidos-como-partilhados pelo grupo, já que existe o desejo de ajuste permanente.

²Ver Hobbes e Locke.

CAPÍTULO 3

COMO É A SUA CABEÇA? MULTILETRAMENTO E ESPORTE

Tânia Regina Pinto de Almeida



Figura 3. Quadros feitos de aço que blindavam as janelas das salas de aula. Fonte: própria.

Introdução

O multiletramento na escola na era digital busca oferecer uma atualização e acompanhamento da evolução tecnológica e os benefícios do uso didático das tecnologias. O desinteresse dos estudantes em diferentes níveis de escolarização pela leitura de livros constitui uma grande preocupação às escolas de hoje, quer em ambientes socialmente privilegiados, quer menos. Muitas vezes nós (educadores) fazemos listas do que os discentes devem ler (nos livros) ou nas telas dos computadores refletindo o nosso desejo de torná-los aquilo que queremos ou de cumprir o papel de transmitir a cultura de uma geração para outra. Então, surge o saudosismo em face do pretense paraíso perdido: “Ah, como era diferente no meu tempo!” Na verdade, o tempo flui, ainda que devagar, modificando os estados de coisas.

Em termos históricos, é preciso reconhecer que o trabalho do magistério estava associado a mídias. A escola utilizou em seu percurso sempre algum tipo de mídia para apoiar o processo de ensino/aprendizagem. O que se espera da instituição, atualmente, é que haja a integração das mídias antigas com as mais modernas, de maneira qualitativa e crítica, pois negar a influência destas culturas na escola seria um grande equívoco. Para que isso seja feito, a escola precisa repensar o seu papel diante do novo ambiente digital. Não se pode esquecer que a tecnologia é uma ferramenta a mais de auxílio ao trabalho pedagógico. Ela não substitui os outros recursos, nem os indivíduos envolvidos no processo.

Estudar é necessário para sobreviver na escola, mas unidos em grupos, os alunos podem ter, pelo menos, a intuição de que a sala de aula é uma arena, onde podem cooperar com o ritmo de avanço do professor no programa, negociar critérios de avaliação e muitas outras coisas, dando em troca - ao docente - várias recompensas, dentre elas o prestígio de poder ensinar a lidar com as novas tecnologias.

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

Diversas pesquisas têm procurado ao menos caracterizar essas novas gerações, chamadas de *net* ou *lapgeneration*. Elas são capazes de fazer uso de várias tecnologias da informação e comunicação ao mesmo tempo, agem com maior autonomia, têm mais iniciativa. A escola e o professor reconhecem que a educação precisa se aproximar da realidade, adaptando o âmbito pedagógico a uma sociedade em constante mudança. Sendo assim, possibilitar aos aprendizes o contato com os diversos suportes, com as linguagens e com os gêneros é uma atitude que faz parte do seu trabalho. Tais mudanças do mundo influenciam o sistema educativo da mesma forma que a escola tem um papel na inserção de cada indivíduo nesse contexto social.

Na opinião de vários professores entrevistados no GEO e em outras escolas, ratificamos o já constatado como professora de estudantes do 6º ano de escolaridade, que as crianças ficam entusiasmadas pela história e pelos jogos contextuais, propostos ao longo de cada volume o que se torna um desafio em toda a coleção.

Além dos jogos interativos e das brincadeiras inseridas estrategicamente no texto para chamar a atenção do leitor e, também, “descansá-lo” da leitura *exaustiva*, o autor procura incentivar outros interesses dentro do livro, tais como jogos e brincadeiras de caça-palavras, por exemplo. Acredita-se que, com essas estratégias, o leitor, ao invés de procurar diversão fora de sua leitura, encontra nela também um novo interesse: a brincadeira.

Precusores dos estudos da área textual, para Halliday e Hasan (1976, p.1), qualquer indivíduo é capaz de diferenciar um conjunto de frases de texto com o conhecimento de que este conceito aglomera mais do que um mero conjunto de frases. Texto pode ser definido como qualquer passagem falada ou escrita, independentemente de seu tamanho, com a condição de que um todo seja formado. Um texto é uma unidade da língua em uso.

O texto pode ser definido como uma unidade semântica, à medida que não é simplesmente constituído de frases, mas realizado por elas, ou seja, por seu conteúdo e significado.

Sabe-se que o falante não pode esperar encontrar a mesma integração estrutural que relaciona partes de um texto com a encontrada entre as partes de uma oração, já que a unidade textual obedece a outra lógica de análise. Esta unidade é chamada de textura – elo, entrelaçamento entre dois ou mais elementos no texto, ou seja, de formar um todo significativo. Dessa forma, a textura é conferida, a partir das características linguísticas presentes em um texto.

Ao longo dos anos de estudo e pesquisa, o conceito de texto passou a ser visto de diferentes formas. No primeiro momento, conforme podemos identificar a partir do estudo de Koch (2002) acerca do tema, o texto pode ser percebido como uma unidade linguística (do sistema) superior à frase; uma sucessão ou combinação de frases; uma cadeia de pronominalizações ininterruptas; uma cadeia isotópica (formada por um conjunto de construções semelhantes) e um complexo de proposições semânticas.

Nessa perspectiva, o texto deixa de ser entendido como uma estrutura acabada e passa a ser um processo de construção contínua, sendo resultado parcial de nossa atividade comunicativa – onde estão compreendidos processos, operações e estratégias que são postas em prática perante situações concretas de interação social. Portanto, é defendida a classificação de atividade verbal como produção textual, já que esta é feita com fins sociais e inserida em meios complexos de comunicação; compreendendo o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos, isto é, de uma atividade intencional que o falante empreende, tentando expor seus propósitos ao destinatário, por meio da manifestação verbal; além de ser uma atividade interacional, orientada para os demais componentes da comunicação que são considerados como envolvidos na atividade do produtor do texto.

Desta forma, então, podemos dizer, numa primeira aproximação, que textos são resultados de atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, em conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza.

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

O texto, segundo Koch (1992), é conceituado como uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos intencionalmente selecionados e ordenados em sequência, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas, a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais.

Esta concepção também é ratificada por Schmidt, em

[...] interação é qualquer expressão de um conjunto linguístico numa atividade de comunicação – no âmbito de um jogo de atuação comunicativa – tematicamente orientado e preenchendo uma função comunicativa reconhecível (SCHMIDT, 1972, p.170).

Ainda segundo Koch (2002), a atividade interativa textual não é realizada exclusivamente por meio dos elementos linguísticos presentes na superfície do texto, tampouco por seu modo de organização. Ela considera, também, o conhecimento de mundo do sujeito, incluindo seus hábitos culturais, sua história e suas formas de expressão, com a finalidade de construir os prováveis sentidos do evento comunicativo.

Tendo a noção de que o conceito de texto varia, conforme o sentido de língua e da pessoa que dele se apropria, toma-se como base o conceito de Koch (2002) que mostra a evolução deste exemplo do entendimento do processo e da linguagem.

Para a autora, a interação é a base do entendimento sobre o que vem a ser um texto. O texto é tomado como um evento no qual os sujeitos são vistos como agentes sociais que levam em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção de sentido dos textos que transitam em seu universo linguístico. Ressalte-se a constante frequência da relação locutor e interlocutor, já que a base do texto, atualmente, apoia-se nesta interação.

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

(...) se os fatos de linguagem têm caráter social, o processo / produto pelo qual se dá a interação entre os interlocutores é o texto. O texto está, pois, ligado a uma situação material concreta, como igualmente a um contexto mais amplo, que configura as condições de vida de uma dada comunidade linguística (BRANDÃO, 2003, p.10).

Saber que o texto está presente e que configura contextos e condições de vida conduz ao que explica Marcuschi (1983, p.12-13), na definição em que relaciona o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras da produção, às construções, ao funcionamento e à recepção de textos orais e escritos.

Na realidade, a Linguística Textual vê o texto como um ato de comunicação que envolve o complexo de ações humanas, que partem de uma organização linear – o cotexto – para a grandeza de possibilidades que o próprio texto oferece por meio das escolhas pragmáticas, que o leitor tem ao seu dispor no contexto no qual está envolvido.

Mas, por maior que seja, sua abrangência e possibilidade de escolha, a organização linear textual ou o aspecto coesivo não deve ser abandonado em detrimento do semântico, pois é, neste último, que tanto a coerência como as intenções do texto se realizam. E, a elas chamamos de funções pragmáticas.

Sabemos que nenhuma pessoa interage verbalmente, se não for por intermédio de textos. Conforme Marcuschi (2008, p. 88): “(...) o texto é a unidade máxima de funcionamento da língua (...)”, não importa seu tamanho, na realidade o que importa é a situação de interação construída através de seus enunciados.

Ser um evento comunicativo é a verdadeira definição de texto, segundo Koch (1997), sendo assim, o texto passa por várias mudanças e transformações até a construção que se apresentada ao leitor como definitiva.

O texto, segundo Koch (1997), não pode e não deve ser considerado um produto acabado, na medida em que, por ser considerado “evento”, estará sempre aberto às novas

produções sociais e cognitivas, adquiridas através da convivência social com o outro.

Assim, dependendo do momento social no qual o leitor se encontra, este armazenamento se dará de diferentes formas e terá como base o entendimento das diversas situações e eventos que o texto traz em si.

A atividade interativa textual não se realiza exclusivamente por meio dos elementos linguísticos presentes na superfície do texto, nem só por seu modo de organização, mas leva em conta também, o conhecimento de mundo do sujeito, suas práticas comunicativas, sua cultura, sua história, para construir os prováveis sentidos no evento comunicativo.

Na incessante interação entre locutor-texto-interlocutor, o texto e a leitura, segundo Ângela Kleiman (2002), caminham lado a lado, isto é, o texto determina, até certo ponto, os objetivos da leitura, mas, este caminhar não significa dependência, apenas ressalta a finalidade de compreender o objetivo do texto.

Para Ângela Kleiman (2002), a cognição está sempre presente no texto, atuando em seu entendimento global, fazendo com que o leitor não apenas decodifique o que lê, mas aproveite sua leitura, das mais variadas maneiras. A autora, também, ressalta a atuação direta do cotexto em relação ao leitor, destacando a sua importância nas inferências realizadas fora dele. Contudo, o leitor preserva sua capacidade de ser independente em suas inferências.

Os vários elementos de significação, segundo os estudiosos até aqui citados, se materializam por meio de categorias lexicais, sintáticas, semânticas e estruturais.

Neste sentido, Kleiman (2002, p. 36) afirma que

O texto conduz o leitor a considerar como essencial a ativação dos conhecimentos prévios para a construção do significado global de um texto. A compreensão dessa construção levará o leitor a recuperar dados e a validá-los, formulando hipóteses para que, posteriormente, possa confrontá-las ou não, dependendo do processo ou prática pedagógica que esteja envolvido.

Assim, o texto em si não possui um verdadeiro valor, a não ser quando o leitor se apropria dele cognitivamente, quando é atribuído valor ao mesmo, através da interpretação e da internalização desta, por parte do leitor.

Trazer o texto como sinônimo de multiplicidade e traduzindo-se no discurso é adotar uma concepção bakhtiniana, como o outro, sendo ainda o outro discurso ou o somatório de vários discursos que se articulam no ato de comunicação.

Assim, cercear esta plurissignificação do texto é, antes de qualquer coisa, retirar do texto a sua própria essência de reproduzir tantos significados quanto a nossa escrita e o nosso conhecimento de mundo permitir e é por esse motivo que temos, como diz Travaglia (2007), de trabalhar o texto como um somatório de atos significativos que podem ser trocados porque são mutáveis, dependendo de nosso propósito comunicativo.

De forma resumida, cada um de nós tem um olhar diferenciado para o texto e, a partir desse olhar, somos responsáveis pela realização concreta de um determinado tipo de texto. Assim, o modo como materializamos esse olhar, vemos surgir os tipos de texto que fazem parte de uma estrutura macro, a saber: descrição, dissertação, injunção e narração.

Segundo Travaglia (2002), baseando-se nas concepções de Weirinch, os textos do mundo narrado seriam enquadrados, de maneira geral, no tipo *narração*. Já os do mundo comentado, seriam pertencentes ao tipo *dissertação*.

Na visão de Travaglia (2002), o gênero textual é caracterizado pelo exercício de uma função social específica. Para ele, estas funções sociais são vivenciadas pelos indivíduos. Ou seja, de forma intuitiva, podemos saber qual o gênero mais adequado ao momento específico no qual o usaremos. Por exemplo, ao escrevermos um e-mail, sabe-se que ele pode apresentar características que farão com que seja reconhecido como pertencente à sua forma de comunicação. Mesmo assim, escrever um e-mail para um amigo não é o mesmo que escrever um e-mail para uma universidade, já que os destinatários serão fatores

responsáveis por uma formalidade maior ou menor do texto.

Travaglia (2007) confere ao gênero uma função social, à medida que diferencia *Tipologia Textual* de *Gênero Textual* baseado na “qualidade” ou na multiplicidade que o gênero possui. É importante a diferença entre *Gênero Textual* e *Tipologia*, já que o *corpus* analisado, nesta pesquisa, é uma narrativa de aventura (classificação centrada em uma forma e um teor específico de texto) e um romance épico (um gênero, que além da aventura, se utiliza de outros gêneros de suporte que abrem um leque de possibilidades de classificações e interpretações ao leitor).

Essa diferenciação ocorre porque a tipologia tem como característica principal açambarcar uma infinidade de gêneros, cujo efeito plurissignificativo permite infinitas possibilidades de olhares, ângulos e pontos de análise. Assim, a propriedade dialética dos gêneros é adequar-se às diversas ocasiões e momentos enunciativos vividos no texto e interpretado pelos leitores. Esse fato de classificação múltipla já não acontece com a tipologia, que, por ser mais rígida na classificação de seus elementos constitutivos, define mais do que dialoga, e com isso cerceia, de certa forma, a mobilidade de seu conjunto textual.

Marcuschi (2002), por sua vez, ressalta que, em seu entendimento, não se trata de existirem tipos de texto, mas sim, gêneros. Por exemplo, não seria correta a classificação de uma carta pessoal como um tipo de texto, e sim, como um *Gênero Textual*. O autor postula que todos os gêneros são realizados socialmente, e que não estaria correto utilizar o exemplo de uma carta pessoal, como sendo um gênero. Para Travaglia (2002) a mesma pode apresentar diversas tipologias. A esta miscelânea de tipos presentes em um gênero denomina-se de *heterogeneidade tipológica*.

O fenômeno da heterogeneidade tipológica, quando acontece, de um texto ter aspecto de um gênero, mas ter sido construído em outro, é nomeado por Marcuschi (2002) de intertextualidade intergêneros. A explicação conferida só acontece quando ocorre, no texto, o fato de um gênero

assumir a função de outro.

Segundo Kleiman (2000, p.29), embora a leitura possa ser focalizada como de conhecimento mútuo, comum entre leitores e autor, não se pode afastar o caráter individual e único de cada leitura e de cada leitor.

Este estudo tem por objetivo mostrar o que se passa na cabeça dos alunos através de um trabalho feito em sala de aula, no qual os alunos fizeram vários desenhos sobre o que estavam pensando. Os assuntos foram variados, mas o esporte estava em todas de forma efetiva. Percebemos como a escolha do esporte foi unânime e motivadora, sendo fundamental a influência de atividades esportivas sobre o comportamento social da criança e do adolescente. Assim, um desenho passa a ser revelador da personalidade do aluno e até mesmo a influenciar e facilitar alguns profissionais relacionados a área de educação física, a uma conduta de utilização deste conteúdo condizente com a demanda relativa aos diferentes grupos sociais envolvidos.

É a partir de uma visão aprofundada do esporte e sua influência no cotidiano das crianças que consideramos necessário buscar as determinantes desta prática em seu comportamento social futuro, não deixando de salientar as formas pelas quais a prática de atividades esportivas colabora para a aquisição de valores essenciais como a solidariedade, a fraternidade, a lealdade, o espírito esportivo e outros valores fundamentais para a formação do caráter de um cidadão.

Para a educação, o esporte se torna um grande aliado, pois a contribuição é de suma importância, porque só assim conseguiremos chegar a nosso objetivo de ensinar, utilizando o multiletramento como forma eficaz na formação dos discentes, fazendo com que o aprendizado seja mais prazeroso, com intuito de nos aproximarmos do que os alunos querem, tendo a oportunidade de ampliarmos os campos diversos da educação de forma contínua e fortalecedora.

Com isso, avançaremos nessas prioridades e procuraremos desenvolver este estudo que, sem dúvida, enriquecerá o dia a dia dos professores nas escolas e outros

ambientes característicos da prática de atividades esportivas. Mostrando que os meios para a educação são múltiplos, e que nós educadores já alcançamos esta mentalidade, conseguindo acompanhar o que os alunos de fato desejam como formação e o que nós podemos seguir como meio de conhecimento de nosso público alvo.

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. São Paulo: Pontes, 2000, 2002. p. 30 e 45.
- KOCH, I. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2007.
- LAKOFF, G; JOHNSON, M. *As metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: EDUC, 1999.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- _____. *A questão do suporte dos gêneros textuais: língua, linguística e literatura*. João Pessoa: DLCV, 2003.
- _____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. Recife: UFPE, Departamento de Letras. Recife: UFPE, 2005.
- SCHMIDT. Soul, mind and heart. In: _____. *Semantics, culture and cognition*. New York: Oxford University Press, 1972.
- TRAVAGLIA, L. C. Tipos gêneros e subtipos textuais e o ensino de língua materna. In: BASTOS, N. M. S. B. (Org.). *Língua portuguesa: uma visão em mosaico*. São Paulo: São Paulo EDUC / PUC, 2002. p. 201–214.
- _____. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português*. São Paulo: UNICAMP, 1991.
- _____. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Ed. da Universidade Federal de Uberlândia, 1981.
- _____. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. *Alfa*, São Paulo, v.1, n.51, p. 39-79, [2004] 2007. Disponível em: <www.alfa.ibilce.unesp.br>. Acesso em: 14jan. 2012.

CAPÍTULO 4

O XADREZ PEDAGÓGICO COMO SUPORTE SISTÊMICO PARA OS OUTROS DESPORTOS E NOVAS APRENDIZAGENS ESCOLARES

Antônio Manoel Lima de Holanda



Figura 4. Sala de xadrez. Fonte própria.

Introdução

O xadrez há muito tempo é praticado no mundo, a teoria mais difundida é que tenha surgido na Índia por volta do século VI. E tem despertado o interesse de muitos estudiosos por sua diversidade de possibilidades de investigações nas áreas educacional, tecnológica, cultural, esportiva e artística. Há uma imensa literatura voltada para seu aprofundamento científico no campo das Aberturas, Meio de jogo e Finais; oriundos das inúmeras competições e eventos mundiais. Embora ainda bastante limitadas, algumas pesquisas se voltaram para seu vínculo com a educação e a pedagogia. Consideramos que aí se encontra o diferencial que interessa em nossa abordagem: O xadrez não mais somente situado como esporte para o campo competitivo (O que categorizei como Xadrez Convencional), mas também na perspectiva do ensino e da aprendizagem humana, suas relações com as Neurociências, novos aportes teóricos e Materialismo Dialético. E as possibilidades pedagógicas advindas de sua implementação com essas novas perspectivas.

O xadrez convencional

Adotamos a expressão xadrez convencional, para o xadrez utilizado para fins competitivos, com o foco voltado quase exclusivamente para o lazer ou o confronto de forças intelectuais de rendimento, numa perspectiva de resultados ou passatempo individuais. Essa forma de xadrez é iniciada no século VI e ainda tem grande espaço nas competições nacionais, internacionais e mundiais e em clubes de todo mundo. Sua forma inspira múltiplas pesquisas no campo da cognição e que servem de base para a construção e aprofundamento de estudos que amparam sobre o ponto de vista racional, o xadrez pedagógico. Embora bastante difundido e aprazível, esta forma de xadrez não atende

satisfatoriamente as necessidades educacionais que exigem um trabalho voltado para uma escola vocacionada que objetiva formar o aluno-atleta-cidadão. Este precisa ser norteado por premissas didáticas complexas e dialéticas, que sirvam de base para alcançar os resultados desejados. Seria esse o Xadrez Ferramenta Educacional (Geoxadrez), que ambicionamos delinear neste artigo, e que está sendo implantado em nosso espaço escolar.

O xadrez pedagógico: geoxadrez!

O xadrez pedagógico de que falamos se orienta por trabalhos e pesquisas mais atualizados e coerentes com as necessidades do espaço escolar. Mais especificamente para o espaço escolar vocacionado para os esportes. O xadrez pedagógico assim concebido, não perderia grande parte das características que lhe deram origem: A do xadrez convencional; entretanto estaria revestido de uma abordagem bem mais abrangente, onde a aprendizagem individual tem caráter secundário em relação à coletiva, e os valores individuais (competição, exclusão, isolamento) também são colocados em segundo plano em relação aos sociais/coletivos (Inclusão, cooperação, reciprocidade). A Geotriade e os quatro pilares da educação do terceiro milênio (Relatório Delors - UNESCO). Associadas as Neurociências (Neuropedagogia), Pedagogia Dialética, Epistemologia da Complexidade, Inteligência Emocional, Múltiplas Inteligências e o Materialismo Dialético; lançam as bases para a educação do futuro: A Geoeducação! Onde o Geoxadrez é uma das ferramentas, das mais complexas, disponíveis.

Influência das características do jogo de xadrez e de novas abordagens científicas, na configuração do Geoxadrez

Bases Neurocientíficas

Uma das áreas de estudo que mais avançaram nas últimas décadas foi, sem sombra de dúvida, a de Neurociências. As

modernas tecnologias associadas à informática permitiram o estudo do cérebro e atividade na tela do computador. Técnicas como o TAC (Tomografia axial computadorizada – Detecta anormalidades no cérebro), o PET ((Tomografia por emissão de pósitrons – Identifica áreas mais ativas em tarefas), o IRMF (Formação de imagens por ressonância magnética funcional – Representação do que está acontecendo no cérebro em dado instante) e a MEG (Magnetoencefalografia – Mede o campo magnético gerado pela atividade elétrica do cérebro) têm facilitado sobremaneira a investigação das Neurociências, dando um vislumbre de como o cérebro funciona (GREENFIELD, 2000, p. 39). Regiões cerebrais se combinam para trabalhar em paralelo para diferentes funções cognitivas. A verdade é que nas últimas duas décadas aprendemos mais sobre o cérebro, que nos duzentos anos anteriores (REZTAK, 1995, p. 81). E aqui fica uma pergunta inquietadora: Por que é que os sistemas educacionais dos países de todo mundo, ainda ignoram a produção científica sobre desenvolvimento e aprendizagem conquistados pelas Neurociências?

Neurônios de base, Janelas sensíveis e Sinaptogêneses

Os neurônios de base são aqueles dos primeiros anos de vida, que ficam aguardando estímulos para intensificar suas redes de conexões. O cérebro começa a se formar a partir da terceira semana e vai se aprimorando no decorrer da vida, o que sugere a importância da estimulação da criança ainda na barriga. Os primeiros anos de vida são fundamentais neste processo, isto porque a criança está aberta a um grande número de sinapses entre os neurônios (sinaptogêneses) e quanto mais sinapses um cérebro tiver por célula nervosa, maior será a possibilidade de ele ser capaz de processar e responder novas informações. As fibras nervosas capazes de ativar o cérebro têm de ser constituídas, e o são; pelas exigências, pelos desafios e estímulos que a criança é submetida entre o nascimento e os dez anos. Durante a infância, as experiências alimentam os circuitos nervosos e

determinam o futuro da inteligência. O neuropediatra Harry Chugani, professor da Universidade de Wayne, nos Estados Unidos, em entrevista à revista Newsweek, afirma que: “As primeiras experiências da vida são tão importantes, que podem mudar por completo as maneiras como as pessoas se desenvolvem” e que o cérebro precisa de “ginástica”, sem a qual, por mais rica que seja a herança genética recebida, as expectativas não se consumarão. Sinapses são pontes entre as células nervosas, que transmitem informações através de sinais elétricos/químicos, e ocorrem em função da variedade, do momento e da qualidade de ofertas de estímulos. Nas crianças, o cérebro é um órgão de grande plasticidade. Seus dois hemisférios, o esquerdo e o direito, ainda não se especializaram, o que ocorrerá entre cinco e dez anos de idade. Quanto maior a malha de transmissão de informações entre os neurônios, maior a capacidade do cérebro de processar conhecimentos. Até um ano, a criança está aberta a um grande número de sinapses entre os neurônios e as estimulações são simples. Depois desta idade, valem estratégias mais complexas.

A partir dos estudos sobre os neurônios de base, pesquisadores de diversas partes do mundo descobriram etapas importantes no desenvolvimento do cérebro de crianças, ao qual denominaram janelas sensíveis ou das oportunidades. A inteligência, as emoções, a capacidade de se relacionar e a linguagem podem e devem ser aprimoradas nas instâncias sociais, em períodos mais ou menos determinados. Em suma: O tempo é essencial! Os circuitos do sistema límbico, área do cérebro de grande importância no controle das emoções, estão em rede desde antes do nascimento e constituem uma das últimas janelas a se fechar. O peso do cérebro de um recém-nascido é de aproximadamente 400 gramas e guarda os neurônios de toda uma vida. O de um adulto: 1 quilo e 500 gramas, com perto de 100 bilhões de células nervosas. As conexões são responsáveis por grande parte desta diferença, o que leva a uma conclusão inevitável, de que quanto mais expusermos a criança a estímulos benéficos, mais ela poderá aproveitar as

potencialidades do seu cérebro. O ambiente conta, a história emocional conta, a qualidade/ quantidade de estimulação, a quebra de rotinas, a diversidade e o momento adequado são essenciais, com o indispensável bom senso. O Geoxadrez, repleto de configurações culturais, intelectuais, éticas, estéticas, semânticas e místicas; fornece inúmeras possibilidades associativas para infinitas estimulações benéficas ao educando.

Xadrez e investigações educativas

Este resumo foi tirado de diversas fontes, incluindo o livro: *O Xadrez na Educação* de Tim Redman e a dissertação de doutorado de Robert Ferguson. John Artise em *Xadrez e Educação* enfatiza a superior importância de estímulos visuais no desenvolvimento da memória. O Xadrez é definitivamente um excelente exercitador da memória, cujos efeitos são transferíveis a outros campos de conhecimento. Alguns estudos confirmam a afirmação de Artise: 1) Dr. Albert Frank, em pesquisa no Zaire (1973/ 1974 – O xadrez e atitudes), confirmou a hipótese de que o xadrez desenvolve habilidades espaciais, verbais, numéricas, administrativo-gerenciais e manuais, contribuindo para o desenvolvimento da totalidade do indivíduo. 2) Dr. Johan Christiaen, em investigação escolar na Bélgica (1974/1976 – O xadrez e o desenvolvimento cognitivo), utilizou o exame de desenvolvimento cognitivo de Piaget, para demonstrar que o xadrez torna as crianças mais inteligentes. 3) Dr. Ferguson, em pesquisa sobre crianças com mente privilegiadas nos EUA (1979/1984 – Desenvolvimento da criticidade e do pensamento criativo, através do xadrez), colocou as mesmas sobre exposição de estímulos críticos e criativos, como: Xadrez, computadores e temas enxadrísticos. Os resultados foram significativos, principalmente em originalidade. 4) O Projeto venezuelano: “Aprender a pensar”, em que o xadrez foi examinado quanto à possibilidade de desenvolver a inteligência infantil, demonstrou incrementos importantes nos quocientes de inteligência investigados e interessantes transferências de aprendizagem a outros conhecimentos (FIDE, 1984). 5)

Dianne Horgan conduziu vários estudos, usando o xadrez com variável independente. Em “Xadrez com forma de ensinar a pensar” (1987), concluiu que as crianças (Que pensam o global a partir do intuitivo) poderiam jogar tão bem quanto os adultos (Que pensam o global a partir dos detalhes). Horgan afirma que a criança pode aprender a pensar através do xadrez, o que contribui efetivamente para o seu desenvolvimento intelectual. Afirmação corroborada pelo ex-secretário dos EUA, Terrel Bell, em seu livro: “O intelecto da Criança”, em que reforça: Alguns conhecimentos do xadrez são caminhos para o desenvolvimento do intelecto infantil e rendimento acadêmico. 6) Margulies em estudos sobre a compreensão da leitura nos EUA (1991 – Os efeitos do xadrez sobre a compreensão da leitura de textos), concluiu que houve um incremento significativo nos alunos que aprenderam xadrez, em suas habilidades para ler. 7) Estudos de Luise Gaudreau (1992) correlacionam a aprendizagem do xadrez com a melhoria de desempenho na solução de problemas e na aprendizagem da matemática. 8) Estudos de Philip Rifner (1991/1992) correlaciona a aprendizagem do xadrez, com transferências da capacidade de resolver problemas em outros domínios do conhecimento. Os estudos acima só confirmam o que centenas de professores já vêm afirmando em sua práxis educacional: “O xadrez é uma poderosa ferramenta de aprendizagem”.

Metacognição

O conhecimento que caracteriza uma atuação competente, pela consciência das próprias características de pensamento, limitações cognitivas, controle e regulação do mesmo, é denominado metacognição, que tem um duplo significado: alude o conhecimento que o indivíduo pode alcançar sobre os seus próprios processos mentais e o efeito que esse conhecimento exercerá sobre o seu comportamento. Neste sentido fica fácil compreender que ter acesso aos processos mentais, é o primeiro passo para poder controlá-los. A metacognição estaria ligada às estratégias de controle e

monitoramento do desenvolvimento e processamento cognitivo. O desenvolvimento metacognitivo na fase adulta está relacionado ao status metacognitivo nas fases anteriores e envolve as capacidades de regulação da cognição, relacionando conhecimento declarativo (que requer uma participação ativa no conteúdo a ser aprendido, investindo na construção mental global do aprendiz e na forma complexa como ele organiza seu conhecimento na memória, bem como controle das atividades mentais), monitoramento cognitivo e o emprego sistêmico e devido dessas estratégias. Quanto mais cedo o indivíduo for estimulado a resolver e formular problemas, e aprender a organizar e processar suas representações mentais, maior será sua capacidade metacognitiva. A Neurociência tem demonstrado a grande importância da estimulação diversificada na formação de maiores integrações neuronais (sinaptogêneses) para sua aprendizagem metacognitiva e desenvolvimento da memória declarativa. Estudiosos falam da metacognição, como consciência do processo de pensar; isto é, constante reflexão das estratégias cognitivas de pensamento. Embora haja muitas definições na literatura sobre metacognição, uma das mais completas é a de Pressley e associados (1985) apud Mayor (1995), que envolvem a capacidade do indivíduo utilizar: 1) Estratégias. 2) Procedimentos de aquisição. 3) Conhecimento geral e específico sobre estratégias para elaboração de respostas comportamentais. De forma mais simples, um constructo de memória associado à habilidade de processamento mental e à qualidade intelectual geral do indivíduo. Vários teóricos cognitivistas definem a metacognição como: “O conhecimento sobre como regular a cognição”. E acrescentam a ênfase sobre o aprendizado declarativo e no monitoramento e uso de estratégias cognitivas de forma integrada e interativa, na resolução de problemas em qualquer uma das dimensões humanas (Racional, afetiva, social e psicomotora). A qualidade do jogo do enxadrista está intimamente ligada ao processo de seu desenvolvimento e aprendizado, as metodologias empregadas no Geoxadrez,

envolvem estratégias dialéticas e complexas de pensar, fomentadas, sobretudo pelas abordagens metacognitivas (Reflexões sobre o seu pensar). Associar o xadrez ao pensamento metacognitivo, foi o principal objetivo das análises anteriores. Pois a partir desta premissa, o xadrez estará vinculado, necessariamente, aos conceitos neurocientíficos expostos (Neurônios de base, janelas das oportunidades e sinaptogêneses) e a conceitos mais amplos que ainda serão aqui abordados.

Xadrez e tecnologias: Inteligência virtual?

O xadrez, jogo intelectual de elevada reflexão, constitui um terreno privilegiado para os trabalhos sobre inteligência artificial. O último quarto de século registra uma revolução informática que tem claras ressonâncias no mundo do xadrez. “A era digital traz uma visão nova de sociedade, do progresso, do trabalho e da própria vida. Entre os que entram nesse universo e os que preferem manter a distância, começa a abrir um abismo, que cada vez mais se aprofunda” (GEHRINGER, 2001, p.65). A mutação da informática voltada para o jogo de xadrez, neste fim de século, se efetua segundo duas leis: Vertical, que afeta o crescimento e força dos programas de xadrez. Horizontal, que expressa uma diversificação dos produtos de xadrez, com suporte informático (LAROUSSE DELAJEDREZ, 1998, p.97). Atualmente quase todos os jogadores possuem computadores e programas de xadrez de grande força: “São programas potentes e confiáveis, capaz de efetuar as melhores análises nas fases táticas e estratégicas da partida” (LAROUSSE DELAJEDREZ, 1998, p.99). Contendo um grande banco de dados de partidas realizadas em campeonatos de todo mundo. Através da internet, os bancos de dados podem ser atualizados e podemos contatar inúmeros sites enxadrísticos, o que ajuda no aperfeiçoamento da qualidade de jogo e na divulgação e popularidade do xadrez. “A internet não é um fim, mas apenas um meio, o mais completo, colocado à disposição da humanidade, para que a raça humana continue a desenvolver

o saber pensar” (GEHRINGER, 2001, p.59). As grandes vantagens do estudo de xadrez em computadores, em relação aos livros, residem na agilidade de consultas e na disponibilidade de fortíssimos adversários, além da informática ser a linguagem da pós-modernidade, o que a torna muito mais atrativa e estimulante para crianças, jovens e idosos. Em última análise, o que chamamos de inteligência virtual, é a capacidade de operar com desembaraço e propriedade, os modernos componentes da informática, de forma manter-se sincronizado com as novas tecnologias educacionais, usufruindo assim, da poderosa parceria: Xadrez/ Informática/ Aprendizagem.

Inteligência emocional

Apesar das emoções variarem e implicarem em muitos processos corporais, até agora não há definição precisa para o termo. Pesquisas atuais têm apontado o sistema límbico como o principal substrato das emoções, atuando no controle das mesmas, nos processos motivacionais, na memória (hipocampo), aprendizagem, regulação do sistema nervoso autônomo e interação neuroendócrina (hipófise). Tais respostas periféricas servem para preparar o corpo para a ação e comunicam os estados emocionais para outras pessoas. Quando amedrontados, por exemplo, sofremos uma aceleração da respiração e do coração, secura da boca, músculos tensos e as palmas das mãos suadas. Esses são mecanismos regulados no cérebro abaixo do córtex. Embora não haja exclusividade, algumas regiões contribuem mais do que outras para essa ou aquela emoção. Os centros subcorticais são elos de comunicação entre o tronco cerebral, o sistema límbico e o córtex cerebral. Padrões complicados de comportamento são organizados neles. Em suma, as alterações fisiológicas que acompanham os estados emocionais, são mediadas, em sua maioria, pelo sistema nervoso autônomo, distintos do sistema motor somático, que controla o músculo esquelético. A maioria dos movimentos iniciados pelo sistema motor somático está sobre controle voluntário, enquanto que a maioria dos ajustes

autônômicos é reflexa. Os ajustes autônomos não são normalmente acessíveis à consciência. No entanto, as diferenças nos controles voluntários entre os dois sistemas são relativos, podendo ser alterados com a aprendizagem. Possivelmente a intensa malha de conexões entre a área pré-frontal e as estruturas límbicas da espécie humana sejam as responsáveis pela enorme variedade de sentimentos e emoções experimentadas pela nossa raça, que dentro de limites, reforça o componente cognitivo. “... até agora não há definição científica precisa do termo emoção” (KANDELL, 1997, p.475). Sentimos emoções conscientemente. Há certamente um elemento cognitivo importante nas emoções.

Nesta breve análise, procuramos deixar claro, o quanto nossas emoções podem interferir na totalidade de nossas aprendizagens, e no futuro de nossas relações cotidianas, de forma que é fundamental que desenvolvamos seu monitoramento consciente, para que tenhamos boas consequências reais e decisivas em todas as dimensões de nossa vida. O xadrez pode proporcionar importantes subsídios para este controle, pelo amadurecimento e exercício mediado de situações de tomadas de decisões, durante as partidas, onde grande carga emocional e responsabilidade técnica e tática se encontram inseridas.

Múltiplas inteligências

Repare nos seus alunos. Você verá grandes diferenças nas suas formas de lidar com o conhecimento: Pequenos poetas, líderes, esportistas, músicos, filósofos, matemáticos e biólogos. Qual seria o mais inteligente? “... nem todas as pessoas têm os mesmos interesses e habilidades, nem todas aprendem da mesma maneira” (SMOLE, 1999, p.19). Durante longo tempo, a concepção dominante da inteligência esteve baseada em questões lógico-matemáticas e linguísticas, podendo ser medidas pelo teste Stanford-Binet, o teste de QI (Quociente intelectual). Na maioria das vezes, esse instrumento foi usado de maneira estigmatizadora. A teoria das inteligências múltiplas foi proposta, na década de 80, por

Howard Gardner, psicólogo e pesquisador da Universidade de Harvard, nos EUA. A insatisfação de Gardner com a noção de QI e com a visão unitária de inteligência levou-o a redefinir a inteligência à luz das origens biológicas da habilidade de resolver problemas. A visão pluralista da mente, que segundo Smole (1999, p.16), é: “... o reconhecimento de diversas facetas da cognição, com estilos de aprendizagens contrastantes”. Essas inteligências são significativamente independentes, embora atividades humanas sofisticadas dependam da combinação e ação integradas das mesmas. Gardner afirma que Piaget concentrou seus estudos em apenas um aspecto da cognição: O pensamento lógico-matemático. E que para determinadas inteligências, a evolução dos estágios são outros. A teoria de Gardner pressupõe que: 1- Há mais de uma inteligência. 2- As inteligências podem ser estimuladas e agem em conjunto. 3- As inteligências se combinam de forma única em cada pessoa. “Essa perspectiva nos permite olhar para alunos de modo mais amplo e descobrir que eles podem, e são inteligentes” (SMOLE, 1999, p.19). Os canais de aprendizagem são tão múltiplos quanto às inteligências, isto é, a criança terá maior facilidade em aprender através, de sua inteligência mais desenvolvida. Este é um dado relevante ao fazer pedagógico, no sentido de assumirmos as diferenças e trabalharmos com elas, de tal forma que sejam usadas em prol do aluno e não contra eles. “Sabemos, hoje, que jogos pedagógicos podem ser usados como meio de estímulo das inteligências múltiplas” (ANTUNES, 2001, p.15). Podemos estabelecer interessantes relações entre o xadrez e as múltiplas inteligências: 1) A Inteligência Musical: Capacidade de dominar os elementos constituintes da música. Atividade: Rap do Xadrez (Autoria de Antônio Holanda), onde os alunos aprendem a jogar cantando. 2) A Inteligência Corporal-Cinestésica: capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos utilizando o corpo. Atividades: criar dança para o Rap do Xadrez, Dramatizar o Conto do xadrez e partidas de xadrez vivo! 3) A Inteligência Linguística: habilidade de lidar com as palavras, ser sensível as nuances dos significados e

suas relações. Atividades: estudos da literatura enxadrística, produção de textos e poemas enxadrísticos e discussões dialógicas sobre partidas e histórias enxadrísticas. 4) A Inteligência Espacial: capacidade de formar um modelo mental espacial e realizar manobras e operações com esse modelo. Atividades: cálculo mental de jogadas, xadrez mental e resolução de problemas enxadrísticos. 5) A Inteligência Interpessoal: capacidade de observar e fazer distinções objetivas/subjetivas entre indivíduos e perceber seus humores, temperamentos, motivações e intenções. Atividades: estudos em grupos, análise coletiva de partidas e partidas em duplas. 6) A Inteligência intrapessoal: capacidade de formar uma imagem real de si mesmo e utilizá-la na vida. Atividades: estudos sobre o comportamento psicológico durante o jogo. Através dos jogos ampliam sua visão de limites e possibilidades próprias. 7) A Inteligência Lógico- Matemática: habilidade lógico-matemática e capacidade científica. Atividades: A aprendizagem do xadrez, processos mentais do enxadrista e investigação e resolução de problemas enxadrísticos. Gardner alerta que estas não são as únicas, e que futuramente outras poderão ser descobertas.

Influência da metodologia/didática: geometodologia

Xadrez e materialismo dialético: a construção da práxis, pedagogia dialética

“É preciso que a competência técnica esteja fundamentada em um compromisso político” (GADOTTI, 2000, p. 14).

“A educação é o maior e mais difícil problema que pode ser atribuído ao homem. Porque o juízo depende da educação, e a educação depende do juízo” (SCHMIED-KOWARZIK, 1988, p. 26).

Encontrar um suporte filosófico que dê sustentação ao Geoxadrez, constitui um dos objetivos básicos deste trabalho. Embora o xadrez pelas qualidades evidenciadas nas pesquisas

possa ser um poderoso facilitador da aprendizagem global, sem o referido suporte que oriente sua prática, em termos filosóficos e pedagógicos, se perderá em achismos e deliberações ingênuas. A dialética como processo de operacionalização de um xadrez pedagógico, significativo e criativo; será adiante investigada. Há segundo Vasconcellos (1999, p. 22), duas grandes correntes do pensamento: A Metafísica e a Dialética. “A dialética, ao contrário da metafísica, é questionadora e contestadora. Exige constantemente o reexame da teoria e a crítica da prática” (GADOTTI, 2000, p. 37). No decorrer do presente estudo. Sabemos que o pensamento grego influenciou e influencia até hoje nossas concepções sobre o mundo. Heráclito era defensor do vir-a-ser e das unidades dos contrários e Parmênides, o defensor da estabilidade das coisas, não admitindo a contradição. A segunda linha de pensamento que podemos chamar de Metafísica acabou prevalecendo sobre a Dialética de Heráclito, “pois atendia as necessidades das classes dominantes, de estabilizar conceitos, valores e instituições, para impedir que os homens desejassem mudança do regime social vigente” (VASCONCELLOS, 1999, p. 23). A Dialética pode ser compreendida como “método de penetração na essência do fenômeno, método de análise da realidade e sua reprodução na lógica dos conceitos” (VASCONCELLOS, 1999, p. 23). Um método de aproximações sucessivas, em que o sujeito, a partir de uma prática de intervenção no real, vai atingindo o pensar dialético “uma forma superadora de enfrentar a realidade, na qual se leva em conta a complexidade contraditória da totalidade do real” (VASCONCELLOS, 1999, p. 52). Trata-se de um posicionamento crítico e transformador que integra a análise concreta do momento presente e sua superação. Existem possibilidades objetivas de não se morrer de fome, e ainda assim se morre de fome... É o homem que faz a história, a realidade é o que está dado mais o nosso desejo de mudança. Só em Marx e Engels, a dialética atinge um status de filosofia (o materialismo dialético) e ciência (o materialismo histórico). Marx substituiu o

idealismo de Hegel por um materialismo realista: “não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência” (GADOTTI, 2000, p. 19). Na verdade, em Marx, a dialética não é apenas um método para se chegar a verdade; é um projeto de homem, sociedade e de uma nova relação homem/mundo. Segundo Gadotti (2000, p. 24), a dialética obedece alguns princípios: 1- Tudo se relaciona (Princípio da totalidade): O mundo é um todo coerente onde tudo se condiciona mutuamente em interação recíproca. 2- Tudo se transforma (Princípio do movimento): A dialética considera todas as coisas em seu devir. 3- Mudança qualitativa (Princípio da mudança qualitativa): O acúmulo da quantidade provoca saltos qualitativos. 4- Unidade e luta dos contrários (Princípio da contradição): A contradição é a essência ou a lei fundamental da dialética.

Objetivamos nos utilizar de uma Educação Dialética Emancipadora, onde a nossa prática educativa torne-se instrumento de libertação, superando os equívocos e limites da tradicional, pois o “o conhecimento não é neutro; por trás de sua veiculação existem interesses de classe. A questão é: A serviço de quem estamos trabalhando?”. (Vasconcellos, 1999, p. 74). A teoria dialética do conhecimento nos aponta segundo Vasconcellos (1999, p. 45), que este se dá em três grandes momentos: 1) Síncrise: visão caótica do todo. 2) Análise: as visões parciais do todo. 3- Síntese: A visão do todo com o conhecimento das partes. Cabe-nos observando o dinamismo da aprendizagem humana, relativizar a qualidade e quantidade, tendo em conta a sua relação dialética. De posse das análises anteriores, encontramos em um educador genuinamente brasileiro, importantes subsídios para a práxis dialética do Geoxadrez: Paulo Freire! Que desenvolveu uma concepção dialética de educação, reconhecida pela sua importância, em todo mundo, e ingratamente mal desenvolvida e pesquisada, na totalidade de nosso país. Fundamenta-se no diálogo, para uma educação libertadora do homem, que só pode ser realizada coletivamente, no diálogo crítico entre educador e educando.

Uma pedagogia da libertação clama por uma educação, que possibilite ao homem inserir-se no processo histórico, como sujeito. O que resgata a ocupação política da educação, ao pretender torná-lo sujeito da práxis histórico-social em solidariedade com os outros. Nossa práxis, como educadores, é para a libertação dos seres humanos, sua humanização. “Não se liberta homens, alienando-os, doutrinando-os ou manipulando-os; mas a libertação autêntica é a humanização em processo” (SCHMIED-KOWARZIK, 1988, p. 70).

A concepção pedagógica dialógico/problematizadora/libertadora de Paulo Freire parte exatamente do caráter histórico e da historicidade dos homens, para o resgate de sua humanização. É por onde iniciamos a nossa práxis dialética de um Geoxadrez, objetivando sua aprendizagem global, humanizada e libertadora.

Cultura Corporal de Movimento

“A apropriação ativa e consciente do conhecimento é uma das formas de emancipação humana” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 17).

Nas sociedades de classe, como é o caso do Brasil, os movimentos sociais se caracterizam pelas lutas de classes sociais a fim de firmarem seus interesses. Segundo Souza (1987, p.11), esses interesses podem ser classificados em imediatos e históricos. Os imediatos da classe trabalhadora correspondem à necessidade de sobrevivência, à luta no cotidiano pelo direito de emprego, ao salário, a alimentação, ao transporte, à habitação, à saúde, à educação; enfim, às condições dignas de existência. Os imediatos da classe proprietária correspondem às suas necessidades de acumular riquezas, gerar mais renda, ampliar o consumo, o patrimônio, etc. Seus interesses históricos correspondem à sua necessidade de garantir o poder e a manutenção do “status quo”, para isso desenvolve ideologias que veiculam seus interesses, éticas, valores e moral como universais, inerentes a qualquer indivíduo, independentemente de sua origem ou posição de classe social.

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

Os interesses históricos da classe trabalhadora se expressam através da luta e vontade política para tomar a direção da sociedade, construindo a hegemonia popular. Os interesses de classe são antagônicos e diferentes.

A pedagogia é, a “reflexão da teoria da educação capaz de dar conta da complexidade, globalidade, conflitividade e especificidade de determinada prática social que é a educação” (SOUZA, 1987, p. 27).

Todo educador deve ter definido o seu Projeto Político Pedagógico. Essa definição orienta a sua prática em sala de aula: Relação com os alunos, conteúdos selecionados, como o trata científica e metodologicamente, bem como os seus valores e a lógica que desenvolve com os alunos. Qual o projeto de sociedade e homem persegue? Quais interesses de classe defende?

Um currículo capaz de dar conta de uma reflexão pedagógica ampliada e comprometida com os interesses das camadas populares tem como eixo a constatação, observação e explicação da realidade complexa e contraditória.

Numa perspectiva dialética, os conteúdos teriam que ser apresentados a partir do princípio de simultaneidade, explicando suas interconexões. “O conhecimento não é pensado por etapas. Ele é construído no pensamento de forma espiralada e vai se ampliando” (VARJAL, 1988, p. 35). Favorecendo assim a formação do sujeito histórico à medida que lhe permite construir, por aproximações sucessivas, novas diferentes referências sobre o real no seu pensamento.

Neuropedagogia

A Neuropedagogia estuda como o cérebro aprende e como armazena este aprendizado. Conceção esta, plenamente ligada a Neurociência. A Neuropedagogia estuda e compreende o cérebro como o centro do aprendizado e buscará dar as bases para a escola em termos de métodos e metodologias que poderão favorecer de forma significativa um melhor APRENDER.

Ensinar requer a compreensão dos mecanismos concretos

envolvidos no processo de aprendizagem. Onde o prazer em aprender qualifica consideravelmente a conquista do conhecimento, principalmente quando este conhecimento é produzido pelo próprio educando. O que deixa claro que o nível de emoção ativado interfere antes, durante e ao final do processo. No cérebro reside as principais ações da inteligência, o que resulta que para compreendermos os processos intelectivos, precisamos compreender os mecanismos cerebrais responsáveis pela aprendizagem. Grosso modo, o cérebro divide-se em três partes fundamentais: o hipotálamo, o sistema límbico e o córtex. O Hipotálamo é um pequeno órgão, localizado na base do Crânio que controla as funções de sobrevivência. Ali reside o centro da fome, da saciedade, da sede, do impulso sexual; O Sistema Límbico é o centro das emoções. Responsável pelo equilíbrio ou desequilíbrio emocional do ser humano, e pela produção das sensações ligadas aos processos emotivos. O Córtex é responsável pelo controle dos movimentos do corpo, percepção dos sentidos e pelo pensamento. É sabido que grandes partes das transformações no cérebro ocorrem nos primeiros anos de vida. Como a criança nasce com mais neurônios do que vai precisar na vida adulta, nesse período ocorre o que é chamado de “poda” cerebral, pelos neurocientistas, nesta fase as sinapses mais integradas ao sistema sobrevivem enquanto as menos utilizadas são eliminadas. Do primeiro ao quinto ano de vida, são eliminadas cerca de 100 mil conexões por segundo. Outro importante aspecto a se considerar nesse período são as “janelas” das oportunidades, que se relaciona ao momento adequado para propiciar o aprendizado de certas habilidades. Importante lembrar que o educando, sujeito da aprendizagem, é um ser pleno: Social, afetivo, racional e psicomotor.

A Neuropedagogia é uma ciência atual e investigativa que norteia de forma abrangente as considerações concretas sobre a aprendizagem humana. Suas intervenções são de grande valia não só para estímulos em crianças em desenvolvimento “normal”, como também para aquelas com transtornos diversos que necessitam de um olhar mais apurado em seu

tempo de aprendizagem, tendo em vista que todo ser humano aprende independente de suas limitações.

A Neuropedagogia corrobora a importância do papel do professor no processo de ensino/aprendizagem. Pois estudos da área, sobre a memória e o sistema límbico (hipófise, amígdala e hipotálamo), apontam à motivação, afetividade e a mediação como fatores essenciais no aprender. E as memórias são formadas inicialmente no hipocampo por meio de experiências com carga emocional. Existem outros processos e estratégias de ensino que aliadas favorecem o contexto, como a apresentação de conteúdos significativos, a relevância dos conhecimentos prévios desse aprendiz, a participação da vivência nas atividades e a oportunidade de rever os conceitos ensinados de maneiras diferenciadas.

Ainda temos muito a caminhar no processo educacional. A Educação Formal precisa ser revista e sair do mecanicismo, conforme Fonseca (2007, p. 87) é preciso “ensinar o indivíduo a aprender a aprender, a aprender a pensar, a aprender a estudar, a aprender a se comunicar, e não apenas reproduzir e memorizar informações, mas, sim, desenvolver competências de resolução de problemas”. Seguindo no mesmo pensamento, Taricano (2009, p. 72) ressalta “a importância do ensino da lógica e do conhecimento de técnicas apropriadas de acordo com o funcionamento cerebral para tornar a aprendizagem mais eficaz”.

Os quatro pilares da educação do terceiro milênio (Relatório Delors: UNESCO)

Um dos grandes desafios da humanidade é repensar a educação para o século XXI, identificando as respostas para a democratização e universalização do conhecimento. A comissão presidida por J. Delors (UNESCO), concluiu que a educação para o terceiro milênio, deve se assentar em quatro princípios-pilares do conhecimento: 1- Aprender a conhecer. 2- Aprender a viver juntos. 3- Aprender a fazer. 4- Aprender a ser. Na prática, eles são interdependentes e interagem numa concepção de totalidade dialética do sujeito.

O Relatório Delors os caracterizou da seguinte forma:

- 1- Aprender a conhecer: É inútil tentar conhecer tudo (O conhecimento evolui em ritmo incessante), necessitamos de uma cultura geral vasta, com aprofundamento em alguns assuntos. É imperativo o domínio dos instrumentos do conhecimento e da aprendizagem contínua.
- 2- Aprender a fazer: Aprender a conhecer e a fazer são quase indissociáveis. O aprender a fazer mais ligado à educação profissional, sem o caráter específico do passado. Além da competência técnica e profissional, a disposição para o trabalho em equipe, o gosto pelo risco e a capacidade de tomar iniciativas, constituem fatores importantes no mundo do trabalho. A necessidade da polivalência reforça a importância do aprender a aprender.
- 3- Aprender a viver juntos: Um dos maiores desafios da educação do século XXI. A história humana sempre foi conflituosa, entretanto, o potencial de destruição da atualidade é bem superior. Será possível conceber uma educação para paz? A tarefa é árdua, há uma tendência humana de sobrevalorizar as suas qualidades e as do grupo a que pertence e alimentar preconceitos aos outros grupos. O clima de competição entre os países (Pobres e ricos) e a educação para a competitividade, têm contribuído para aumentar esse clima de tensão. A educação para solidariedade deve ser a tônica nessa mudança de rumo, estimulando o reconhecimento do outro como igual e a participação em projetos comuns.
- 4- Aprender a ser: “Todo ser humano deve ser preparado para autonomia intelectual e visão crítica da vida, de modo desenvolver seus próprios juízos de valor e capacidade de discernimento” (RIO ESTUDOS N. 26). Para tanto, é necessário um processo dialético de desenvolvimento humano, começando pelo conhecimento de si mesmo, para se abrir, em seguida, a relação com o outro, durante toda vida. Nesse sentido, a educação envolverá a maturação contínua da personalidade, que deverá contar com todas as instâncias: Escola, família e sociedade civil.

Nicolescu acredita que a abordagem transdisciplinar pode dar uma contribuição importante para esse novo tipo

de educação. “há uma transrelação que liga os quatro pilares do novo sistema de educação, e que tem origem em nossa própria constituição como seres humanos, a totalidade.” (RIO ESTUDOS).

A tríade GEO: Aluno-Atleta-Cidadão

A Geotriade é o sustentáculo pedagógico de nossa escola vocacionada. Não se pode assim pensar um Geoxadrez que não esteja estreitamente vinculado a formação do aluno-atleta-cidadão. Os idealizadores destes conceitos construíram algumas premissas diretivas para a sua práxis pedagógica:

1 - Missão e Visão: Missão: Formar o ALUNO-ATLETA-CIDADÃO. Visão -Integrar o desenvolvimento acadêmico e esportivo formando talentos na vida e no esporte. Conceito - Uma escola em tempo integral vocacionada para o esporte; fundamentada na Pedagogia da presença; que integra a formação acadêmica e esportiva, formando o aluno-atleta-cidadão; potencializando protagonismo juvenil; sustentado por um Modelo de Gestão democrático; que apoie a construção de um Projeto de Vida. Base filosófica-os quatro Pilares da Educação: Jacques Delors é autor e organizador do relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, intitulado: Educação, um Tesouro a descobrir (1996), em que se exploram os Quatro Pilares da Educação, já desenvolvidos anteriormente em nosso discurso. Instrumentos Pedagógicos do GEO para desenvolver os Quatro Pilares - Protagonismo Juvenil, Pedagogia da Presença, Disciplinas Curriculares, Polivalência, Eletiva, Projeto de Vida, Estudo Dirigido, Sistema de Gestão, Desenvolvimento Esportivo de Longo Prazo, Acolhimento e Nivelamento. Protagonismo Juvenil – É uma prática transversal do GEO. Visa formar o jovem por meio de práticas e vivências, na escola e na comunidade, que o levem ao exercício sistemático da cidadania ativa, construtiva, criativa e solidária. O Protagonismo Juvenil busca levar o jovem a ser atuante no seu processo de aprendizagem. Pedagogia da presença- Pressupõe uma relação

de reciprocidade e troca e construção contínua. Amplia e qualifica as relações entre os adultos e os jovens na comunidade educativa e fora dela, sendo fonte de inspiração e referência na passagem do mundo adolescente para o mundo adulto.

Disciplinas Curriculares e Polivalência –As disciplinas curriculares serão tratadas em rede: Humanidades e Exatas, buscando fornecer aos alunos as conexões dos saberes.

Eletivas– São disciplinas temáticas propostas pelos professores, pela SME ou pelos próprios estudantes, que proporcionem práticas e vivências; diversificando, aprofundando e enriquecendo os conteúdos trabalhados nas disciplinas do núcleo comum. Obs.: Os alunos trocam de eletiva a cada semestre. O aluno escolhe a eletiva que deseja cursar.

O Projeto de Vida do GEO trabalha com: Pedagogia da Presença, Integração Família-Escola, Quatro Pilares da Educação, Protagonismo juvenil e Metacognição. O Professor de Projeto de Vida deve acreditar no potencial do aluno.

O Estudo Dirigido-Auxílio à rotina de estudo do aluno. Métodos para organizar e planejar seu momento de estudo. Além de técnicas de pesquisa e de estudo que tornem o aluno protagonista da sua própria aprendizagem.

Sistema de Gestão- Observa e analisa periodicamente todos os pontos centrais do GEO. Entre eles: Resultados acadêmicos, resultados esportivos, ambiente escolar, higiene pessoal e comportamento, planejamento de aulas e prestação de contas.

Desenvolvimento Esportivo de Longo Prazo- O Desenvolvimento Esportivo de Longo Prazo é uma atividade sistemática de longa duração, graduada de forma individual e progressiva. Funções fisiológicas e psicológicas são modeladas para enfrentar uma tarefa árdua.

Fundamentos do Treinamento: Desenvolvimento físico multilateral (modalidades auxiliares), Desenvolvimento físico específico (modalidade principal), Fatores técnicos, Fatores táticos e Aspectos Psicológicos. Ao ingressarem no GEO os alunos passarão por um período denominado experimentação, no qual terão a oportunidade de conhecer e praticar todas as modalidades e, ao fim, escolher sua modalidade principal.

Bompa (2002, p. 4, 5 e 6). Seleção de Alunos: Selecionar jovens com aptidão esportiva, interessados

em esportes e motivados a participar do modelo pedagógico do GEO. Na seleção não se avalia o desempenho acadêmico do aluno apenas seu desempenho motor e sua motivação. Acolhimento de Alunos: Durante a primeira semana de aulas, os alunos passam pelo chamado Acolhimento. Objetivo: O acolhimento dos novos alunos do GEO tem como objetivo apresentá-los à nova dinâmica escolar que o GEO oferece. Neste momento eles serão introduzidos aos conceitos de Protagonismo Juvenil e Projeto de Vida, além de terem um contato inicial com os quatro pilares da educação. Nivelamento: Tem como estratégia alcançar a “excelência acadêmica”, todos os alunos que ingressarem no GEO, no 6º ano, terão o primeiro bimestre para adequarem seus conhecimentos.

Epistemologia da complexidade

Nos primórdios, o homem se detinha sobre as totalidades das coisas, tendo em conta que não tinha conhecimento teórico suficiente que lhe permitisse o aprofundamento das partes envolvidas. Com a era moderna e o advento das grandes invenções, o homem pode investigar conhecimentos em profundidades jamais imagináveis. Vasconcellos (1999, p.45), conforme já citamos, afirma que o movimento dialético do conhecimento se dá em três grandes momentos: 1- Sícrese (Visão caótica do todo). 2- Análise (Abstrações e determinações das partes). 3- Síntese (Rica totalidade de determinações e relações numerosas). O homem contemporâneo insiste em permanecer nas análises. Importantes centros de pesquisas mundiais (Instituto Santa Sé nos EUA) evocam a necessidade de resgatarmos a totalidade (Sistemas complexos), sob pena de destruímos o próprio homem.

A epistemologia da complexidade acolhe os ideais do resgate da totalidade dialética, ao identificar os elementos cruciais para redirecionarmos o curso da história. “Estamos confrontados com os desafios da complexidade” (MORIN, 1996 APUD SCHNITMAN, 1996, p.46).

Há complexidade onde quer que se produza um

emaranhado de interações e retroações em rede, ou fenômenos aleatórios. A complexidade surge da ação simultânea de dificuldades empíricas e lógicas. Podemos perceber que nada está realmente isolado no universo, tudo está em relação. Morin afirma que vivemos a era planetária, onde o que ocorre em um ponto do globo pode repercutir em todos os outros pontos. A lógica dedutiva não dá mais conta das contradições do micro e do macro nos variados campos do conhecimento.

Cada indivíduo é parte de um todo, que é a própria sociedade, que intervém, desde o nascimento, na sua linguagem, nas suas normas e proibições, cultura e saber. Na escola aprendemos a pensar separando, numa tentativa frustrada de eliminar a complexidade. O todo tem uma quantidade de propriedades e qualidades que não tem as partes quando estão separadas. Na verdade as organizações existentes no universo obedecem à dialógica da ordem e da desordem, que são elementos constituintes da criação do universo. O que conhecemos não é o mundo em si, é o mundo com nosso conhecimento. Não podemos separar o mundo que conhecemos das estruturas de nosso conhecimento. “Somos feitos de matéria e sonhos”. Cada ser, inclusive o mais vulgar ou anônimo, é um cosmos, que leva em si um mundo fabuloso e desconhecido.

Conhecimento em redes

Uma das mais importantes reflexões atuais sobre a teoria do conhecimento são as contribuições teóricas de Boaventura de Sousa Santos, que apontam para novas perspectivas na dialética relação entre ensino e aprendizagem. Boaventura sinaliza, em síntese, a existência de um paradigma dominante: Modelo global de racionalidade que se caracteriza por fronteiras ostensivas e policiadas entre os saberes, onde duas formas de conhecimento são considerados não científicos: o senso comum e as chamadas humanidades. O modelo é totalitário, nas palavras do autor, “... na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não se pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas

suas regras metodológicas...” (Santos, 2009, p. 21). Possibilita uma só forma de conhecimento verdadeiro e preconiza a total separação entre a natureza e o ser humano. Onde o rigor científico afere-se pelo rigor das medições. “O que não é quantificável é cientificamente irrelevante” (SANTOS, 2009, p. 28). O método científico assenta-se na redução da complexidade, e o determinismo mecanicista é o horizonte certo de uma forma de conhecimento que se pretende utilitário e funcional. O paradigma dominante como modelo de racionalidade hegemônica, pouco a pouco transbordou do estudo da natureza para o estudo da sociedade. E acredita que “Por maiores que sejam as diferenças entre os fenômenos naturais e sociais, é sempre possível estudar os últimos como se fossem os primeiros” (SANTOS, 2009, p. 34).

Boaventura denuncia a crise do paradigma dominante, e caracteriza algumas de suas evidências: 1- A teoria da relatividade e simultaneidade de Einstein. 2- O princípio da incerteza de Heisenberg. 3- As investigações de Godel sobre o rigor da matemática. 4- E as investigações do físico-químico Prigogine: As teorias das estruturas dissipativas e o princípio da ordem através de flutuações (SANTOS, 2009, p. 40-47). Essas evidências aludem um movimento de vocação transdisciplinar. “Chegamos a finais do séc. XX possuídos pelo desejo quase desesperado de complementarmos o conhecimento das coisas, com o conhecimento do conhecimento das coisas, isto é, com o conhecimento de nós próprios” (SANTOS, 2009, p. 50). Pois o rigor científico, porque fundado no rigor matemático, é um rigor que quantifica e que, ao quantificar, desqualifica. “Nestes termos, o conhecimento ganha em rigor o que perde em riqueza” (Santos, 2009, p. 54). A crise do paradigma dominante traz consigo o perfil do paradigma emergente: 1- Todo conhecimento científico-natural é científico-social: O paradigma emergente tende a não ser dualista, e este relativo colapso das distinções dicotômicas repercute nas disciplinas científicas que sobre elas se fundaram. A superação da dicotomia ciências naturais/ciências sociais, tende a revalorizar os estudos humanísticos. A concepção humanística das ciências

sociais coloca a pessoa, enquanto autor e sujeito do mundo, no centro do conhecimento. 2-No paradigma emergente o conhecimento é total/ Universal e local: “Pelo alastramento das raízes em busca de novas e mais variadas interfaces” (SANTOS, 2009, p. 76). O conhecimento constitui-se a partir de uma pluralidade metodológica, pois só uma constelação de métodos para captar o silêncio que persiste entre as perguntas. 3- Todo conhecimento é autoconhecimento: Lentamente as ciências incorporam (Trabalho de campo etnográfico e a Observação participante) onde se rompe a dicotomia sujeito/ objeto. “O regresso fora já anunciado pela mecânica quântica ao demonstrar que o ato do conhecimento e o produto do conhecimento são inseparáveis” (SANTOS, 2009, p. 82). A incerteza do conhecimento que a ciência moderna sempre viu como limitação, transforma-se na chave do entendimento do mundo. 4- Todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum: “A ciência do paradigma emergente sabe que nenhuma forma de conhecimento é, em si mesmo, racional; só a configuração de todas elas é racional” (SANTOS, 2009, p. 88). Precisamos ter ciência que o mais importante de todos os conhecimentos é o do senso comum, conhecimento vulgar e prático que nos orienta no cotidiano e dá sentido à nossa vida. A ciência moderna construiu-se contra o senso comum, o paradigma emergente reconhece neste conhecimento a potencialidade para enriquecer a nossa relação com o mundo, e que pode ser ampliado através do diálogo com o conhecimento científico. “O senso comum é prático e pragmático; reproduz colado as trajetórias e as experiências de vida de cada grupo social e nesta correspondência se afirma viável e securizante. Deixado a si mesmo, o senso comum é conservador e pode legitimar prepotências, mas interpenetrado pelo conhecimento científico pode estar na origem de uma nova racionalidade” (SANTOS, 2009, p. 90). No paradigma emergente, o salto qualitativo é dado do conhecimento científico para o conhecimento comum. “O desenvolvimento tecnológico deve traduzir-se em sabedoria de vida” (SANTOS, 2009, p. 91).

Essas reflexões de Boaventura trazem novos ventos e transformações significativas nos alicerces da pedagogia contemporânea e auxilia em novas abordagens didático-metodológicas no ensino-aprendizagem do xadrez. Considerar a cada instante de aula a relação dialética entre a contribuição dos alunos: Suas histórias de vida, seu pensar sobre cada novo conhecimento apresentado, as suas maneiras de aprender a ser, conviver, pensar e fazer; e o próprio refletir sobre a rede de relações entre os saberes apresentados; impulsionam uma nova perspectiva de lidar com o conhecimento, que relacionado dialeticamente com a contribuição dos tópicos anteriores, culminam na Geometodologia.

Suporte sistêmico a outros desportos e novas aprendizagens escolares

Conforme pudemos observar, pesquisas em todo mundo (Tim Redman e Dr. Ferguson) e as novidades neurocientíficas não deixam dúvidas: O xadrez; e revestido de maior suporte teórico pedagógico: O Geoxadrez desenvolve competências cognitivas essenciais a aprendizagem escolar. O que fundamenta a afirmação de que as crianças/ adolescentes que estudam e praticam regularmente o xadrez, melhoram o seu desempenho acadêmico, o que corrobora a nossa hipótese inicial de que o Geoxadrez facilita as novas aprendizagens escolares, pela ampliação cognitiva geral do educando. Quanto ao suporte sistêmico a outros desportos, deveríamos nos perguntar: quais competências são consideradas fundamentais a qualquer modalidade esportiva? Segundo Stefanello (2007, p. 21), algumas competências são fundamentais para a excelência esportiva, competências essas que se repetem em outros autores: 1- Atenção e concentração. 2- Imaginação e treinamento mental. 3- Autoconfiança. 4- Motivação para o rendimento. 5- Regulação da ativação. 6- Controle dos níveis de stress e ansiedade. 7- Controle do pensamento. Em virtude dos constantes estudos para o aprimoramento tanto técnico quanto tático, os alunos de xadrez apresentam resultados de excelência em competições, isto afeta sobremaneira a capacidade do aluno

lidar com situações que envolvam desafios ou resolução de problemas, afetando em última análise a sua autoconfiança. Como já é sabido no meio desportivo, os bons resultados obtidos pelos atletas, influenciam diretamente a sua motivação para persistir em altas performances. A imaginação e treinamento mental, considerados elementos básicos necessários para a melhoria de rendimento, é exercício rotineiro pelo jogador de xadrez, não só nas partidas de lazer e competição, como também durante os treinos, inclusive de xadrez mental, onde a visualização mental envolve 100 % do treinamento. A manutenção constante de atividades competitivas durante as aulas e em torneios internos e externos amadurecem continuamente a regulação de ativação competitiva. E a necessidade de constante estado de vigilância para a redução de erros em caçulos mentais e previsões, desenvolvem o estado de alerta acentuando e desenvolvendo a atenção e concentração. Como a tomada de decisão a cada lance, requer tranquilidade e equilíbrio psíquico, o educando com a vivência do xadrez, vai elaborando maior controle do stress e ansiedade (Inteligência emocional). O controle dos processos mentais que afetam a performance esportiva é trabalhado não somente durante os jogos competitivos, mas principalmente nas aulas, pela Geometodologia, onde o conteúdo: Estratégias de pensamento, dá ênfase as questões relativas ao conhecimento do seu próprio processo de pensar: Metacognição. Das análises anteriores, concluímos que todas as competências citadas pela autora são trabalhadas e desenvolvidas na abordagem proposta neste trabalho para o Geoxadrez. Consideramos ainda, conforme observado nas pesquisas e estudos teóricos deste trabalho, que o aprendizado e manutenção do xadrez durante toda a vida, possibilitam ao educando o desenvolvimento de outras competências: Psicológicas, psicomotoras, sociais e cognitivas, que também concorrem para a formação plena do educando, como aluno-atleta-cidadão. Dentre elas, podemos citar: 1- Capacidade de tomar decisões. 2- Inteligência emocional. 3- Capacidade de resolver problemas. 4- Metacognição. 5- Criatividade. 6- Sociabilidade. 7- Pensamento antecipatório.

Em busca de uma síntese: porque o Geoxadrez oportuniza a melhoria do rendimento acadêmico, desportivo e do cidadão?

1 - Por favorecer a solicitação de ampla gama de habilidades cognitivas em sua prática, através de constantes estímulos mentais e variadas formulações e resoluções de situações problemas (O Geoxadrez, em sua prática, produz infinitos problemas), pelos constantes estudos e partidas jogadas, desencadeia inúmeras neosinaptogêneses (Neoconexões interneurônios), que se oferecido no momento adequado (Janelas sensíveis), mediado pela Geometodologia aqui desenvolvida, em última análise, estimulam a potencialidade genética da criança/ adolescente (Neurônios de base). Aumentando a capacidade cognitiva global do educando. “Quanto mais ativas as células do cérebro são, mais produzem moléculas que estimulam o seu crescimento e melhor reagem” (KATZ, 2000, p. 19).

2 - Porque pune ou recompensa imediatamente a tomada de decisão do educando a cada lance, o que leva o mesmo a otimizar suas análises diante dos variados problemas escolares e esportivos. Estimulando-o a “Aumentar o grau de certeza que ele possui nas suas capacidades de ser bem sucedido em diferentes situações e desafios competitivos” (STEFANELLO, 2007, p. 69).

3 - Possibilita tomada de decisões diante de cada lance no desenrolar da partida, influenciando na formação do sujeito ativo, favorecendo a formação do protagonismo juvenil e estado de alerta em decisões futuras.

4 - Mobiliza em sua prática, todas as dimensões humanas (Ser, conviver, conhecer e fazer – Quatro pilares da educação do terceiro milênio – Relatório Delors - UNESCO). Exigindo tomadas de decisões nas mesmas de forma competente diante dos problemas apresentados.

5 - O Geoxadrez, mediado pela Geometodologia (Enfoque na complexidade, conhecimento em redes, dialética, estratégias de pensamento/ autonomia no aprender e conhecimento dos próprios processos cognitivos) se ofertado

nos períodos das janelas sensíveis/ neurônios de base, estimulará o sistema neural do educando pra que se torne pra sempre metacognitivo, auxiliando assim na prevenção dos problemas de aprendizagem. “Quanto mais experiências, maior o número de conexões neuronais” (GREENFIELD, 2000, p. 132).

6 - Pelas análises realizadas durante o trabalho podemos afirmar que o Geoxadrez é o jogo mais metacognitivo e complexo criado pela humanidade, em virtude de solicitar em sua dinâmica o uso de processos executores e de controle da cognição, em quase infinitas possibilidades. “Se os neurônios de base forem trabalhados para serem metacognitivos, a criança será para sempre metacognitiva” (VERNON, 2001, anotações de aula).

7 - A busca de soluções originais estimula a criatividade, poderoso componente da aprendizagem educacional.

8 - A necessidade de possuir o “olhar do outro”, na busca incessante de descobrir suas intenções e planos, desenvolve a empatia (Capacidade de sentir e colocar-se no lugar do outro), um dos componentes mais importantes da inteligência emocional, em termos relacionais. Comprovadamente Goleman (1995, p. 109), dedica um capítulo sobre a temática eficiente na realização pessoal/profissional.

9 - A competição inserida durante as partidas de xadrez/ Torneios, mobiliza a maximização do desempenho: Aumento de precisão nos atos e decisões tomadas, visando resultados contextualizados e coletivos: A influência de cada lance na totalidade da partida, da responsabilidade de cada um no resultado da equipe.

10 - Os jogos constituem a base das aprendizagens humanas: Huizinga (2008, p. 32) enxerga o jogo como elemento da cultura humana. Afirmando que o jogo é anterior à cultura, visto que esta pressupõe a existência da sociedade humana, enquanto os jogos são praticados mesmo por animais. A ludicidade e o prazer neles envolvidos os tornam acervos culturais perenes da humanidade.

11 - A Geometodologia utilizada em sua aprendizagem

está vinculada a visão sistêmica, global, complexa e dialética da realidade. Intimamente interligada/conectada com todas as aprendizagens no curso da vida. “Todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum” (SANTOS, 2009, p. 88).

12 - As pesquisas científicas educacionais em todo mundo (Dr. Ferguson, www.uschesstrust.org), evidenciam a importância do xadrez no incremento da aprendizagem escolar, atuando direta e indiretamente em várias habilidades, processos mentais, e corroboram o que todos os educadores que trabalham com o xadrez já comprovaram com seus alunos em sala de aula: O xadrez aumenta a cognição humana, a capacidade de aprender do educando.

13 - O Educador possui fundamental importância na aplicação e mediação do Geoxadrez (Geometodologia), por provocar situações problemas que envolvam o ser, conviver, fazer e conhecer do educando, desafiando-o a reagir a níveis cada vez mais elaborados em sua rotina pedagógica.

14 - A disciplina inscrita nos torneios/partidas de xadrez (Compromissos com horários, obediência as regras dos jogos/ competições, estudos prévios autônomos e mediados, comportamento durante as partidas. Contribui para uma disciplina maior basilar para toda a vida.

15 - Em suma, podemos afirmar após as reflexões levantadas no presente artigo, que o Geoxadrez, mediado pela Geometodologia apresentada, desenvolve competências cognitivas básicas (Memória, atenção, raciocínio lógico/ abstrato, inteligência emocional, metacognição, tomada de decisão, capacidade de resolver problemas, sociabilidade, psicomotricidade fina, autoconhecimento, pensamento antecipatório, hábitos de estudo, habilidades tecnológicas digitais). Que terão importância vital em suas competências de aprendizagem escolar, vida cidadã e performance esportiva; por toda vida.

16 - Algumas características tornam o xadrez excepcional:
a) Não foi a criação de um gênio isolado, mas construção histórica da humanidade, atingindo o patamar de patrimônio

cultural universal;b) Possui todas as qualidades de um bom jogo, superando-o em complexidade. c- Pelo seu alto grau de complexidade, pode desenvolver os quatro pilares da educação do terceiro milênio (R. Delors); d) Por todas as características anteriores é um excelente dinamizador da cognição humana e potencializador da aprendizagem, se mediado pela Geometodologia proposta neste trabalho.

17 - Morin (2001), em sua teoria da complexidade, afirma que o ser humano deve estar apto a lidar com: O inesperado, incertezas e a desordem, na educação do futuro. O xadrez é um mini laboratório para o exercício da complexidade de que fala Morin. As múltiplas possibilidades de lances a serem realizados por ambos os jogadores, exigem o enfrentamento da incerteza e da desordem em algoritmos quase infinitos. O caos da complexidade é o ponto de partida para elaborações de hipóteses, que precisam ser avaliadas a cada lance, comprovando ou não sua eficácia, nas práxis do movimento, favorecendo infindas reflexões e autorregulações. A complexidade é a essência do jogo de xadrez, a sustentação de sua dinâmica. Concretamente afirmamos que o xadrez é o jogo mais eficiente para o exercício da complexidade. Introduzir a criança no mundo do xadrez é capacitá-la para a sintonia com as bases do pensamento complexo. “O verdadeiro pensamento é o que olha de frente, enfrenta a desordem e a incerteza” (MORIN em SCHINITMAN, 1996, p. 37).

18 - Conforme deixamos claro no trabalho encaminhamos esforços no sentido de ressignificarmos o xadrez convencional, em direção ao Geoxadrez. Reconstruído pelos saberes que desenvolvemos nos tópicos do artigo e repleto de possibilidades pelas características ímpares que o concernem. Resgatamos a prioridade do lúdico no espaço de aprendizagem para a inteligência geral. “A educação deve favorecer a aptidão natural da mente para em formular e resolver problemas, estimulando o uso total da inteligência geral” (MORIN, 2001, p. 81).

19 - Tendo em vista as conclusões anteriores, que sintetizam nossas investigações e reflexões, consideramos de suma importância a inclusão do Geoxadrez como uma

das modalidades esportivas nos GEOs existentes, e futuros GEOs, dada a sua relevância central na formação geral dos educandos, nos ginásios vocacionados.

20 - Se as premissas obtidas neste artigo forem corroboradas através de novas pesquisas, que a educação incorpore para si o compromisso e a responsabilidade de assumir o Geoxadrez como um dos maiores potencializadores da aprendizagem do educando, em seus complexos processos cognitivos: Na vida acadêmica, performance atlética e vida cidadã.

Referências

- ANTUNES, C. *Como desenvolver conteúdos explorando as inteligências múltiplas*. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2001.
- BLANCO, U. *Porque El Ajedrez Nas Escolas?* Caracas: Linero S. R. L., 1998.
- BOMPA, T. O. *Periodização: teoria e metodologia do treinamento*. São Paulo: Phorte, 2002.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- DIÁRIO OFICIAL DO RIO DE JANEIRO. *A cultura da paz em resposta à violência*. Relatório Delors. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 13 ago. 2001.
- FIGUEIRA, A. P. C. Metacognição e seus contornos. Disponível em <http://www.campus-oei.org/revista/deloslectores/446Couceiro.pdf>, acessado em 14/11/2013.
- FONSECA, V. *Neuropsicologia e Aprendizagem*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- GADOTTI, M. *Concepção Dialética da Educação: um estudo introdutório*. São Paulo, 2000.
- GERHRINGER, M. *Odisseia Digital*. Superinteressante Especial, São Paulo: Editora Abril, p. 65, 2001.
- GOLEMAN, D. *Inteligência Emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- GREENFIELD, S. A. *O Cérebro humano: uma visita guiada*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- HUIZINGA, J. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura* (1938). São Paulo: Perspectiva, 2008.

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

- KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H.; THOMAS, M. J. *Fundamentos da Neurociência e do Comportamento*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.
- KATZ, L. C. *Mantenha o seu cérebro vivo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- LAROUSSE DE AJEDREZ. Barcelona: Larousse Editorial, 2000.
- MORIN, E. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.
- RATHS, L. E.; ROTHSTEIN, A. M.; JONAS, A.; WASSERMANN, S. *Ensinar a Pensar*: Teoria e Aplicação. São Paulo: E. P. U. 1977.
- REZTAK, R. M. *Brainscapes*. New York: Hyperion, 1995.
- SÁ, A. V. M. *O Xadrez e a Educação*. Curitiba: Preto e Branco, 1991.
- SANTOS, B. S. *Um Discurso Sobre As Ciências*. São Paulo: Cortez, 2009.
- SCHMIED – KOWARZIK, W. *Pedagogia Dialética*. de Aristóteles a Paulo Freire. São Paulo, 1988.
- SCHNITMAN, D. F. *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- SMOLE, K. C. S. *Múltiplas Inteligências na Prática Escolar*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação a Distância, 1999.
- SOUZA, J. F. de. *Uma Pedagogia da Revolução*. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1987.
- STEFANELLO, J. M. F. *Treinamento de Competências Psicológicas: em busca da excelência desportiva*. Barueri, São Paulo: Minha Editora: Manole, 2007.
- TARICANO, I. *Neuropedagogia e Fundamentos da Aprendizagem*. São Paulo: Instituto Saber, 2009 – Anotações da aula do Curso de Especialização em Neuropedagogia e Psicanálise.
- VARJAL, M. E. *A Supervisão Educacional e a Questão da Democratização da Escola*. Recife, 1988. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.
- VASCONCELLOS, C. dos S. *Construção do Conhecimento em Sala de Aula*. São Paulo, 1999.
- VERNOM, F. *Módulo de Bases Neurológicas da Aprendizagem, do Curso de Pós-graduação em Psicopedagogia*. UNIABEU: Anotações de Aula, 2001.
- A Construção do cérebro. *Veja*. São Paulo: Abril Cultural, Edição: 1436, pg. 84-89, 20 de março, 1996.

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

<<http://www.Gardinerchess.com/publications/ciers.pdf>>acesso em 14 de novembro de 2013.

<<http://www.uschesstrust.org>> acesso em 14 de novembro de 2013.

<<http://www.santafe.edu> › about › peopley> acesso em 14 de novembro de 2013.

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

CAPÍTULO 5

GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO: A TRANSFORMAÇÃO DE UMA IDEIA EM UM PROJETO DE SUCESSO

Daniel Corrêa de Mattos



Figura 5. Sala de musculação. Fonte própria.

Cronologia da criação

A criação do Ginásio Experimental Olímpico, contribuição de muitas pessoas, teve, no entanto, sua ideia original elaborada, em 2006, por Maurício Mendes Pinto.

Naquele ano, Maurício, professor de educação física do município do Rio de Janeiro, ingressou em uma comissão de professores de educação física que se reunia para falar sobre os rumos da educação física no Rio, o Pan-Americano era uma realidade e a promessa das olimpíadas em 2016 estava muito próxima.

Dentro de um dos encontros desse grupo, Maurício pensou em um projeto que, por meio dos jogos estudantis, se identificariam os talentos que seriam enviados para uma escola vocacionada; um centro de treinamento e preparo desses alunos. Apresentou, então, o projeto para o prefeito do Rio de Janeiro, na época César Maia, que não o levou à frente.

Em 2009, a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (PCRJ) compra uma construção no Bairro de Santa Teresa: uma escola pertencente à Sociedade Civil de Divulgação Cultural e Educacional Japonesa do Rio de Janeiro. Esta escola no passado teve muitos alunos, entretanto, com o constante conflito nas comunidades vizinhas, o número de alunos foi diminuindo até que o local não era mais considerado seguro para a comunidade japonesa.

No mesmo ano de 2009, Maurício começa a trabalhar na Secretaria Municipal de Educação (SME); conhece, então, o Subsecretário de Projetos Estratégicos, Rafael Parente, e a Coordenadora de Educação, Maria de Nazareth Machado de Vasconcelos.

No ano de 2010, já trabalhando na área de tecnologia da SME, Maurício apresentou o projeto para Rafael Parente que se interessou e o levou para Secretária de Educação.

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

Cláudia Costin acabara de chegar da China onde havia conhecido vários projetos desportivos. Lendo o projeto de Maurício, Cláudia ficou motivada a construir uma escola que unisse o esporte e o pedagógico.

O prefeito Eduardo Paes e a secretária municipal de Educação, Claudia Costin, lançaram, em 19 de agosto de 2011, o projeto Ginásio Carioca, na Escola Municipal Rivadavia Corrêa, no Centro. A nova proposta tinha como objetivo dar mais um passo para o salto de qualidade na Educação da cidade, melhorando o desempenho escolar e combatendo a defasagem idade-série nos alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). De acordo com a secretária Claudia Costin, o Ginásio Carioca apoia-se em três eixos: excelência acadêmica, apoio ao projeto de vida do aluno e educação para valores.

Em 2011, o Instituto Trevo, que já era parceiro desde 2009 da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, e que já trabalhava na construção dos Ginásios Cariocas junto com o Instituto de Co-Responsabilidade pela Educação (ICE) foi convidado a participar na criação deste novo modelo de educação aliado aos esportes, o GEO (Ginásio Experimental Olímpico).

No final de 2011, a Secretária de Educação Cláudia Costin convida o professor, na época diretor da Escola Municipal Pedro Aleixo, José Edmilson da Silva e o diretor adjunto Daniel Corrêa de Matos, para montar a equipe de direção, de forma a assumir no início de 2012 o primeiro GEO, que iria se localizar em Santa Teresa, no prédio da antiga escola japonesa, comprado pela prefeitura em 2009. O nome do primeiro GEO, Juan Antônio Samaranch, foi uma homenagem ao ex-presidente do COI (Comitê Olímpico Internacional) que havia falecido em março de 2010.

Em 20 de outubro de 2011 sai o Edital da SME de nº 10, que regulamenta o processo de seleção e remoção ex-officio de professores para o Ginásio Experimental Olímpico.

Em 23 de novembro de 2011 sai o Decreto nº 34768, que dispunha sobre a estrutura organizacional da Secretaria

Municipal de Educação – SME.

Em 19 de março de 2012 sai o Decreto nº35261 que criava o Programa Ginásio Experimental Olímpico e Paraolímpico no âmbito da Secretaria Municipal de Educação e dava outras providências.

Em 4 de abril de 2012 sai a Resolução SME nº 1181, que dispunha sobre a implementação do Programa Ginásio Experimental Olímpico e Paraolímpico, instituído no âmbito da Secretaria Municipal de Educação, por intermédio do Decreto nº 35.261, de 19 de março de 2012.

A ideia que surgira em 2006 estava se concretizando, entretanto, o projeto de descoberta de talentos precisava tomar uma nova dimensão para se tornar uma escola que unisse o pedagógico ao esporte.

Os desafios para inauguração

Desde o final de 2011, quando saiu o decreto da criação do GEO, o grupo da direção da escola, com o auxílio da 1ª CRE, o grupo do Instituto Trevo e o idealizador do projeto Mauricio Mendes se debruçavam nos detalhes para efetivação da escola. Problemas como comunicação, gestão, infraestrutura, modelo pedagógico, seleção de alunos, seleção do RH e outros eram alguns dos desafios que se apresentavam para ser resolvido até 3 de fevereiro, quando as aulas começariam.

Comunicação

Dentre os problemas de Comunicação que haviam de ser resolvidos, podemos listar:

- Criação de grupo de e-mails para os envolvidos no projeto;
- Realização de reunião com os coordenadores das CREs para apresentação do projeto;
- Realização de reunião com os professores de Educação Física nas CREs para divulgação do projeto;

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

- Registrar domínio do site, formular conteúdo da página inicial, inserir endereço do site nos produtos de comunicação e alimentar o site;
- Fabricação da cartilha, divulgação e distribuição;
- Produção de cartazes e panfletos para distribuição nas escolas, eventos esportivos e vilas olímpicas;
- Produção de material de comunicação para professores;
- Divulgação de vagas específicas GEO Santa Teresa para formação dos professores em modalidades específicas;
- Assessoria de Imprensa;
- Mobilização da comunicação para todo processo de seleção de professores e alunos.

A maior dificuldade encontrada no âmbito da comunicação foi a propaganda realizada sobre o GEO. O pouco tempo para divulgação, a falta de respostas precisas e os métodos para ingresso dos professores e alunos acarretaram um processo de seleção de professores com cerca de 200 professores de Educação Física interessados nas 8 vagas necessárias, e um número inicial de 300 alunos para ocupar 350 vagas estimadas para o primeiro ano de funcionamento.

Gestão

Dentre os problemas de Gestão que haviam de ser resolvidos, podemos listar:

- Termo de Convênio com a Trevo;
- Definir modelo de gestão do GEO;
- Criação dos novos cargos do segundo diretor e segundo coordenador pedagógico;
- Criar instrumentos de avaliação específicos para o GEO;
- Solicitar orçamento para Avaliação do Projeto;
- Avaliar propostas;
- Procurar parcerias locais e parcerias estratégicas.

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

A criação dos novos cargos de segundo diretor e segundo coordenador pedagógico só aconteceu dois meses depois do início das aulas, as discussões sobre o modelo de gestão levaram à contratação do instituto INDG para padronizar as ações; a introdução de instrumentos para padronização das ações entre o GEO de Santa Teresa e os futuros GEOS de outras regiões são aperfeiçoadas até os dias atuais.

Foi criado um comitê gestor, onde os membros da direção se dividiam entre:

- Gestor acadêmico
- Gestor de resultado
- Gestor ambiental
- Gestor desportivo
- Facilitador da comunicação
- Gestor de padronização

Reuniões com o subsecretário de educação eram agendadas periodicamente para dar conta do que estava sendo realizado dentro da escola. Foram traçadas metas a serem alcançadas. Dentro dessas ações eram observadas questões positivas, questões que necessitavam de atenção e questões que precisavam de ação imediata; essas observações apareciam como sinal verde, amarelo e vermelho, e ações deveriam ser desencadeadas para que a escola estivesse com todos os quesitos no verde.

Algumas dessas metas não eram possíveis de serem atingidas no primeiro ano, pois dependiam de fatores externos.

Infraestrutura

Dentre os problemas de infraestrutura que haviam de ser resolvidos, podemos listar:

- Obras em andamento;
- Materiais permanentes e de consumo;
- Kit Educopédia em todas as salas;
- Internet;
- Cadeiras, mesas e armários;
- Netbooks;

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

- Material de expediente;
- Limpeza, higiene e toalete;
- Uniformes;
- Material didático;
- Computadores;
- Laboratório de informática;
- Lavanderia;
- Material desportivo.

A demora na entrega dos vencedores das licitações de materiais desportivos, uniformes e instalação de internet para toda escola, assim como o material de expediente escasso e a não construção do Laboratório de Informática não são problemas impeditivos quanto a continua obra com a qual a escola convive durante as aulas.

Modelo Pedagógico

Dentre os problemas no modelo pedagógico que haviam de ser resolvidos, podemos listar:

- Definição do modelo pedagógico de educação;
- Definição do modelo de treinamento;
- Definição das cargas horárias;
- Definir número de professores;
- Construção da grade;
- Construção do documento do GEO;
- Definir materiais de apoio pedagógico;
- Planejar formação de professores;
- Planejamento com a equipe da escola.

Talvez a maior dificuldade inicial tenha sido a construção da grade de horários. Tínhamos de seguir o modelo pré-existente nos Ginásios Cariocas que funcionavam de segunda a sexta, das 8h às 16h, e inserir ainda a parte do treinamento esportivo.

Seleção de alunos

Dentre os problemas na seleção de alunos que haviam de ser resolvidos, podemos listar:

- Marcar data para teste de habilidades específicas;
- Organizar logística para realização dos testes físicos;
- Analisar os dados dos testes;
- Emitir lista de aprovados;
- Matricular.

Praticamente todos os alunos que se inscreveram para estudar no GEO conseguiram se matricular. A procura era menor que a demanda, os testes físicos serviram apenas para classificar e não qualificar os alunos que poderiam se matricular. A previsão de turmas era de quatro turmas de sexto ano, três turmas de sétimo ano e três turmas de oitavo ano; entretanto, a procura de oitavo ano foi menor do que a dos demais anos, e, estrategicamente, para manter o número de alunos, a escola abriu cinco turmas de sexto ano, três de sétimo e duas de oitavo ano.

Na rede municipal de ensino os alunos são enturmados de acordo com alguns quesitos: idade, ano de escolaridade, ser alfabetizado ou não, número de faltas que obteve no ano anterior, entre outras. No ano de 2012 o aluno que nasceu em 2001 (existe um período que vai até o último mês de março que considera esse fator de idade também) era o aluno que estava na idade correta para estar no sexto ano; sendo assim, para o aluno que nasceu em 2000, o correto era estar no sétimo ano; para o aluno de 1999 o correto era estar no oitavo ano e assim para quem nasceu em 1998, o nono ano. Utilizando o exemplo onde o aluno nascido em 2001, com seu ano de escolaridade correto para estar no sexto ano em 2012, o aluno nascido em 2000 estava com um ano de atraso e o aluno nascido em 1999 com dois anos de atraso. No início havia sido divulgado que no GEO teríamos apenas alunos com um ano de atraso, no entanto, devido às circunstâncias, muitos alunos com mais de um ano de defasagem aqui entraram.

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

A Secretária de Educação, Claudia Costin, criou projetos para que alunos com características de defasagem idade-série pudessem se recuperar em seu nível de escolaridade e avançassem em suas vidas acadêmicas, sendo seriado normalmente a partir do momento em que obtivessem a experiência necessária para tal.

O problema de idade para o projeto do Ginásio Experimental Olímpico não se reflete na questão do estudo, é claro que ter uma criança de 10 anos com uma criança de 13 anos na mesma turma não torna o convívio entre as mesmas salutar pelo grau de maturação em que ambos estão inseridos, mas o maior reflexo se dá na questão social do aluno. Vejamos, a competição de maior importância na vida do aluno-atleta, em termos estudantis, são as Olimpíadas Escolares; elas, em sua construção, se baseiam no ano de escolaridade correto para cada segmento, ou seja, em todos os anos existem duas categorias, a categoria A voltada preferencialmente para o ensino fundamental e a categoria B voltada preferencialmente para o ensino médio, masculina e feminina.

No ano de 2012, estas categorias foram divididas nas seguintes idades: categoria A, de 14 a 12 anos (leia-se nascidos em 1998, 1999, 2000) e categoria B, de 17 a 15 anos (leia-se 1995, 1996, 1997).

Sendo assim, se tivéssemos um aluno ingressando no sexto ano do Ginásio Olímpico em 2012, nascido em 2001, quando chegasse ao nono ano, seria seu último ano de participação na categoria que compreende o ensino fundamental, a categoria A.

Podemos nos perguntar, mas no primeiro ano no GEO ele não poderia participar desta competição? Não pode participar desta competição, mas temos os jogos estudantis que servem de preparatório e temos em algumas modalidades o Intercolegial que também faz este preparo.

Posso ainda justificar esta resposta falando de nosso sistema progressivo de treinamento onde o aluno atinge seu último nível na fase 3, que acontece no seu nono ano.

Qual o problema em matricular o aluno no ano correto

no GEO? Problema algum, essa idade está de acordo com as competições estudantis da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil.

Nossa unidade escolar é uma escola que tem um programa diferenciado das demais escolas da rede, existe um investimento pesado não somente no aluno, mas no atleta e no cidadão.

Continuando no exemplo do sexto ano, tivemos em 2012 alunos que nasceram no ano de 1999 e lembrando as Olimpíadas Escolares na categoria A em 2012, fora 1998, 1999 e 2000, em 2013 ele poderia ainda participar das Olimpíadas Escolares, entretanto no ano de 2013 ele estaria fora da categoria A, obrigatoriamente teria de participar da categoria B para não ficar alijado do processo.

A categoria B tem elementos de treinamento que divergem do nosso modelo de treinamento, a performance é exacerbada, a maior parte dos alunos tem 17 anos, alunos federados, alunos que treinam em clubes participam em demasia desta categoria, esta característica vai de encontro ao que esperamos de nossos alunos quando terminarem seu ensino fundamental, que sejam encaminhados para clubes e escolas de ensino médio de qualidade e que não “queimem” etapas de treinamento.

De 2012 para 2013, perdemos muitos de nossos alunos de oitavo ano que passaram para o nono ano para escolas particulares, nossos alunos são conscientes das faixas etárias das competições e sabem que por terem idade avançada não poderiam participar das Olimpíadas Escolares e do Intercolegial em 2013, por mais que conversássemos e falássemos sobre a busca de outras competições e amistosos, o interesse é pelas competições de maior porte, onde muitos de seus colegas de treinamento participariam, e eles com idade avançada: não. Sendo assim os mais talentosos receberam convites de escolas particulares para estudar com bolsa de 100%, e os menos habilidosos ou que não tiveram esta iniciativa resolveram sair da escola para buscar outra escola na rede onde pudessem estudar em turno único e treinar em clubes no outro turno.

ALUNO – ATLETA – CIDADÃO - ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO

Essa saída antecipada do projeto faz com que o aluno deixe de vivenciar não somente a última etapa de treinamento na escola como também é tolhido da continuidade do ensino diferenciado que recebe e no projeto de vida. Em outras palavras, podemos concluir que o ingresso no ano de escolaridade correto faz com que o aluno possa desfrutar do projeto integralmente sem causar a frustração que os alunos com defasagem encontram no oitavo e nono ano, dependendo de seu nível de atraso.

Seleção do RH

Dentre os problemas em RH que haviam de ser resolvidos podemos listar:

- Marcar data para seleção de professores;
- Convocar os professores para seleção presencial;
- Realizar formação para seleção de professores;
- Avaliar o conteúdo produzido na capacitação;
- Semana das entrevistas;
- Divulgar lista de aprovados;
- Chamar professores para seleção de alunos;
- Definir contratação do restante do RH (Limpeza, Segurança, Piscina, Salva-Vidas).

A grande procura de professores de educação física facilitou no processo de escolha, enquanto a pequena procura para professores de outras disciplinas prejudicou muito o projeto.

Entre outros problemas que haviam de ser resolvidos, podemos listar:

- Levantamento de acesso de ônibus ao GEO;
- NADE (Núcleo Avançado de Desenvolvimento Esportivo);
- Solicitação da Implementação de ponto de ônibus na saída do túnel da rua Alice;
- Solicitação da implementação de novas linhas;
- Solicitação de placas de sinalização de trânsito no entorno da escola.

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

Alguns problemas iniciais se perpetuam até os dias atuais, apenas uma linha de ônibus passa perto da escola (133), novas linhas não foram criadas, o NADE não existiu no primeiro ano de projeto.

Ginásio Experimental Olímpico

O projeto inicial criado por Maurício, com a ajuda da Trevo está descrito a seguir:

VISÃO

Formar alunos-atletas-cidadãos na Rede Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro.

MISSÃO

Integrar o desenvolvimento acadêmico e esportivo, formando talentos na vida e no esporte.

OBJETIVO

Consolidar uma metodologia de descoberta de talentos esportivos aliada ao desenvolvimento acadêmico na Rede Municipal de Educação.

CARACTERÍSTICAS

- Uma escola em tempo integral.
- Vocacionada para o esporte.
- Integra a formação acadêmica e esportiva.
- Forma o aluno-atleta-cidadão.
- Orientada por estratégias problematizadoras.
- Relações dialógicas e participativas.
- Incentiva protagonismo juvenil.
- Apoia a construção de um Projeto de Vida.

FUNCIONAMENTO DA ESCOLA

Das 7h às 20h

HORÁRIOS DOS ALUNOS

7h30min – Desjejum

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

8h – Início das aulas

12h20min / 13h20min – Almoço

13h20min / 13h40min - Repouso

17h – Saída das turmas de 6º e 7º anos

17h30min – Saída das turmas de 8º e 9º anos

CAPACIDADE DE ATENDIMENTO EM 2012

10 turmas com 35 alunos cada

- 4 turmas de 6º ano
- 3 turmas de 7º ano
- 3 turmas de 8º ano

PÚBLICO ALVO

Atendimento prioritário aos alunos da Rede Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro.

EQUIPE GESTORA

- Diretor geral;
- 2 Diretores adjuntos;
- Coordenador (a) pedagógica;
- Coordenador (a) esportiva.

EQUIPE PEDAGÓGICA

- 3 Professores (as) de Exatas;
- 4 Professores (as) de Humanidades;
- 1 Professor (a) de Linguagens Artísticas;
- 2 Professores (as) de Inglês;
- 7 Professores (as) de Educação Física;
- 1 Professor (a) de Sala de Leitura;
- 17 Estagiários (as)

EQUIPE MULTIDISCIPLINAR

- Nutricionista;
- Psicólogo;
- Fisioterapeuta.

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

EQUIPE DE APOIO

- APA'S;
- Equipe de limpeza;
- Equipe de segurança;
- Agentes educadores;
- Salva vidas;
- Roupeiros.

CAPACITAÇÕES

- Dias 02, 03, 06, 07, 08, 09 e 10 de fevereiro
 - ✓ Equipe gestora;
 - ✓ Equipe pedagógica;
 - ✓ Equipe de apoio.

PROCESSO DE MATRÍCULA

- 1º momento de inscrições (<https://matriculadigital2.rioeduca.rio.gov.br>);
- Exame médico;
- Teste de habilidades físicas básicas;
- Alocação;
- Confirmação da matrícula;
- 2º momento de inscrições;
- Exame médico;
- Alocação;
- Confirmação de matrícula;
- Convocação dos alunos de outras redes inscritos no 1º momento;
- Os alunos que não realizarem os testes de habilidades físicas básicas antes de começar as aulas realizarão os testes assim que as aulas começarem.

MODELO PEDAGÓGICO

Polivalência

- Humanidades (Língua Portuguesa, Geografia, História);
- Exatas (Matemática, Ciências);

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

- Linguagens Artísticas;
- Educação Física;
- Inglês;
- Estudo Dirigido;
- Projeto de Vida (8º e 9º anos);
- Disciplinas eletivas;
- Grêmio Estudantil;
- Estudos do meio;
- Treinamento Esportivo.

APOIO PEDAGÓGICO

- Educopédia;
- Cadernos de apoio pedagógico;
- Cadernos de Educação Física;
- Sala de leitura;
- Laboratório de ciências;
- Sala de Linguagens artísticas;
- Laboratório de informática;
- Guia de boas-vindas.

Quadro 1. Disciplinas e carga horária

ÁREAS DE CONHECIMENTO	DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA - TEMPOS			
		ANOS			
		6º	7º	8º	9º
<i>HUMANAS</i>	LINGUA PORTUGUESA	6	6	6	6
	GEOGRAFIA	3	3	3	3
	HISTÓRIA	3	3	3	3
	Total	12	12	12	12
<i>EXATAS</i>	CIENCIAS	3	3	3	3
	MATEMÁTICA	5	5	5	5
	Total	8	8	8	8

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

<i>EDUCAÇÃO FÍSICA</i>	EDUCAÇÃO FÍSICA	2	2	2	2
<i>ARTES</i>	LINGUAGENS ARTÍSTICAS	2	2	2	2
<i>LÍNGUA ESTRANGEIRA</i>	INGLÊS	5	5	5	5
<i>PARTE DIVERSIFICADA</i>	GRÊMIO ESTUDANTIL (eletiva)	2	2	2	2
	NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO (eletiva)				
	PROJETO DE VIDA			2	2
	ESTUDO DIRIGIDO	2	2	2	2
<i>TREINAMENTO</i>	HANDBALL (eletiva)				
	VOLEI (eletiva)				
	NATAÇÃO (obrigatória - 6º e 7º anos)				
	XADREZ (obrigatória - 6º e 7º anos)				
	JUDO (eletiva)				
	ATLETISMO (eletiva)				
	FUTEBOL (eletiva)				
	TÊNIS DE MESA (eletiva)				
	Total	8	8	10	10
	TOTAL DE TEMPOS DE AULA	41	41	45	45

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

PARTE DIVERSIFICADA

- Protagonismo Juvenil
O protagonismo será trabalho de forma transversal em todas as atividades escolares.
- Grêmio Estudantil (eletiva)
Os alunos serão estimulados a participar de plenárias semanais de 1 hora. Cada turma elegerá um representante e os representantes das turmas elegerão os representantes da escola.
- Núcleo de Comunicação (eletiva)
Atividade de comunicação (rádio, jornal, redes sociais, blog, site e etc...) desenvolvida por um grupo de alunos.
- Projeto de Vida
Nos 8º e 9º anos os alunos terão 1 (um) tempo na grade curricular com o professor tutor que orientará a construção do projeto de vida.
- Estudo Dirigido
Todos os alunos terão em sua grade curricular 2 (dois) tempos semanais para organizar sua vida acadêmica.
- Disciplinas Eletivas
Semestralmente cada professor oferecerá uma disciplina eletiva para que os alunos escolham de qual delas participarão.
- Estudos do meio
Atividades externas a rotina escolar que enriqueçam a vida acadêmica do aluno.
Serão realizadas periodicamente, com planejamento sendo realizado por um professor ou por um grupo de professores.
- Treinamento Esportivo
Todos os alunos terão um tempo de 50 (cinquenta) minutos para realizar sua higiene (banho) depois dos treinamentos.

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

Treinamento para alunos de 6º ano

- Os alunos participarão obrigatoriamente das aulas de natação e xadrez e ainda escolherão mais três modalidades. Sendo: xadrez e natação e mais uma modalidade em um semestre, e mais duas modalidades diferentes no outro semestre. O aluno deverá escolher pelo menos uma modalidade individual e uma coletiva ao longo do ano.

Treinamento para alunos de 7º ano

- Os alunos participarão obrigatoriamente das aulas de natação e xadrez e ainda escolherão mais três modalidades. Sendo: xadrez e natação e mais uma modalidade em um semestre, e mais duas modalidades no outro semestre. Neste caso ele poderá repetir a modalidade escolhida de um semestre para outro. O aluno deverá escolher pelo menos uma modalidade individual e uma coletiva ao longo do ano.

Treinamento para alunos de 8º e 9º anos

- Os alunos escolherão duas modalidades para praticar durante todo o ano. O aluno deverá escolher uma modalidade individual e uma coletiva.

**NÚCLEO AVANÇADO DE
DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE**

Grupo de professores pesquisadores que orientará a equipe pedagógica do GEO sobre pesquisas internas e externas que abordem a temática do treinamento de longo prazo.

DIFERENÇAS ENTRE A IDEIA INICIAL E COMO FUNCIONOU EM 2012

Muitas ideias contidas no projeto apresentado por Maurício e pelos componentes da Trevo precisavam de ajustes para se adequarem à realidade da rede municipal de ensino. Podemos destacar as modificações a seguir:

- Em relação ao horário de funcionamento da escola: das 10h30min às 10h40min existe um horário para lanche, o almoço acontece das 12h20min às 13h30min, existe um novo horário de lanche à tarde, das 15h10min às 15h20min e o horário de almoço é o mesmo para todas as turmas da escola; das 17h às 17h30min, temos um horário de lanche da tarde.
- O atendimento em 2012 foi de cinco turmas de sexto ano, três turmas de sétimo e duas turmas de oitavo.
- Tínhamos oito professores de educação física e quatro professores de inglês.
- Não existiu equipe multidisciplinar, psicólogo, nutricionista e terapeuta.
- Sobre a equipe de apoio, não temos roupeiros.
- Sobre o modelo pedagógico foi incluído a disciplina de Saúde para o sexto ano e o projeto de vida ficou destinado ao sétimo ano em diante.
- Sobre a parte de apoio pedagógico não contamos com sala de informática e a educopédia só foi possível ser trabalhada offline, pois não tínhamos internet para toda escola.
- Sobre as áreas de conhecimento temos 10 tempos de exatas ao contrário das oito previstas, divididas em seis tempos de matemática e quatro de ciências.
- Na área de conhecimento da parte diversificada não temos o grêmio estudantil e o núcleo de comunicação como atividade eletiva.
- O estudo dirigido foi substituído pela disciplina de saúde no sexto ano.
- A parte de treinamento foi eleita de uma única forma para escola inteira, consideramos todos os alunos

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

como sendo da primeira etapa de desenvolvimento, sendo assim todos tiveram seis tempos de uma atividade esportiva principal e quatro tempos divididos nos demais esportes durante um semestre, de modo que os alunos experimentassem todos os esportes durante o ano e não perdessem sua atividade desportiva principal.

- O NADE não existiu no primeiro ano.
- Grade de Horário sem possibilidade de realização.

GRADE DE HORÁRIO

Uma das maiores dificuldades era criar uma grade de horário que atendesse às premissas dos GECs (Ginásios Cariocas) e que introduzisse a parte desportiva. O horário de funcionamento dos GECs era das 8h às 16h, precisávamos introduzir o treinamento desportivo e não podíamos retirar os tempos das principais disciplinas que eram confiadamente sinal de sucesso.

Outro grande dificultador estava relacionado aos esportes coletivos, precisávamos dos alunos treinando juntos, e a faixa etária era diversificada, incluindo alunos de idades diferentes em uma mesma série.

Foi criado uma escola que funcionasse das 8h às 17h o que dava 45 tempos de aula semanais, dessas aulas 12 tempos de humanidades e 10 tempos de exatas, assim como 2 tempos de artes estavam consolidados. Sendo assim, tínhamos 24 tempos consolidados, a solução foi criar uma maneira de multiplicar os horários dentro do próprio horário, foi criado uma faixa de treinamento para os alunos de sexto e os mais novos de sétimo, e outra para os mais velhos de sétimo e os de oitavo. Nestas duas faixas de treinamento, enquanto acontecia o treinamento do primeiro grupo os demais entravam em turmas distintas que receberam o nome de Ts.

As Ts tinham características de uma turma com quantidade menor de alunos do que as turmas convencionais o que facilitava a aprendizagem do inglês, e das outras

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

disciplinas diversificadas, assim como a educação física curricular.

Precisávamos ainda de no mínimo um tempo semanal onde toda a escola se mobilizaria para as disciplinas eletivas, era o tempo que faltava no horário de núcleo comum para totalizar os 25 tempos; com mais 20 tempos do treinamento e parte diversificada o horário da escola estava formado.

Cada aluno da escola participava de quatro turmas diferentes, são elas:

- Turma de Núcleo Comum
- Turma de Treinamento
- Turma de Inglês
- Turma de Eletiva

Vivência = Os alunos experimentavam outras atividades esportivas que não a escolhida por eles para ser a principal.

Projeto Saúde = Os alunos tinham noções de saúde com um professor especializado.

Projeto de Vida = Momento onde os alunos traçavam seus sonhos e organizavam a forma de alcançá-los.

Estudo Dirigido = Os alunos tiravam dúvidas sobre suas dificuldades acadêmicas.

Treinamento = 6 tempos semanais do esporte em que o aluno tinha maior aderência.

Educação Física = Aula de Educação Física curricular com cadernos pedagógicos únicos na rede para alunos do GEO.

Inglês = Aulas de Inglês com turmas de menor número que nas salas de aula todos os dias.

Durante o único tempo de eletiva que acontecia uma vez durante a semana, em 2012 foram oferecidas atividades, a saber:

- Mangá
- Cinema
- Capoeira
- Cinema
- Dança
- Informática do Esporte
- Música

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

- Xadrez
- Capoeira
- Geocientistas
- Teatro
- Tradução de Músicas
- Tênis de Mesa
- Natação
- Atletismo
- Handebol
- Reforço 1
- Reforço 2
- Reforço 3
- Reforço 4

Notem que temos cinco esportes que eram oferecidos como eletivos; esta característica foi modificada posteriormente, não queríamos que os alunos tivessem mais esportes naquele momento.

Tínhamos duas turmas de reforço para o sexto ano, uma turma de reforço para o sétimo e uma turma de reforço para o oitavo para os alunos que tinham dificuldades acadêmicas.

ALUNO-ATLETA-CIDADÃO

Aluno-Atleta-Cidadão virou um mantra na cabeça de todos, de professores, gestores, alunos. Todos objetivavam simplificarmente falando: obter sucesso nos estudos, ter o esporte como tarefa norteadora e de promoção da saúde em suas vidas, e ter atitudes e pensamentos condizentes com o de um ser humano bom.

No site oficial do GEO o rendimento do aluno-atleta-cidadão é definido como:

“O produto da interação das capacidades físicas, técnicas, táticas, psicológicas, biotipológicas, socioambientais e de suas competências acadêmicas associadas a valores éticos, morais e sociais”.

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

Resultados em 2012

Quando se falava em Ginásio Olímpico muitas pessoas relacionavam a ideia a uma escola onde só se treinava, não enxergavam o projeto como um todo. O reconhecimento sobre o projeto não veio através dos resultados esportivos, pois estes teoricamente eram esperados e sim através dos resultados acadêmicos.

Segue um panorama dos resultados acadêmicos do GEO ao longo do ano:

1º bimestre

6º ano	REDE	CRE	GEO
Língua Portuguesa		7,6	8,4
Produção Textual			6,1
Matemática	6,9		8,1
Ciências	5,1		6,2
7º ano	REDE	CRE	GEO
Língua Portuguesa		6,2	7,3
Produção Textual			7,2
Matemática	4,2		5,4
Ciências	4,8		6,4
8º ano	REDE	CRE	GEO
Língua Portuguesa		5,1	6,2
Produção Textual			7
Matemática	5,6		6,7
Ciências	6,1		6,3

Já no primeiro bimestre, o GEO teve resultados acima dos resultados da rede.

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

2º bimestre

6º ano	REDE	CRE	GEO
Língua Portuguesa	6,9	7,1	7,7
Produção Textual			
Matemática	6,2	6,6	7,8
Ciências	5,9	6,4	7,4

7º ano	REDE	CRE	GEO
Língua Portuguesa	6,3	6,4	7
Produção Textual			
Matemática	3,8	4,3	5,4
Ciências	5,2	5,4	7,4

8º ano	REDE	CRE	GEO
Língua Portuguesa	6,1	6,3	7,2
Produção Textual			
Matemática	4,6	4,8	5,9
Ciências	5,6	5,8	6,8

A partir do segundo bimestre temos também uma comparação com as escolas da CRE além das escolas da REDE, e o GEO permanece acima da média.

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

3º bimestre

6º ano	REDE	CRE	GEO
Língua Portuguesa	5,7	5,9	6,6
Produção Textual	5,6	6,1	7,1
Matemática	5,7	6,2	7
Ciências	5,2	5,7	6,3

7º ano	REDE	CRE	GEO
Língua Portuguesa	5,5	5,7	6,9
Produção Textual	5,4	6	7,2
Matemática	4,8	5,2	6,6
Ciências	6	6,2	8,3

8º ano	REDE	CRE	GEO
Língua Portuguesa	6	6	7,4
Produção Textual	5,9	6,2	7,1
Matemática	4,9	5,2	6,7
Ciências	4,4	4,8	5,9

No terceiro bimestre as notas permaneceram acima e no quarto bimestre uma consolidação do ano permanecendo acima da média.

4º bimestre

6º ano	REDE	CRE	GEO
Língua Portuguesa	7,5	7,8	8,5
Produção Textual	5,8	6,1	7,3
Matemática	4,8	5,3	6,3
Ciências	5,6	6	6,7

7º ano	REDE	CRE	GEO
Língua Portuguesa	6,2	6,4	7,8
Produção Textual	5,7	6,2	7,6
Matemática	4,6	5	6,4
Ciências	5,9	5,9	7,8

8º ano	REDE	CRE	GEO
Língua Portuguesa	6,1	6,3	7,8
Produção Textual	6	6,3	7,1
Matemática	4,4	4,9	6,4
Ciências	4,4	4,8	5,9

O ESPORTE EM 2012

O GEO participou das principais competições escolares-esportivas conhecidas e se aventurou ainda em competições nas federações de Tênis de Mesa e Atletismo. Obtivemos os seguintes resultados:

Jogos Estudantis da Primeira CRE

Os jogos estudantis são organizados pela Secretaria Educacional de Educação e em termos de jogos coletivos acontecem em duas etapas:

Os jogos estudantis por CRE e os jogos estudantis do

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

Rio de Janeiro, onde os vencedores de cada modalidade e categoria se enfrentam para definir o campeão do Rio.

Nas categorias individuais temos apenas uma fase chamada aqui de jogos estudantis do Rio de Janeiro.

Em nosso primeiro ano de participação nos inscrevemos nos esportes coletivos com 10 equipes e obtivemos classificação com oito equipes. Segue abaixo a classificação das equipes que obtiveram medalhas:

Campeão Geral
Campeão Voleibol Infantil Masculino
Campeão Voleibol Infantil Feminino
Campeão Handebol Infantil Masculino
Campeão Handebol Infantil Feminino
Campeão Basquetebol Infantil Masculino
Campeão Basquetebol Infantil Feminino
Campeão Basquetebol Infanto-Juvenil Feminino
Campeão Futsal Infanto-Juvenil Feminino
Segundo Lugar Voleibol Infanto-Juvenil Feminino

A primeira CRE, à qual nossa escola pertence, não tem historicamente equipes muito competitivas e nosso resultado expressivo desagradou algumas das demais escolas da primeira CRE, que alegavam ser o tipo de treinamento realizado por nossa escola injusto com as demais.

No ano de 2012, os Jogos Estudantis da cidade do Rio de Janeiro foram divididos em quatro categorias, a saber:

Infanto-Juvenil - Nascidos prioritariamente em 1997 - 1998
Infantil - Nascidos prioritariamente em 1999 - 2000
Mirim - Nascidos prioritariamente em 2001 - 2002
Pré-Mirim - Nascidos prioritariamente em 2003 ...

Nos esportes coletivos participamos nas categorias Infanto-Juvenil, Infantil e Mirim com 10 equipes, e entre elas apenas ficamos em primeiro lugar no futsal infanto feminino juvenil, duas de nossas equipes nem da primeira

fase passaram. Muitas das escolas que participam dos jogos estudantis têm projetos específicos em suas unidades, como, por exemplo, o Gibi na Escola (projeto de basquete), existem escolas municipais que o treinamento ocorre no contra turno como, por exemplo, a Pedro Aleixo (handball).

Na primeira CRE, onde o GEO Santa Teresa está situado, a competição não é tão forte quanto em CREs como a segunda e a sétima CREs, mas temos escolas que têm projetos específicos, como por exemplo, uma escola situada em Paquetá, que tem projeto de Vôlei, a Santa Catarina que tem o Gibi, entre outras escolas com escolinha de futebol e o GEO de Santa Teresa que é generalista no esporte, não se especificando em apenas uma modalidade.

As competições dos esportes coletivos dos jogos estudantis acontecem em fase única, ou seja, todas as escolas do Rio de Janeiro se encontram em um dia determinado com seus representantes para a disputa; no Xadrez, que não tínhamos um treinador, ficamos empatados e no desempate obtivemos segundo lugar na categoria infantil e em terceiro lugar na categoria infante. Destacaram-se escolas como o GEC Princesa Isabel, que tem trabalho de xadrez, a escola Vargem Grande que tem treinamento específico e no mirim tivemos vitória de escola onde o professor fez seu próprio projeto e no pré-mirim tivemos uma escola onde os alunos tinham aulas particulares de xadrez com o professor Pietro.

No Atletismo, tivemos escolas que têm projetos como o IPEG e a Silveira Sampaio se destacando nas categorias maiores e outras escolas que têm treinamento esportivo específico nas demais categorias.

No Tênis de Mesa fomos campeões nas categorias masculinas.

Não existem muitas competições estudantis na Cidade do Rio de Janeiro, preconizamos participar dos jogos estudantis onde se encontram escolas que se inscrevem apenas para participar, escolas onde existe um trabalho desportivo de treinamento e escolas onde professores fazem milagres para se destacar. Nas Olimpíadas Escolares não é permitido

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

que crianças que comparativamente nos jogos estudantis são mirins e pré-mirins participem, e no Intercolegial apenas algumas modalidades contemplam esta faixa etária.

Os jogos estudantis são de suma importância para o projeto GEO, pois além de possibilitar a participação de nossos atletas mais novos e de nossos atletas defasados em um ano nos traz grande experiência no convívio com escolas que estão muito à frente em termos de treinamento.

O GEO ainda está no começo, acreditamos que no futuro podemos nos tornar grandes desportivamente. Querer retirar o projeto do GEO dos jogos estudantis é como proibir o Ginásio Artístico de participar de um concurso de Artes, é como proibir o Ginásio Tecnológico de participar de uma feira de eletrônica, é como impedir que o Ginásio do Samba participe de uma competição para colocar seu enredo no carnaval.

Se proibirmos o projeto GEO de participar dos jogos estudantis, proibiremos também todas as escolas da prefeitura que têm projetos esportivos de participar dos jogos?

Nos outros estados, as competições escolares municipais permitem inclusive que atletas federados participem. Por que o Rio de Janeiro, que será uma cidade olímpica anda no caminho contrário?

O que mais me espanta é que algumas dessas escolas que reclamaram têm projeto esportivo em suas unidades, estes poucos professores que se mostraram insatisfeitos só pensam em ganhar, são contra o projeto do Ginásio Olímpico e não fazem nada para que dê certo, ao contrário de muitos professores da rede que reconhecem a possibilidade na vida do aluno e orientaram e encaminharam seus próprios alunos para ingressar no projeto.

**Resultados nos Jogos Estudantis
do Rio de Janeiro de 2012**

Campeão Tênis de Mesa Mirim Feminino

Campeão Tênis de Mesa Infantil Feminino

Campeão Tênis de Mesa Infante-Juvenil Feminino

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

Campeão Futsal Infanto-Juvenil Feminino
Segundo Lugar Voleibol Infantil Feminino
Segundo Lugar Handebol Infantil Feminino
Segundo Lugar Xadrez Infantil (Prêmio de Melhor Jogador da Competição)
Segundo Lugar Voleibol infantil Masculino
Segundo Lugar Basquete Infanto-Juvenil feminino
Terceiro Lugar Tênis de Mesa Mirim Masculino
Terceiro Lugar Tênis de Mesa Infanto-Juvenil Masculino
Terceiro Lugar Tênis de Mesa infantil Masculino
Terceiro Lugar Basquete Infantil Masculino
Terceiro Lugar Atletismo Infanto-Juvenil Masculino
Terceiro Lugar Xadrez Infanto-Juvenil

Intercolegial Mc Donalds O Globo

O Intercolegial é uma das mais tradicionais competições escolares desportivas do Rio de Janeiro e envolve mais de 200 escolas, sejam elas particulares, públicas ou filantrópicas. Em 2012, o GEO Santa Teresa foi a única Escola Municipal dentro das mais de 200 escolas inscritas no Intercolegial entre as 10 primeiras.

Segue abaixo a classificação de nossas participantes que adquiriram medalhas:

Campeão Desfile de Abertura
Campeão Handebol Sub 12 Masculino
Campeão Judô Não Federado Feminino
Segundo Lugar Tênis de Mesa Jovem Não Federado Feminino
Terceiro Lugar Atletismo Categoria Jovenzinho

Olimpíadas Escolares

No ano de 2013 as Olimpíadas Escolares mudaram seu nome para Jogos Estudantis, como é organizada pelo Estado chamamos de Jogos Estudantis do Estado. Esta é a competição estudantil mais importante, pois o campeão em cada modalidade representa o Estado do Rio de Janeiro na fase nacional que acontece em outro estado a cada ano.

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

Não conseguimos neste primeiro ano colocar nenhum atleta na fase nacional, entretanto obtivemos importante resultados no processo, segue abaixo:

Segundo Lugar Salto Distância Masculino Categoria A
Segundo Lugar Judô Feminino Categoria Pesado
Terceiro Lugar Mil metros Masculino categoria A
Terceiro Lugar Disco Feminino Categoria A
Campeonato Estadual de Atletismo
Terceiro Lugar Geral Categoria Pré-Mirim
Campeonato Estadual de Tênis de Mesa
Campeão Estadual Tênis de Mesa Pré-Mirim Feminino
Segunda Etapa Circuito de Natação Colégio Santa Mônica
Campeão Geral
Campeão 25m Livre Petiz Feminino
Campeão 25m Livre Petiz Masculino
Campeão 50m Livre Infantil Feminino
Campeão 50m Livre Infantil Masculino
Campeão 50m Livre Juvenil Feminino
Campeão 50m Livre Juvenil Masculino
Campeonato de Xadrez do Camping Clube
Segundo Lugar Geral do Ano de 2012
Vitórias Cidadão de 2012

A variável Cidadão é difícil de ser mensurada através de resultados. Observamos a evolução de nossos alunos neste quesito no dia a dia.

A diminuição das ocorrências comportamentais relacionadas à agressividade, diminuição do barulho, mudança nas atitudes, maior responsabilidade, maturidade e protagonismo por parte dos alunos aumentaram sensivelmente.

O constante elogio por toda parte em que o GEO se apresentava também é um indicador do sucesso na parte Cidadã de nossos alunos.

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

CAPÍTULO 6

“SUPERANDO BARREIRAS” – A HISTÓRIA DO ATLETISMO NO GEO SANTA TERESA

Mario Roberto Guagliardi Júnior



Figura 6. Campo. Fonte: própria.

Introdução

Este capítulo tem o objetivo principal de descrever o “nascimento” e todas as particularidades do Atletismo no GEO Santa Teresa (E.M. Juan Antonio Samaranch) no período de 2012/2013. Em poucas palavras conceituar o que é o Atletismo e descrever todo o processo de seleção dos alunos, formação das turmas de treinamento e equipe competitiva; seu planejamento, metodologia de trabalho (patamares, pressupostos teóricos e metodológicos), missão e resultados competitivos.

Mas o que vem a ser o Atletismo? A história do Atletismo tem início com a própria evolução da humanidade, quando o homem primitivo praticava suas atividades naturais para sobrevivência. No Brasil esta modalidade tem início em 1910, quando foram registradas as primeiras competições da modalidade no nosso país (EVANGELISTA, 2009). Atualmente a entidade que representa o atletismo no Brasil é a CBAT (Confederação Brasileira de Atletismo, fundada em 1977).

O atletismo está muito próximo a todos nós, seja durante a nossa rotina de exercícios ou atividades instrumentais diárias, dependemos dos seus gestos, sejam eles: da corrida, dos saltos, arremessos e lançamentos - gestos naturais inerentes ao ser humano. A modalidade Atletismo não se limita somente à habilidade física (coordenação), mas integra esse gestual à cognição, potência e resistência física; por esta razão, o atletismo é considerado o “esporte de base” para os outros esportes (FERNANDES, 1981).

E como ele é contextualizado e direcionado no GEO Santa Teresa? Faz-se necessário, primeiramente, entender como é direcionada a questão da multiesportividade, dos patamares de aprendizado, da escolha e formação propriamente dita da turma de treinamento de Atletismo.

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

Visando a não especialização precoce, aumentar e enriquecer o máximo possível o repertório motor dos alunos, dando-lhes oportunidade de vivenciarem, pensarem e planejarem suas ações motoras, acadêmicas (cognitivas) e de vida (protagonismo e planejamento) sempre permeadas pela tríade do aluno x atleta x cidadão e dos valores olímpicos. O trabalho feito pelo Atletismo não se basta em si mesmo. Há toda uma questão na trans, inter e multidisciplinaridade; sejam com todas as disciplinas curriculares, as da área de saúde, disciplinas eletivas, treinamento (demais modalidades esportivas oferecidas pelo GEO) e o programa “Mais Educação”.

O Atletismo é uma das muitas modalidades olímpicas oferecidas pelo programa GEO (Ginásio Experimental Olímpico) na escola municipal Juan Antonio Samaranch. O programa de Atletismo em Santa Teresa perpassa por um programa de desenvolvimento esportivo e progressivo de longo prazo, dividido em três patamares e momentos distintos.

A questão da multidesportividade é latente e componente obrigatório dentro do GEO. O aluno por mais que tenha uma afinidade e habilidade reconhecida em determinada modalidade esportiva, deve passar nos períodos iniciais (anos) por todas as outras modalidades ou o extremo oposto – o aluno não ter habilidade ou vocação para nenhuma das modalidades oferecidas, mas estar motivado a vivenciá-las e aprendê-las. Sendo que o início de sua especialização apenas se dará de forma mais evidente apenas do oitavo para o nono ano ou final do processo de formação do aluno GEO Santa Teresa.

Bem! Após esta breve apresentação, vamos deixar de lado todas estas premissas a respeito do funcionamento e pensamento da escola e destrinchar como foram formadas as duas turmas de treinamento de Atletismo.

A formação e escolha das turmas de treinamento ocorreram de forma diferenciada nos dois primeiros anos. No primeiro ano, apesar, de terem sido aplicados pelos professores treinadores do GEO; os testes não foram elaborados ou selecionados pelos mesmos e trazidos já formatados. Foram feitos testes físicos de potência de membros

superiores e inferiores, abdominais, teste de corrida de 30 metros, flexibilidade, antropometria e IMC – cada um em estação específica e isolada uma da outra, sendo que não houve testagem específica para a Natação (já que seria e continua sendo obrigatória para cada aluno do GEO, mas que acabou se mostrando frágil para a formação de uma equipe a médio e curto prazo, pois apenas quatros alunos dentre todos tinham afinidade, ambientação com o meio líquido e soubessem rudimentarmente nadar, embora todos quisessem).

Após estes testes de entrada, os alunos passaram por um pequeno período de acolhimento na semana inicial e participaram de pequenas clínicas, circuitos com aulas práticas, apresentação de vídeos e palestras a respeito de cada modalidade esportiva. Depois desse período foram levados ao ginásio da escola e cada professor treinador montou uma base, onde cada aluno escolhia a modalidade que gostaria de praticar sem interferência (positiva ou negativa) do treinador, sem levar em conta nível de aptidão, biótipo e passado esportivo pregresso do aluno, mas sim e apenas sua vontade de praticar aquela modalidade. Ao final do processo todos os alunos que escolheram o Atletismo, relataram jamais ter praticado a modalidade (com suas características próprias) em suas escolas ou jogos escolares promovidos pela prefeitura.

No ano seguinte (2013), através da avaliação da entrada dos alunos do ano anterior, houve um replanejamento desta ação e após meses de discussão e apresentações de um novo modelo de avaliação proposto por todos da equipe GEO e do Instituto Trevo. Chegou-se à conclusão da necessidade de um pequeno teste ou ao menos a observação de algumas características particulares do aluno no meio líquido como parâmetro de entrada deste aluno em Santa Teresa.

Conclui-se, também, que todos os professores treinadores deveriam estar em sua maioria presentes na execução dos testes físicos e que o candidato passaria por uma pequena bateria de testes motores (um pequeno circuito) onde se observa velocidade (em uma distância de trinta metros) agilidade (em deslocamentos), equilíbrio, potência de membros superiores e

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

inferiores; de maneira subjetiva e com scores de um a quatro, sem levar em conta o interesse ou já perceptível habilidade daquele candidato para um ou mais esportes. O aluno respeitando o número de vagas e dependendo de sua classificação nos testes físicos, se tornaria um aluno GEO sem definição a qual modalidade ele pertencerá, mesmo que assim o treinador o deseje.

No primeiro momento, o da escolha, o aluno experimenta e “degusta” todas as modalidades esportivas do GEO, através de vídeos, depoimentos de alunos e vivências práticas com caráter lúdico do que realmente será feito naquela modalidade ao longo dos anos e através de uma progressão das janelas de desenvolvimento motor, do nível de aptidão física e de suas características físicas para cada prova – sem com isso deixar de experimentar todas. No caso do Atletismo: movimentos naturais e inerentes ao Ser Humano – correr, saltar e arremessar. Somente após este período de experimentação, o aluno opta por uma e em paralelo, o professor treinador observa seu potencial para pleitear a vaga. Havendo a sincronia e compatibilidade nas escolhas, o aluno é iniciado no programa de treinamento dentro da modalidade específica, sem com isso, querer dizer - especialização.

No ano de 2012 o Atletismo foi dividido em três turmas fixas de treinamento e mais uma variável, com duração de aproximadamente de um mês e uma vez por semana, vinda da experimentação das outras modalidades dentro do Atletismo. As turmas fixas tinham as siglas “T” de treinamento e coube ao Atletismo ficar com o T7 (alunos de sexto ano) e T8 (alunos de sétimo e oitavo ano, já que não tínhamos alunos de nono ano em 2012).

No ano de 2013, o que perdura até hoje (2014) é a nova concepção e modelagem das turmas, cabendo ao Atletismo à sigla A; sendo o A1 (Atletismo 1 para os alunos do sexto ano), A2 (sétimo ano) e A3 (alunos do oitavo e nono ano). O que vem abaixo, embora esteja contemplado de alguma forma em outras modalidades é de caráter específico do Atletismo.

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

A seguir serão descritos os três patamares, seus conteúdos e abordagens, lembrando sempre que esta particularidade faz parte de um programa de treinamento esportivo de longo prazo e planejamento interligado a outras disciplinas, áreas e modalidades esportivas. Sempre será descrito o enfoque e subdividido em: técnico, multilateral, social, emocional, saúde, competitivo e ao final de cada patamar – o ciclo completo esperado para aquele aluno GEO.

Lembro novamente a todos os alunos graduandos e recém-formados que ainda não tenham atingido uma maturidade crítica e profissional a respeito do ambiente escolar e do treinamento esportivo e que esteja procurando aqui um porto seguro com receitas milagrosas e o caminho das pedras e também treinadores das categorias de base, que o GEO Santa Teresa é uma escola com características próprias e não um clube.

Dentro destas características próprias, dentro da área esportiva estão: descoberta do talento esportivo, preparação gradual e lapidação deste talento sem com isso massificar carga, intensidade e volume de treinamento, minimizar o possível a intercorrência de lesões e abandono precoce do esporte e com sequelas e limitações em seu corpo e movimento por excessos em treinos. Vamos falar aqui abaixo de cargas, volumes e intensidades menores; mas nem por isso ótima – estamos falando de formação de atletas e em ambiente escolar. Estamos falando de entregar estes meninos aos clubes e ao alto rendimento com o mínimo possível de imperfeições em gestos, na alimentação, na cidadania e na questão de planejar sua carreira esportiva e pessoal. Não digo com isso que os clubes têm uma visão ou pensamento errado.

O profissional que ali está sabe muito bem o que está fazendo e é gabaritado para isso e mais – tem uma cobrança do clube por resultados, já que na visão do “clubista” e de performance, de nada vale se aquele atleta foi descoberto ali e teve uma carreira sem conturbações emocionais, sociais e esportivas; mas sim, que já vinha dando resultado naquele clube e seu estrelato se deve aquela instituição ou determinado treinador.

Patamar 1 - 6º ano – Enfoque

No primeiro patamar o aluno é apresentado à modalidade esportiva Atletismo e suas mais variadas provas (de três a quatro provas por patamar e sempre mesclando provas de pista com provas de campo). Não existe a questão da cobrança e rapidez em relação à especialização e aprendizagem do movimento, muito menos da especialização do aluno em determinada prova. O caráter lúdico e desafiador está presente em todo momento, despertando no aluno seu interesse pela modalidade e dando-lhe autonomia inicial e suficiente para escolher e planejar sua futura carreira esportiva no GEO e posteriormente em sua vida atlética ou apenas esportiva com caráter de manutenção, aquisição de saúde e autonomia corporal e funcional no dia a dia e no trabalho.

Como os alunos do primeiro patamar têm em torno de 10 a 11 anos e nesta faixa etária dificilmente se encaixarão em muitas competições expressivas durante o ano, a não ser os jogos promovidos pela Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro e que sempre acontecem em Outubro, no mais participarão de pequenos eventos e festivais com caráter lúdico e de inclusão, o que vem de encontro com a proposta do primeiro patamar – não especialização efetiva em provas e o caráter competitivo estar em segundo plano.

Em função deste posto e por estarem apenas iniciando na modalidade. Aí está o pulo do gato e o grande diferencial da formação e construção do aluno x atleta x cidadão no GEO em relação ao Atletismo. Temos apenas uma competição alvo ou pico de performance no ano e não temos a mínima cobrança em rendimento em competições de projeção nacional, apenas regional e no mais dentro do próprio município.

Quando se diz que aluno terá apenas um pico de desempenho no primeiro patamar é porque em função de: sua idade, crescimento e desenvolvimento e própria evolução física, o aluno participará de diversos festivais e competições (não só na modalidade Atletismo), mas o seu auge será nos Jogos Estudantis da Prefeitura que tem sua culminância praticamente no mês de Outubro. Adquirindo o

conhecimento e conceitos básicos do treinamento de longo prazo. Podendo com isso, termos um período de base maior, mas mesmo assim menor que os clubes, pois estes não param nos meses de janeiro e fevereiro.

Dividimos nosso horário de treinamento, que é de uma hora e meia, em três blocos. No primeiro bloco damos ênfase ao aquecimento orgânico (fisiológico ou geral), aos alongamentos balísticos e dinâmicos, aos exercícios de coordenação (no máximo em quatro educativos e com distancias que não ultrapassem 20 metros com de quatro a cinco estímulos para cada) e transitando entre o primeiro e o segundo bloco (dependendo da rotina e estágio dos atletas) os exercícios pliométricos.

No segundo bloco temos a parte específica do treinamento com educativos específicos de uma determinada prova ou da modalidade em geral. Não há grande preocupação com desempenho, tempos, distancias e, principalmente, intervalos – deixando o aluno bem à vontade e tendo uma preocupação extrema com a qualidade do gesto e sua percepção pelo executante. No terceiro e último bloco temos a parte física específica com o fortalecimento, principalmente, da musculatura do CORE, com a musculatura para vertebral e abdominal. Início da aprendizagem dos exercícios de agachamento sem carga e com auxílio e assistidos por um profissional treinador de musculação e o treinador de Atletismo.

Seguindo o planejamento esportivo progressivo de longo prazo e a periodização para o Atletismo 1, a cada bloco completo de atividades e educativos de gesto específico, será modificada e acrescida de novos movimentos e com grau de complexidade maior, tão logo seja atingida qualidade satisfatória e o grupo tal tarefa já associada a ritmo e velocidade. As distancias de 20 metros serão estimuladas a serem aumentadas, desde que se mantenha mecânica e padrão motor satisfatório.

As unidades a serem trabalhadas no primeiro patamar são: Corrida ritmada e em velocidade, arremessos e lançamentos (peso e pelota) – Saltos (em distância e altura).

Multilateral (Aplicação das valências nos gestos desportivos)

- Coordenação: Simples
- Alongamento: Geral
- Velocidade: Linear e Mudança de sentido e direção
- Força: Adaptações Anatômicas
- Resistência: Geral e Aeróbica

O que está descrito agora está de acordo também para os outros patamares e será suprimido na descrição dos outros dois patamares com a finalidade de não se tornar repetitivo em mais dinâmico. Em paralelo a estas atividades e estimulando a multiesportividade tida como componente obrigatório no GEO, à vivência de diferentes modalidades e se possível compondo e participando em competições e festivais de outras modalidades: por exemplo - Natação, Handebol, Voleibol e Futebol (Complementares: Agilidade, Potência, Velocidade e Resistência Aeróbica).

O treinamento sempre estará norteado e permeado por ações que busquem a responsabilidade e prontidão para as atividades desportivas e despertem mais ainda a afinidade dos jovens pelo esporte e atividade física não só durante o período do GEO, mas por toda a sua vida e que eles repliquem tais conceitos em suas famílias.

Valendo-nos do filão do esporte e da competição, trabalharmos sempre em cima dos valores Olímpicos e o Fair Play em todas as ações dentro e fora da escola. Dentro do contexto esportivo está muita enraizada a questão do limite, da disciplina e de das regras; sejam elas exploradas e contextualizadas em relação a uniformes, horários de treinos, entregas de trabalhos, condutas na escola, cuidado com o material de treinamento e de competição, comportamento social ou retorno à sala de aula.

Outro fator positivo, e de que nos valem, é a questão do idioma estrangeiro, no caso – o Inglês. Temos muitas visitas de estrangeiros e a aquisição de Vocabulários (Integração: Mundo - diversidades, Inglês e Português; já que

os alunos têm tempos diários de Inglês) e há necessidade latente de interligarmos o treinamento e o dia a dia a este conteúdo e disciplina.

Noções Básicas de Saúde, tais como: hidratação, alimentação, conhecimento do próprio corpo e limites do corpo do outro. Somado a estes conceitos, associa-los aos conceitos de saúde em trabalhos de sala de aula (Cadernos Pedagógicos EF). Vivência da anamnese. Descoberta da melhora do condicionamento físico não só devido a prática física regular e sistemática, mas também aos bons hábitos alimentares e de saúde que uma vez adquiridos e trabalhados podem seguir o aluno para toda sua vida dentro e fora da escola.

No âmbito das competições cabe ao aluno do primeiro patamar: assistir as competições do Intercolegial e Jogos Estudantis do Estado do Rio de Janeiro; participar de pequenos festivais e tendo sua culminância nos Jogos Estudantis do Município do Rio de Janeiro.

Patamar 2 - 7º ano - Enfoque

No segundo patamar, especificamente para o Atletismo, os alunos que até então só podiam participar significativamente e competitivamente dos Jogos escolares da Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, agora já atingiram idades em que podem participar do Intercolegial e Jogos Estudantis do Rio de Janeiro na fase regional – classificatória para a fase nacional.

O treinamento continua fixo em uma hora e meia e dividido em três blocos no ciclo de treinamento. Como passamos a ter mais de um pico (competição alvo), podendo chegar até três dependendo do nível de desempenho, aptidão e qualidade técnica do aluno, mas normalmente ficamos em dois, pois o Intercolegial e os Jogos Municipais do Rio de Janeiro acontecem no mês de outubro. Saímos de uma periodização clássica e linear e passamos a periodizar a turma e equipe em blocos que permitam maximizar e manter o desempenho deste atleta por várias vezes no ano.

Por se tratar de um processo contínuo e sistematizado de um ano (primeiro patamar), o aquecimento se torna mais

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

intenso (complexo) em relação ao ano anterior, os exercícios de alongamentos dinâmicos se tornam mais específicos para o Atletismo e o componente pliométrico é (quase que) obrigatório na sistemática do treino.

Os exercícios de coordenação fixados no ano anterior são utilizados em distancias ainda de 20 metros e acrescidos de mais quatro com grau de complexidade maior, visando o refinamento e a ampliação do repertório motor. Há uma ênfase na avaliação de seus movimentos e do movimento dos outros atletas (propriocepção e biofeedback). No trabalho e fase de base o volume para corrida contínua e ritmada são mais evidentes que o ano anterior, possibilitando o aumento da condição cardiorrespiratória e observação de possíveis atletas para a corrida de abertura do Intercolegial, quando estiverem no oitavo ano e forem para o terceiro patamar.

Com a passagem para o sétimo ano e o segundo patamar, estes alunos já podem competir em outras provas que não 60 metros, lançamento de pelota, salto em distância e altura. Isso faz com que neste patamar sejam acrescidas as provas de lançamentos (disco e dardo – não trabalhamos com martelo), arremesso de peso e iniciação as provas de barreiras.

Neste patamar o aluno através de seu biótipo e características físicas já começa a demonstrar certo interesse por determinadas provas, mesmo ele tendo que participar em todo o patamar de todas as atividades propostas para cada unidade de ensino. Começa a ter noção de provas combinadas e as estratégias dos adversários em cada prova.

Multilateral (Aplicação das valências nos gestos desportivos)

- Coordenação: Simples
- Flexibilidade: Geral com enfoque para o específico
- Força: Adaptações Anatômicas e Resistência Muscular
- Resistência: Geral e Aeróbica
- Velocidade: Linear, Mudança de Direção e Tempo de Reação.

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

Cabe ao aluno x atleta x cidadão neste patamar ser o agente transformador do GEO e replicador de suas ideias e atitudes em suas famílias e comunidade. Participação efetiva do acolhimento dos novos alunos, zelo pelo patrimônio e símbolo da instituição, representar a rede pública de ensino e competir em termos de igualdade tanto athleticamente como academicamente.

Conseguir lidar e respeitar os limites de aprendizado dos companheiros de equipe e ter a capacidade de contribuir para a melhora da equipe se colocando no lugar do outro. Participar efetivamente dos Jogos Estudantis do Município do Rio de Janeiro, do Intercolegial e dos Jogos Estudantis do Estado do Rio de Janeiro.

Patamar 3 - 8º e 9º anos – Enfoque

Produto final do Atletismo GEO e transição para o Atletismo em clubes e associações esportivas. O maior diferencial aqui é que já há por parte do treinador e do atleta a escolha de suas provas. O tempo de treinamento continua sendo de uma hora e meia e existe uma preocupação ainda maior e específica com a questão do fortalecimento muscular e ganho de força potente e de velocidade no movimento na parte física e na sala de musculação.

Nos alunos do nono ano já há uma preocupação e cobrança por desempenho x qualidade x resultado. Com intervalos programados (respeitando a individualidade de cada um). Os ciclos de treinamento acontecem todos os dias e com três competições alvo. Alunos deste patamar já podem competir na corrida de abertura do Intercolegial (3 km masculino e feminino) e já são treinados para isso. Utilização de programas de análise de movimento e comparação com padrões de atletas da mesma idade e com atletas de elite, com finalidade de refinamento da técnica para aplicação prática.

O final do processo de construção motora no GEO está na aplicação de estratégias complexas, tomada de decisão (possibilidade de mudar de estratégias), ter a capacidade de tomar decisões baseadas em evidências, de forma ética e

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

responsável, levando em consideração consequências pessoais, interpessoais e sociais. Capacidade de lidar com vitória e derrota de forma, a saber, identificar os aprendizados e a lidar com adversário, equipe e técnica.

Multilateral (Aplicação das valências nos gestos desportivos)

- ❖ Coordenação: Simples e Complexa
- ❖ Flexibilidade: Geral e Específica
- ❖ Velocidade: Linear, Mudança de Direção e Tempo de Reação.
- ❖ Força: Adaptações Anatômicas, Resistência Muscular e potência.
- ❖ Resistência: Geral, Aeróbica e anaeróbica.

Participar dos Jogos Estudantis do Município do Rio de Janeiro, Intercolegial e Jogos Estudantis do Estado do Rio de Janeiro.

Pressupostos Teóricos

Aqui usaremos como base de sustentação teórica o que de mais atual temos em relação ao treinamento esportivo e principalmente de Atletismo em crianças e escolares. Apropriamo-nos de autores, pesquisas e linhas de pensamento que sugerem apontam na literatura um amparo e aporte para podermos trabalhar de maneira segura e criarmos a partir daí nosso próprio caminho no campo da prática, metodologia, sistematização e das ideias para podermos maximizar nosso desempenho no campo esportivo, social e acadêmico; minimizando lesões, frustrações, limitações, desvios de comportamento e conduto. Transformando e criando um aluno x atleta x cidadão mais pleno, autônomo, protagonista e competitivo.

Cada vez mais cresce o interesse e participação de jovens e crianças por práticas físicas orientadas e atividades esportivas, o que acarreta mudanças e ajustes em suas vidas. O desenvolvimento pleno e performance só serão atingidos,

caso haja estímulos ótimos e uma base sólida durante as fases da infância e juventude, para que isso aconteça há a necessidade de um planejamento esportivo de longo prazo (WEINECK, 2003). No atletismo esta regra não pode ser esquecida e negligenciada, caso haja uma boa planificação e planejamento; respeitando-se as fases de crescimento e desenvolvimento e janelas de estímulos deste aluno, existirá sempre a chance e certeza de se obter bons resultados a curto, médio e em longo prazo.

No período da infância, as atividades devem ser repletas de brincadeiras atividades livres e recreativas - a prática de desportos não ser o objetivo; as brincadeiras devem ser relacionadas aos padrões motores: correr, saltar e arremessar; predominantes do Atletismo. Essa fase propiciará aos alunos uma infância rica em movimentos. A criança deve ser estimulada ao máximo a participar de atividades e práticas naturais como: saltar, correr e andar; potencializando suas habilidades para realização de uma ampla e diversa gama de gestos e exercícios elementares, pois se encontra com disposição suficiente e maturação adequada (WEINECK, 2003).

É de suma importância o papel do agir e saber do educador físico no processo de crescimento e desenvolvimento e na aquisição de novas habilidades, por meio da sistematização e aplicação das atividades motoras, pequenos jogos e brincadeiras, em uma qualidade e quantidade ótimas para contribuir com o desenvolvimento intelectual, motor e social das crianças.

Porém para que os conteúdos da educação física, no âmbito do ensino formal, também sejam aplicados fora dele, no dia a dia e na questão do ensino não formal, uma vez que eles contribuem de forma direta para a construção formação, educação, apego e gosto dos jovens e crianças pelo esporte, parece-me que as atividades construídas, vivenciadas e praticadas pelos atletas durante o período da infância, em forma de jogos e brincadeiras; serviram e deram suporte para seu ingresso e interesse por iniciar a aprendizagem dos desportos individuais.

Weineck (2003) destaca que a capacidade motora assume

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

um papel de grande importância no processo de interação e inclusão social, possui alta relevância e consideração, para quem durante o processo, consegue de fato correr, saltar, pegar uma bola ou subir e saltar com maior destreza e agilidade, se transforma em “um dono do saber e conhecedor motor” e passa a ser cobiçado como companheiro de treino e jogo.

A idade descrita como ideal para o estímulo da capacidade de resistência aeróbica em crianças é de aproximadamente dos 12 e 13 anos nas meninas e por volta dos 13 e 14 anos nos meninos, todavia neste nível, o enfoque do estímulo e do treinamento deve ser de caráter global e geral; não de maneira específica, como por exemplo: jogos e atividades devem ter caráter lúdico e com distâncias que variem de 600 a 1200 metros, estas tidas como próprias para um início de trabalho (EVANGELISTA, 2009).

As crianças maiores têm mais vantagens mecânicas em relação ao das menores, e não se deve esperar e exigir performances similares nesses casos, tendo em mente que resistência aeróbica é que deve ser enfocada e trabalhada nesta faixa etária, uma vez que esta capacidade é que fornece a base para a força rápida, velocidade, habilidade geral e resistência de força.

Dantas (1995) sugere que na medida em que os estímulos e atividades forem direcionados e orientados para o esporte; pouco a pouco os mais talentosos irão buscar por atividades esportivas, aumentando as possibilidades de desenvolvimento da criança, preparando e tornando-as mais dispostas a buscar atividades mais complexas e com isso acaba reestruturando o seu ambiente.

Bompa (1995) afirma que a especialização é inevitável. Sendo assim, para se atingir a alta performance, os gestos específicos e próprios do Atletismo tomam grande parte do treinamento e das competições. Para Eckert (1997) essa fase é a do aperfeiçoamento esportivo, e é o início da preparação especial, técnica, tática e física; voltada para a especificidade do atletismo.

Pressupostos metodológicos

Físico	Técnico
Percursos contínuos, tiros médios e longos	Educativos e de Coordenação
Fortalecimento e Musculação	Coordenação
Treinamento aeróbico de 5 a 8 vezes por semana, fortalecimento muscular	Aspecto técnico da corrida aeróbica de longa distancia
Corrida de Resistência e Velocidade	Coordenação motora específica de corrida e de ritmo
Resistência, resistência de velocidade, velocidade, musculação	Coordenação específica
Corrida de resistência e Velocidade	Coordenação específica de corrida
Corridas intervaladas e Resistência	Coordenação específica
Corridas e Velocidade	Específico da modalidade e Alongamento
Resistência	Coordenação de passada
Resistência e Velocidade	Coordenação de Ritmos da Modalidade

Evangelista (2009) mostra a complexidade no desenvolvimento da resistência aeróbica, pelo fato de, na maioria das modalidades esportivas, existir inúmeras e diferentes possibilidades e combinações dos componentes anaeróbicos e aeróbicos presentes no desempenho, esta característica do ponto de vista do treinamento esportivo é a base para se obter um ganho nesta capacidade física.

A resistência é a capacidade psicofísica do desportista em resistir e superar a fadiga (PLATONOV, 2004), desta

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

forma um atleta com boa resistência será aquele que não se cansará com facilidade ou que terá a capacidade de prolongar a atividade ou exercício em estado de fadiga. A componente força é uma característica para maximizar e melhorar a força resistente de um atleta durante as muitas fases da corrida. Entende-se por esta condição física como a capacidade de sustentar um nível constante de força durante um determinado tempo de uma atividade ou gesto desportivo e que pode ainda ser aeróbia ou anaeróbia.

Em corridas de média e longa distância é utilizada a resistência de força aeróbia, onde os músculos tem a capacidade de resistir à fadiga com uma provisão suficiente de oxigênio (BARBANTI, 1997). As distâncias utilizadas nos treinamentos de rampas dependem de inúmeros fatores tais como: a fase de preparação e treinamento do atleta ou sua especialidade.

O treinamento intervalado é de grande importância, pois o atleta tem a melhora de sua capacidade aeróbica através da hipertrofia cardíaca; tendo o aumento da cavidade cardíaca durante o processo de recuperação, este método em comparação com os métodos contínuos, permite a aplicação de maior volume de carga para intensidades mais elevadas durante um treinamento aeróbico (EVANGELISTA, 2009).

O aspecto técnico de coordenação específica da corrida, ou seja, os educativos específicos ou exercícios de transferência de aprendizado são usados para melhorar a economia e mecânica da corrida do praticante, todavia estes devem ser aplicados e enfatizados na parte inicial do treinamento e aplicados com regularidade durante as fases e etapas de um planejamento, este também servindo na melhoria da coordenação e gestual dos movimentos (EVANGELISTA, 2009).

Seguem exemplos de alguns educativos utilizados pelo Atletismo no GEO Santa Teresa com a finalidade de facilitar o aprendizado e fixação pelos alunos:

- Skiping Alto: Elevação de maneira alternada dos joelhos até próximo à altura do abdômen correndo no lugar ou não; tratado por nós, apenas como corrida com joelho alto.

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

- Anfersen: Correr no lugar ou em deslocamento tocando os calcanhares no bumbum; associado ao correr com o pé encostando no bumbum.
- Haupserlaufen: Corrida alternada com elevação dos joelhos e o conseqüente trabalho de braços; associado ao: dobra x levanta x estica e puxa.
- Dribling: Corrida frequente e rápida no lugar, elevando o mínimo o possível os pés, com trabalho de braços rápidos. Associado a correr rápido (com frequência) “quase” que parado no mesmo lugar.

Em poucas palavras e de maneira bem rápida e superficial será apresentado parte do planejamento e cronograma aplicado no GEO Santa Teresa, muitas das fases ou unidades estão aqui suprimidas em função do grau de complexidade e de fugir ao que se propõe este capítulo.

- Apresentação da metodologia de trabalho aos alunos e reconhecimento do espaço e das possibilidades de “desempenho” e nível de coordenação dos alunos. Atividades de corridas e deslocamentos em pequenos espaços e distancias sempre com caráter lúdico e de integração dos alunos.
- Trabalhos inerentes à corrida, tais como: deslocamentos laterais, pra frente, pra trás e com mudanças de sentido e direção – ainda sem a presença de obstáculos, cones ou implementos.
- Trabalhos com saltos em altura e distância, transpondo pequenos obstáculos e cordas (observação de possíveis saltadores).
- Apresentação do grupo aos primeiros exercícios de corrida sem implementos (cones e escadas de agilidade), ainda sem preocupação de tempo,

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

desempenho e destreza. Um bloco de quatro atividades: Joelho Alto, Joelho Baixo, Dobra x Levanta x Estica e Corrida Lateral.

- Trabalhos de fortalecimento muscular da região abdominal e aprendizagem do movimento de agachamento.

**Considerações, observações e conclusões
do caráter experimental do treinamento**

Observamos na literatura que por muitas vezes o Professor de Educação Física descobre na escola um futuro talento nesta modalidade, apenas e tão somente, pelo gesto motor, conseqüentemente este talento deve ser trabalhado de forma gradual e de maneira lúdica.

Aqui no GEO estamos através de testes específicos e da observação das habilidades motoras – respeitando o princípio da individualidade e da sobrecarga na questão da intensidade e qualidade do estímulo - conseqüentemente do treinamento propriamente dito.

Estamos projetando um Programa Anual composto inicialmente por um período Básico de três meses (Mesociclos), compostos cada Mesociclo por quatro Microciclos de uma semana cada um. Os três meses de período básico estão servindo para tornar o grupo mais homogêneo em relação à questão dos movimentos (coordenação) e qualidade cardiorrespiratória (resistência aeróbica e anaeróbica).

No primeiro ano os alunos chegaram com nível de coordenação motora, condicionamento físico e frequência muito abaixo do esperado pra uma equipe que pleiteia competir no Atletismo e tornamos em pouco tempo este grupo mais homogêneo e competitivo para trabalharmos de maneira ótima e uniforme a programação. Hoje esta realidade está totalmente modificada. Os alunos já entram com qualidade física absurdamente melhor e tendo no imaginário o que pode vir a ser o Atletismo – caminho este aberto e desbravado pelos

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

primeiros alunos do Atletismo no GEO Santa Teresa.

Em todo o processo de treinamento não houve nenhuma lesão, apenas reclamações por incomodo de adaptação e ajuste a metodologia e dinâmica do treinamento na questão do dano muscular e da dor tardia em função do esforço e perda de coordenação motora ou respiratória quando levado a um estímulo mais forte.

Através da prática física orientada e pelo apelo que o esporte tem no imaginário das crianças, seja ele competitivo ou não (de exclusão ou inclusão). Está sendo notado o maior interesse das crianças em não faltarem às aulas e se superarem também em sala de aula e no sentido acadêmico. Houve melhoras expressivas de notas associadas ao programa esportivo e a questão do superar os limites se transfere na questão também da cidadania onde há a preocupação do diálogo e respeito pelas diferenças.

A questão também da sistematização e da melhora gradual a seu tempo e um passo de cada vez, faz com que as crianças tenham noção de seu limite atual e comecem a repensar e traçar novas estratégias tanto no esporte como em suas vidas pessoais e acadêmicas.

O salto de qualidade visto pelos resultados competitivos não teria sido atingido de maneira tão rápida e solida se não fosse através da melhora acadêmica e também do ser social do aluno. Não há rivalidade interna em relação a resultados de maneira que não seja sadia, competitiva e leal. Uns ajudam aos outros em suas tarefas transcendendo o Atletismo elevando isso para as demais áreas do saber e de transformação do aluno e da escola.

**Resultados do GEO Santa Teresa
em competições no ano de 2012**

Olimpíadas Escolares do Rio De Janeiro

– Fase Regional – Categoria A

2º Lugar – Salto em distância – Masculino

3º Lugar – 1.000 metros – Masculino

3º Lugar – Lançamento de disco – Feminino

Intercolegial

4º Lugar geral – Corrida de Abertura - Categoria Jovem não federado – Equipes: Masculina e feminina

3º Lugar geral – Categoria Jovenzinho: Masculina.

Jogos Estudantis do Município do Rio De Janeiro

3º Lugar geral – categoria mirim: Masculina

**Resultados do GEO Santa Teresa em competições no
ano de 2013**

Jogos Estudantis do Rio de Janeiro

– Fase Regional – Categoria A.

1ª lugar e vaga para a competição na fase nacional – 150 metros rasos – Atleta: Josué William.

Intercolegial

1º Lugar geral – Corrida de Abertura - Categoria Jovem não federado – Equipe: Masculina.

2º Lugar geral – Corrida de Abertura - Categoria Jovem não federado – Equipe: Feminina.

2º Lugar geral – Categoria Jovenzinho: Feminina.

4º Lugar geral – Categoria Jovenzinho: Masculina.

2º Lugar geral - Categoria Jovem não federado – Equipe: Feminina.

1º Lugar geral - Categoria Jovem não federado – Equipe: Masculina.

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

Jogos Estudantis do Município do Rio de Janeiro

Primeiro lugar geral em todas as categorias na 1ª CRE

5º Lugar geral – categoria mirim: Masculina

2º Lugar geral – categoria mirim: Feminina

3º Lugar geral – categoria Infantil: Feminina

1º Lugar geral – categoria Infantil: Masculina

1º Lugar geral – categoria Infante: Masculina

1º Lugar geral – categoria Infante: Feminina

Aluna destaque da competição - referenciada pela SME (Secretaria Municipal de Educação): Raquel Andrade (Atletismo 1) – Categoria mirim.

XXII Jogos da Juventude Brasil Itália – Giochi Della Gioventu - CONI (Comitê Olímpico Nacional Italiano)

1º Lugar – 80 m Barreiras: Feminino

2º Lugar – 80 m Barreiras: Feminino

3º Lugar – 80 m Barreiras: Feminino

2º Lugar – Salto em distância: Feminino

1º Lugar – Revezamento Feminino 4 x 100 m: Letícia Vicente, Thamiris Regina, Victória Fonseca e Helena Stella.

Destaque para a atleta Letícia Vicente que recebeu três medalhas nesta competição (2 Ouros e 1 de prata)

1º Lugar - Arremesso de peso: Masculino

2º Lugar – Revezamento Masculino 4 x100 m: Eric Mariano, Gabriel Andrade, Pedro Cassa e Caio Laim.

Festival da Amizade Pré-Mirim e Mirim de Atletismo – Instituto Mangueira do Futuro

Mirim – Masculino

1º Lugar - Salto em distância - Mirim – Masculino

3º Lugar – Salto em distância - Mirim– Masculino

2º Lugar – 80 c/Barreiras - Mirim– Masculino

3º Lugar – 80 c/Barreiras - Mirim– Masculino

2º Lugar – 200 m rasos - Mirim– Masculino

2º Lugar – revezamento 4 x50 m - Mirim – Masculino

Mirim– Feminino

3º Lugar – revezamento 4 x50 m- Mirim– Feminino

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

Pré-mirim – Masculino

2º Lugar – revezamento 4 x50 m - Pré-mirim – Masculino

2º Lugar – 60 c/Barreiras - Pré-mirim – Masculino

3º Lugar – 60 c/Barreiras - Pré-mirim – Masculino

2º Lugar – 60 c/Barreiras - Pré-mirim – Masculino

3º Lugar – 600 m rasos - Pré-mirim – Masculino

2º Lugar – 150 m rasos - Pré-mirim – Masculino

Pré-mirim – Feminino

2º Lugar – revezamento 4 x50 m - Pré-mirim – Feminino

1º Lugar – 60 rasos - Pré-mirim – Feminino

3º Lugar – 60 rasos - Pré-mirim – Feminino

3º Lugar – 150 m rasos - Pré-mirim – Feminino

3º Lugar – Salto em distância - Pré-mirim – Feminino

3º Lugar – Lançamento de pelota - Pré-mirim – Feminino

Referências

BARBANTI, V. J. *Teoria e prática do treinamento esportivo*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 1997.

BARBANTI, V. *Treinamento Físico: bases científicas*. São Paulo: CLR Balieiro, 1986.

BOMPA, T. O. *Periodização: Teoria e Metodologia do Treinamento*. São Paulo. Phorteed, 2001.

BOMPA, T. O. *Treinamento total para jovens campeões: programas comprovados de condicionamento para atletas de 6 a 18 anos*. São Paulo: Manole, 2002.

DANTAS, E. *A prática da preparação física*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Shape, 1995.

ECKERT, H. *Desenvolvimento Motor*. São Paulo: Manole, 1993.

EVANGELISTA, A. L. *Treinamento de Corrida de Rua*. São Paulo. Editora Phorte, 2009.

FERNANDES, J. *O treinamento desportivo: procedimentos – organização – métodos*. São Paulo: EPU, 1981.

PLATONOV, V. N. *Teoria geral do treinamento desportivo olímpico*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

- TUBINO, M. J. G. *Metodologia do Treinamento Desportivo*. 1ª edição. São Paulo: Ibrasa, 1980.
- VERKHOSHANSKI, Y. *Treinamento desportivo: Teoria e metodologia*. Organização de Antônio Carlos Gomes e Paulo Roberto de Oliveira. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- WEINECK, J. *Treinamento Ideal*. Tradução – Beatriz Carvalho. Barueri: Ed. Manole, 2003.
- ZAKHAROV, A.; GOMES, A. *Ciência do treinamento desportivo*. Rio de Janeiro. Grupo Palestra Sport, 1992.

Capítulo 7

RELATOS

Joycimar Lemos



Figura 7. Piscina. Fonte: própria.

Apresentamos, nesta parte, vários depoimentos de pais e responsáveis de alunos que estiveram matriculados no Ginásio Experimental Olímpico em 2012. Os pais e responsáveis presentes na última reunião do ano letivo de 2012 foram estimulados a responder, por escrito, à seguinte pergunta: valeu a pena?

. “Se valeu? Oh! Como valeu. Os professores são maravilhosos. A direção também. Meu filho adora esta escola.”

. “Valeu muito a pena por vários motivos: no ensino, no esporte, na disciplina, na alimentação, no horário integral, na organização da direção.”

. “Com certeza valeu a pena”.

. “Valeu tanto que lamento que só faltam dois anos para meu filho sair. Já estou chorando por dentro. O que farei depois de dois anos?”.

. “O que posso dizer de uma escola que me surpreendeu tanto?! Meu filho não gostava de esportes e nem de estudar, e agora ama muito tudo isso!!! Eu também amo muito o GEO!!!”
Muito obrigada a todos vocês!

. “Neste 1º ano do GEO foi muito importante para meu filho, pois vi um resultado excelente em suas notas e em seu comportamento e pude também observar o grande empenho da escola e dos professores em relação ao meu filho. Pena que tenho que tirá-lo, porém sentirei falta desta escola. Em

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

resumo, valeu a pena ele ter estudado aqui. Obrigada!”

. “Valeu muito a pena! Mesmo com a distância da escola meu filho não desanimou. As notas foram ótimas e acredito que a natação/ esporte foi um grande estímulo.”

. “Eu só tenho que agradecer pelo desenvolvimento da minha filha no estudo e no esporte. O GEO vai sempre fazer parte da vida da minha filha.”

. “Sim, valeu a pena.”

. “Valeu a pena! Porque além de me ajudar no trabalho, ele consegue fazer a parte do esporte que ele tanto queria.”

. “Valeu a pena mesmo e como! Adorei e minha filha colheu bons frutos. É a melhor escola, boa e maravilhosa. Amo muito tudo isso, só tenho coisas boas pra dizer. Beijos de uma mãe feliz com a escola Samaranch.”

. “Valeu e tá valendo a pena.”

. “Sim, valeu a pena. Não desistam nunca deste colégio. Muito obrigado por tudo.”

. “Valeu a pena, pois a disciplina do meu filho melhorou muito, aqui ele soube a respeitar ainda mais as pessoas e assim a qualidade da educação foi melhorando. Ele soube absorver o que aprende em casa com que aprende da escola e assim fiquei muito orgulhosa. Estudando aqui ele foi capaz de identificar a força dele.”

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

. “Valeu sim, a cada ano que passa é um aprendizado diferente na nossa vida e o GEO foi muito importante na vida do meu filho como pessoa. Acredito na transformação de cidadãos nesse colégio.”

. “Valeu a pena? Sim!!! É importante reconhecer que numa estrutura caótica, quando há uma luz no fim do túnel é sinal que existe uma saída. O GEO é a luz neste túnel gigante que é a educação. Estamos juntos em 2013, se Deus quiser!”

. “Valeu muito a pena! Aqui eu sinto que minha filha está segura e posso trabalhar tranquila. Obrigada por tudo!”

. “Minha filha ama esse projeto e melhorou muito como pessoa, está muito dedicada em todas as suas tarefas. Eu só tenho que agradecer a toda a equipe. Como valeu!!!”

. “Eu acho que valeu muito porque até em casa ele está mais atento quando eu falo com ele. Primeiro de tudo ele está gostando muito da escola e está mais dedicado com os estudos.”

. “Claro que valeu. Aprendemos, não só meu filho quanto nós, os pais, percebemos o carinho, a atenção, o prazer de fazer parte desta nova escola, desta nova forma de educar. Valeu a pena estar aqui. Valeu a pena ver meu filho matriculado nesta escola. Valeu a pena conhecer vocês.”

. “Sim, muito. Estou muito satisfeita com a escola e com o meu filho.”

. “Valeu muito a pena! O GEO é uma

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

escola maravilhosa. Obrigada família querida!”

. “Valeu muito a pena. Meu filho mudou para melhor. Estou orgulhoso dele e principalmente do colégio.”

. “Muito obrigado pela dedicação de todos os professores e carinho da dedicação. Minha filha é uma pessoa muito melhor.”

. “Sim, valeu a pena porque meu filho ficou mais disciplinado, mais responsável e a escola é ótima, oferece muita coisa boa.”

. “Eu agradeço a Deus pela oportunidade de conseguir esta escola. Posso trabalhar tranquila, sei que ele está com segurança. Então para mim valeu a pena. Para mim e principalmente para ele.”

. “Adorei, amei a qualidade da educação, carinho que meus filhos foram recebidos.”

. “Até o dia de hoje tenho achado muito bom e bem proveitoso. Minha filha gosta dos professores e das atividades também. Valeu a pena!!”

. “Muito bom. Houve uma mudança em todos os sentidos: organização, pontualidade, hábitos em geral, interesse em desenvolver atividades e melhoria principalmente em estudar. Obrigado!”

. “Meu filho hoje tem apenas 13 anos, mas eu posso afirmar que esta escola, Juan Antonio Samaranch, marcou para sempre sua vida. Aqui ele se desenvolveu em todos os aspectos, ficou apaixonado pelos esportes e desenvolveu dentro de si um forte espírito de vencedor, que com

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

certeza o acompanhará pelo decorrer de sua vida. Confesso que no início tive um pouco de dúvida em relação a este trabalho, pois era tudo muito novo e em grande quantidade e qualidade, além da distância da residência. Porém ao longo do ano comecei a perceber o quanto ele estava apaixonado pela escola e principalmente, o quanto ele sentia-se bem em estar aqui. Hoje eu lamento que ele terá apenas mais um ano aqui, mas parablenizo à todos os profissionais envolvidos neste projeto, agradeço de todo coração e afirmo sem ter nenhuma dúvida: VALEU A PENA. Muitíssimo obrigado, que Deus ilumine a todos, muita saúde e sabedoria para continuar este trabalho.

. “Valeu muito o primeiro ano do GEO. Foi muito importante na vida da minha neta. Melhorou em tudo: no comportamento, o respeito com o trabalho da escola, no estudo, o respeito aos professores e os pais.”

. “Claro que sim!!! No começo fiquei com dúvidas, mas quando comecei a conhecer os professores e a direção, aí eu vi que eu fiz uma ótima opção, tanto que eu quero colocar a irmã aqui. Beijos, obrigado por tudo.”

. “Só valeu! A realidade é que é sensacional estar vivenciando, eu que sempre estudei em escola pública. Estou agradecido a todos pelo método e relacionamento diferenciado exercido pelo GEO.”

. “Valeu muito pelo ensino, pela disciplina, pelo esporte e principalmente pelo respeito e dedicação de todos da escola. O Ginásio Experimental Olímpico Juan Antonio Samaranch trouxe orgulho para os pais e alunos. Parabéns e

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

muito obrigada.”

. “Valeu a pena? Muito a pena para o grande crescimento e amadurecimento da minha filha. Foi muito bom o GEO ter acontecido em 2012.”

. “Valeu muito a pena o colégio está de parabéns. Obrigado por tudo. Até agora no ano que vem eu quero muito mais. Valeu GEO!”

. “Valeu a pena sim! Foi muito bom e será para o próximo ano porque eu vejo o esforço dos professores em educar nossos filhos, treiná-los para ser um campeão como nossos heróis ou ídolos.”

. “Valeu a pena, foi tudo de bom.”

. “Claro que valeu. A atenção da diretoria, dos professores, a conscientização do aluno em ser um cidadão, o nível do ensino, tudo isso valeu muito a pena. O objetivo do meu neto em entrar para o GEO foi o esporte futebol o qual ele é apaixonado, mas ao entrar ele viu que não era só o futebol e sim uma série de coisas positivas. A administração do GEO junto com os professores, coordenadores e demais funcionários estão de parabéns.”

. “Valeu a pena sim, pois minha filha está numa escola onde ela estuda e faz esporte que ela adora, aprendeu muita coisa boa, ganhou muitas medalhas, gostei muito, não tenho nada a reclamar. Espero que ela continue nesse colégio ano que vem.”

. “Olha eu não tenho palavras!! Esse foi o ano mais importante para mim e minha neta, onde conseguimos, mesmo com muita dificuldade pela

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

distância do nosso lar, mas tudo foi superado e pelo grande desempenho tanto do lado da escola, como também da minha neta. Muito obrigada por tudo. Que Deus continue abençoando vocês e a todos nós.”

. “Parabéns a todos que participaram dessa boa experiência que foi excelente em todos os aspectos. Era o que estava faltando ao município esta escola maravilhosa e respeitosa para com todos. Sinto que estamos evoluindo como pessoa. Minha escola amada essa. Parabéns. Obrigado por vocês fazerem parte da vida da comunidade. Parabéns a todos, que Deus ilumine o caminho de todos.”

. “Essa escola é um exemplo a ser seguido por outras. Só precisamos cobrar da prefeitura a questão do transporte que está muito precário.”

. “Valeu sim e espero que continue valendo, pois eu não tive a oportunidade que ele está tendo. Farei de tudo para ele continuar sendo um bom aluno. Fico feliz por meu filho fazer parte do GEO.

. “Valeu muito a pena. Meu filho aprendeu muito. Que pena que ele vai ter que mudar de estado. Fico agradecida por tudo que fizeram nesse ano.”

. “Só tenho que agradecer ao GEO e seus dirigentes, minha neta entrou nessa escola com um conceito muito baixo, mas graças a força dos diretores e o regimento disciplinar melhorou muito, espero que no próximo ano continue assim ou melhor. Muito obrigada a todos do GEO.”

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

. “Como valeu a pena ter em 2012 o meu filho estudando nesta escola. Posso dizer que em todos os bairros teria que ter uma escola desta, mas com o mesmo nível da direção porque os professores e a direção da escola foram perfeitos e olha que foi o primeiro ano de todos na escola. Eu só tenho a agradecer e torcer para que seja em 2013 melhor ainda. Como valeu a pena com esta equipe ter um filho no GEO.”

. “Sim, valeu muito hoje e sempre.”

. “Eu adorei a escola e o aprendizado. Minha filha se destacou nos estudos e o esporte fez muito bem. E para mim que moro perto o GEO foi ótimo.”

. “Valeu muito a pena! Só tenho a agradecer a todos, que participam do desenvolvimento do GEO, da formação dos atletas, do caráter, do conhecimento (aprendizado). Amo essa escola! Costumo dizer que eu queria uma vaga para mim. Rs. Meus familiares não acreditam que essa escola realmente existe, agora todos já sabem através das fotos, vídeos, porque é difícil acreditar que uma escola do município seja “completa”. Enfim, torço pela escola, por vocês, por todos nós. Que venham os desafios, porque a vitória já é nossa!”

. “Sim, valeu muito. Meu filho aprendeu muitas coisas boas. Estou adorando. Parabéns.”

. “A todos do GEO, valeu a pena colocar meu filho nesta escola, por isso digo a vocês: muito obrigado.”

. “Valeu a pena demais: 100% GEO!”

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

. “GEO, valeu a pena porque despertou o espírito olímpico da minha neta.”

. “Se fosse falar sobre o quanto valeu a pena, o papel não seria suficiente. Eu como mãe vivo em todas as escolas e não acredito que exista outra melhor. Amor. Carinho. Dedicção. Respeito. Afeto. Valeu, valeu, valeu! Obrigada GEO!”

. Valeu muito a pena, considero uma vitória 1º ano do GEO, equipe dedicada, atenciosa e principalmente muito competente. Espero sinceramente que essa união e parceria perdure.

. “Eu como pai lhe digo: minha filha pelo que tenho acompanhado nesta escola mudou da água para o vinho. Minha filha não tinha formação e base para encarar que aqui no GEO foi um desafio e que hoje durante o ano letivo se passar é prova de vejo e faço de tudo para que tenha continuidade nesta escola. Parabéns aos professores e parabéns diretores pelo excelente trabalho que o GEO como público que dá exemplo às outras escolas.

. “Com certeza valeu a pena, e valeu muito e acredito neste lindo trabalho, pois com uma educação de qualidade podemos mudar o futuro deste país.”

. “Sim, acho a escola muito boa.”

. “ O GEO mudou a minha vida, eu me apaixonei por ele! Ele é 1.000.000. Se eu pudesse viraria criança novamente! O GEO significa tudo na vida das minhas meninas!! Obrigada,

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

muito obrigada!”

. “Sim, valeu a pena! Ótimo colégio, excelentes professores, muito boa direção e com certeza aluna MB. Parabéns! Estaremos juntos o ano que vem.”

. “Valeu muito, pois meu filho melhorou muito seu comportamento, notas e até fisicamente. Ele é outra pessoa.”

. “Sim, pois o interesse de minha filha pelos estudos cresceu 100% depois que ela entrou pro GEO.”

. “Para mim valeu a pena para caramba. Alta experiência nunca vivida antes em uma escola municipal. Desejo muito que meu filho continue. Parabéns ao GEO.”

. “ Sim! Valeu a pena GEO!! Ela se tornou uma aluna-atleta-cidadã com notas acima da média!!! No esporte foi vice-campeã de natação, passou a ser mais responsável e disciplinada. Nem de férias ela queria entrar. Só alegria! Parabéns GEO!”

. “Valeu muito mesmo a pena. Meu filho aprendeu a compartilhar, está mais atento, até em casa o comportamento é outro. E eu consigo trabalhar com mais tranquilidade. Obrigada equipe do GEO.”

. “Valeu muito a pena meu filho ter vindo estudar aqui, pois ele teve um grande desempenho na vida dele e ele fala que esta escola é muito valiosa para ele. Espero que continue sempre assim, pois valeu a pena mesmo.”

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

. “Valeu!!! Valeu pela mudança de vida, valeu pela responsabilidade aprendida, valeu por aprender a mudar a sua história. Valeu a pena? É claro que valeu.”

. “Se valeu a pena? Muito, demais! Meu filho evoluiu muito: culturalmente, fisicamente, está se alimentando melhor, dormindo no horário, e, principalmente, está gostando de estudar, de aprender, gostando da escola.”

. “Sem dúvida alguma valeu muito a pena para mim e também para minha filha.”

. “Valeu muito a pena, pois minha filha veio de uma outra escola que não era legal, desde a coordenação e professores. A parte das atividades físicas é tudo de bom, pois minha filha está bem melhor em tudo. Só tenho a agradecer a todos, muito obrigada mesmo.”

. “Eu gostei muito, pois o meu filho não soube aproveitar a oportunidade que ele teve, infelizmente.”

. “Pontos positivos: integração esporte-cultura-educação; acessibilidade; comunicação aluno-professor-diretoria; qualidade do ensino. Pontos negativos: no início acho que a questão da alimentação era ruim, porém acho que já foi solucionado. Aproveito a oportunidade para desejar boas festas a todos. Que Deus abençoe toda a equipe.”

. “Sim. Pela qualidade no ensino, organização, empenho dos professores e toda equipe gestora. Enfim, parabéns a todos os envolvidos nesse

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

projeto. Aproveito para sugerir, se possível, que a escola crie um portal com todas as informações referentes à escola e especificamente às turmas para que os pais se mantenham atualizados. No meu caso, por trabalhar o dia todo, não consigo muitas vezes acompanhar os alunos individualmente. Meu filho as vezes chega tão cansado que as vezes esquece de comunicar algumas coisas importantes, até pela falta de atenção que a adolescência traz.

. “Valeu a pena sim: porque incentivou o meu filho a ter mais responsabilidade com o estudo e se dedicar aos estudos. Muito obrigado Ginásio Experimental com a educação do Gustavo e pelo trabalho de vocês. Muito bom. Valeu muito a pena.”

. “Vou ser bem sincera eu como irmã mais velha que trabalha o dia inteiro e quase não para em casa, não presto muita atenção no meu irmão, mas depois que ele começou a estudar aqui não pude deixar de notar algumas diferenças. O amor dele por esportes aumentou. Lá em casa quando ele chega não sai do canal de esportes e isso tá chato. A alimentação dele mudou. Assim, ele continua comendo muito, porém mais legumes e verduras, coisas que a minha mãe quase morria para ele comer. Bom, não tenho como enumerar o quanto valeu a pena ele ter entrado nesse colégio.”

“Valeu a pena porque minha neta estudava em um colégio que não oferecia nada a não ser o que tinha nos livros. Ela também tinha suas dificuldades, não lia bem, começou a ler muito mais tarde. Agora ela está muito feliz.

Capítulo 8

ESPORTE E ESCOLA: POR QUE NÃO?

Roberto Ferreira dos Santos

Introdução

Gostaria de iniciar minhas reflexões afirmando que concentrarei as mesmas sobre o esporte e por extensão o treinamento desportivo, como elemento civilizador e educador, a partir da perspectiva do futebol. É importante deixar claro esse ponto, porque nos últimos anos tenho estudado o futebol, ao analisar e interpretar a manifestações de violência nesse esporte. Entretanto, acredito que minhas reflexões podem se ampliar para outros esportes principalmente na dimensão educacional, questionando qual o papel cultural do esporte.

Por outro lado, tendo tido grande experiência com o esporte de competição/treinamento de alto nível – pois trabalhei muitos anos como técnico de atletismo – sempre me preocupei com as interpretações, que eram formuladas sobre esse processo que os atletas vivenciavam. Essas interpretações, em minha opinião, evidenciavam, por um lado, uma grande incompreensão sobre a realidade descrita e analisada. Por outro lado, também evidenciavam uma tentativa de desqualificação da atividade esportiva, como significado de vida e, como manifestação cultural.

Após explicitar essa afirmação, pretendo ressaltar que o esporte, na sua essência, possui elementos civilizadores. Para fundamentar essa afirmação é importante destacar que não percebo o esporte alienado das relações humanas. Dizendo de outra forma, e sendo coerente com o referencial teórico que venho utilizando em meus trabalhos, o conceito

de processo civilizacional de Norbert Elias para interpretar as relações humanas, não entendo o esporte como algo estático, reificado, como alguns teóricos insistem em fazer. Percebo o esporte como algo dinâmico, resultado de um desenvolvimento constante, e, que, portanto, não comportam interpretações heterónimas, dicotômicas, que tendem a considerá-lo algo imutável e fora do alcance transformador do poder do Homem.

Convivendo com a realidade esportiva e cultural

Para dar um exemplo dessas interpretações, certa ocasião ouvi de uma pessoa que possuía excelente formação acadêmica a seguinte pergunta: o que interessa para a humanidade que exista um campeão olímpico? Contra argumentei perguntando: o que interessa para a humanidade que existam doutores? Ou ainda: o que interessa para a humanidade que exista a Orquestra Sinfônica Brasileira?

Minha contra argumentação tinha por objetivo chocar, incomodar, mas principalmente, situar a questão na dimensão da conquista intelectual versus conquista física, assim como na dimensão existencial, em relação ao indivíduo, que persegue um objetivo, elegido como importante para sua expressão de vida.

Não pretendendo deixar dúvidas sobre minha argumentação. Não vejo diferença entre uma pessoa que persegue a titulação acadêmica, e uma que persegue a titulação esportiva. As duas possuem talentos, as duas têm que lutar para chegar onde querem, e as duas estão preocupadas com desempenho. Nesse momento me apoio em Bento (2007) que ao discutir e criticar o relativismo cultural que muitas vezes está presente nas argumentações sobre esporte e desempenho de um modo geral questiona:

Para quê ensinar música erudita, de Bach, Beethoven ou Lopes Graça? Para quê aprender a tocar piano ou violino? Para quê ler e estudar autores clássicos? Para quê ensinar e exigir a execução técnica e perfeita de gestos difíceis,

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

complexos, belos e aprimorados? Para quê transmitir um nível subido e adequado de conhecimento, habilidades, capacidades e competências desportivas? Sim, para quê tudo isto, se a noção de excelência deixou de ser aceitável, se a morte da personalidade culta, séria e exigente está na ordem do dia, se há uma hostilidade à difusão do saber sólido, aprofundado e consistente e se basta transmitir apenas conhecimentos rudimentares, conformes a uma vidinha minúscula, baixinha e rasteira? (BENTO, 2007, p.35-36).

Em resumo, para o autor o relativismo cultural cria uma imagem que o desempenho, em qualquer dimensão do conhecimento humano seria algo nocivo ao seu desenvolvimento, fundamentalmente porque “... seria a cultura um adereço inútil e dispensável, sobretudo para os outros” (p.37).

Para ser honesto, a única diferença que sempre constatei, é que os “intelectuais”, muitas vezes, depreciam os atletas, dizendo que suas conquistas não são importantes. Em minha opinião, esse comportamento evidencia a antiga questão da divisão do trabalho intelectual, sendo mais importante que o físico, além de revelar uma visão extremamente funcionalista e elitista das relações humanas.

Entretanto minha preocupação ficou reforçada quando vi publicado no Jornal do Brasil, em 2001, uma entrevista de Domenico de Masi, o autor de *O ócio criativo*, intitulada “O esporte virou mercantilismo”, na qual o autor faz afirmações extremamente fortes sobre os atletas de alto nível.

O título do artigo “O esporte virou mercantilismo”, onde no primeiro parágrafo o renomado escritor diz que o esporte atual “... cria apenas atletas eficientes e ricos – mas que renunciam à propriedade de seus corpos e de suas mentes assim como à condição de seres humanos dotados de equilíbrio e sabedoria, para se tornarem engrenagens da grande máquina consumista” (Jornal do Brasil, Esportes, 16/09/01, p.29).

Penso que são afirmações muitos fortes, e merecem análise detalhada e criteriosa. Para que fique clara minha

lógica de refletir sobre as questões do esporte de alto nível, e por extensão, o treinamento desportivo, gostaria de iniciar as discussões, abordando o tema da busca da vitória e as consequências decorrentes desse processo.

A busca da vitória é uma das questões frequentemente colocadas como sendo uma forma de desumanização do esporte, e que caso não fosse obtida, provocaria uma decepção muito grande para os jovens, ou ainda poderia gerar excessiva tensão tornando-se um processo desumanizador, até mesmo neurótico.

A minha experiência com jovens dos mais variados estratos sociais e desportos diferentes, aponta para o fato de que a vitória tem um peso relativo, sendo o aspecto mais importante, a história de vida desportiva de cada um, que vivencia vitórias e derrotas. Em outras palavras, o processo no qual estão inseridos. Se quiséssemos criar um 'nome' o processo esportivo. Se observarmos ao nosso redor, nas nossas relações, podemos constatar que muitos atletas, que não foram os clássicos grandes vencedores, como normalmente os chamamos, são aqueles que muitas vezes continuam no mundo do esporte e da educação física, dando prosseguimento a um processo de transformação da experiência anterior desportiva, e se tornam professores, técnicos, preparadores físicos etc. Nesse sentido, não seriam as vitórias individuais, perseguidas e conquistadas no passado, que teriam importância, mas uma vitória mais ampla, isto é uma vitória simbólica. A vitória de crescimento através de um processo. Trata-se aqui de relativizar a compreensão de um conceito procurando ampliá-lo. Trata-se, então, de uma interpretação do conceito de vitória numa dimensão de construção, a partir da experiência esportiva, que proporcionou uma construção de vida.

Em resumo, pretendo destacar que não foram as vitórias, no sentido absoluto que importaram para aquelas pessoas, e sim as vivências de um processo, que apesar de envolver competição e tensão, não as desumaniza. Pelo contrário, as mantém dentro do ambiente esportivo, sempre procurando aperfeiçoá-lo.

Esse raciocínio é elaborado justamente para discordar, por exemplo, da afirmação mencionada anteriormente por Domenico de Masi. Porque seriam alienados, insensíveis, desumanizados, e sem sabedoria as pessoas que estão envolvidas no processo competitivo? Será que só o esporte vive um ambiente competitivo? Dizer que grandes atletas são alienados e insensíveis é falar sobre uma realidade que não conhecem, porque não pesquisaram sobre ela. Aliás, o próprio Domenico de Masi no decorrer de sua entrevista, afirma só conhecer o esporte pelo que os jornais passam. Ou seja, para este importante autor, que é formador de opiniões, se não, não teria sido entrevistado pelo Jornal do Brasil, suas interpretações sociológicas são elaboradas a partir da leitura de jornais. Não se trata de desqualificar os jornais, pelo contrário. Eu os estou utilizando, sempre utilizei nos meus estudos. Mas não podemos esquecer que os estudiosos que escreveram trabalhos científicos, elaboraram pesquisas, conviveram com realidades para estudá-las, e depois formularem teorias, não podem deixar de ser consultados. Estamos falando de Huizinga, Elias, Mandell, Cagigal, Bento, entre outros.

Relembro um conceituado antropólogo brasileiro, Luiz Felipe Baeta Neves Flores, que certa vez, me despertou para o fato que muitas construções teóricas em sociologia, são formuladas sem uma consulta direta à realidade estudada. Por conta dessa forma perdem a real sintonia com os universos estudados.

Outra pesquisadora, Maria Isaura Queiroz, ao estudar as figuras religiosas brasileiras, critica essas construções teóricas e definições imprecisas utilizadas em sociologia dizendo:

não parece repousar em definições precisas e sim originar-se em juízos de valor(...) A dúvida aqui expressa para com dicotomia “religião oficial” e “religião popular” se estende, na verdade, a toda utilização de conceitos dicotômicos em sociologia, que parecem originar-se de um raciocínio sistemático e teórico, tendo como ponto de partida concepções ideológicas de bem e de mal, e não uma consulta direta à realidade estudada;

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

como resultado, em lugar de serem apropriados à análise da realidade social, a deformam no sentido que convém melhor à ideologia do pesquisador (QUEIROZ apud CHAUI, 1986, p. 123).

Mas continuando nas nossas reflexões, para podermos verificar se nossos atletas são, ou estão desumanizados, nesse momento, e baseados no que disse o autor Domenico de Masi, ao olharmos para determinados atletas, será que poderíamos dizer que, por exemplo, Guga, nosso grande campeão do Tênis de Campo, pertence a esse grupo de atletas? Será que ele se encaixa na categoria daqueles que como afirma o autor “Quanto mais ganharem, mais serão prisioneiros da espiral consumista, incapazes de crescer equilibradamente no corpo e na alma. Por isso, se tornarão veículos de desequilíbrio, de alienação, de infelicidade” (p.29).

Quem concordaria que Guga não tem equilíbrio, é um alienado, e não possui sabedoria, e é infeliz? É essa a imagem que Guga nos passa? Desculpem-me não consigo concordar. Utilizando-me da linguagem de Nietzsche, essa afirmação dói nas minhas entranhas. Não consigo sustentá-la a partir das minhas entranhas. Portanto discordo totalmente. Mas para dizer que não estou fundamentando minha argumentação, gostaria de apontar alguns pontos importantes na argumentação sobre o desporto.

O primeiro deles é o próprio discurso de Domenico de Masi. Apesar de no artigo do Jornal do Brasil dizer que não conhece o desporto diretamente, e sim somente através da imprensa. No seu livro *Ócio criativo*, logo no início, quando perguntado sobre a sociedade pós-industrial e os diferentes modos de se viver, recorre a Max Weber para dizer que os fenômenos só podem ser compreendidos se forem observados a sangue frio e em profundidade, apreendendo sua objetividade, além de observá-los dentro de um longo processo. Ou seja, é exatamente isso que ele não faz ao na sua entrevista ao Jornal do Brasil. Suas afirmações mostram grande envolvimento emocional – no sentido de depreciá-lo fortemente – e pouca

distância do fenômeno analisado, além de um simplismo exagerado. Certamente a entrevista de Domenico de Masi não resistiria a uma análise mais rigorosa de alguns sociólogos ou antropólogos do desporto, pois é extremamente carregada de uma ideologia depreciativa.

No início de minha explanação afirmei que me utilizo – e aqui gostaria destacar, que admiro - do referencial teórico de Norbert Elias. Exatamente esse autor diz que devemos ter um equilíbrio entre distanciamento e envolvimento, para analisarmos as questões sociológicas, no nosso caso o desporto. Na realidade, Elias publicou um livro, com o título para o português, denominado de *Envolvimento e Alienação* (1998), onde discute a forma como os seres humanos realizam suas interpretações, sobre os fenômenos de suas vidas. Nessa publicação aponta para o fato que interpretações lineares, interpretações que não consideram as interdependências e os significados que os envolvidos nos fenômenos atribuem, além de saberem o que eles próprios pensam sobre o fenômeno, tendem a ser simplistas e imprecisas.

Ainda, no artigo citado anteriormente por Domenico de Masi, o autor, por exemplo, afirma “Basta olhar as reações de Michael Schumacher quando vence ou quando perde, para compreender que estamos diante de um manufaturado tecnológico, não de um ser humano dotado de equilíbrio e de sabedoria” (p.29). Seguindo suas argumentações sobre o mal que o desporto representa.

Dois questionamentos podem ser feitos nesse ponto. O primeiro deles é falar de reações de atletas oriundas de esportes totalmente diferentes é no mínimo grande desconhecimento do que se passa, numa pista, por exemplo, ou do que passa, por exemplo, dentro de um campo de futebol ou uma quadra de voleibol. As possibilidades de acontecer um acidente fatal numa quadra de voleibol são remotíssimas. Enquanto que numa pista de Fórmula 1 esse fato, apesar de ser pouco frequente, pelo menos é possível. A história nos mostra os acontecimentos. Então é compreensível, e, portanto, recomendável que façamos interpretações

singulares, que visem contextualizar, o como e o porquê das reações de Schumacher. As generalizações não dão conta dos acontecimentos porque as dinâmicas são diferentes. Por dinâmica entende-se tudo que se configura aquele esporte específico. Processo para construção do resultado, equipe envolvida para dar apoio ao atleta, tecto de disputa, local de disputa, histórico do esporte, entre outros fatores.

A forma como encaminhei minhas argumentações até aqui poderia levá-los a supor que estou tão envolvido com o desporto, que não vejo seus problemas.

Não é assim que penso.

Sendo coerente, com a forma como venho encaminhando minhas argumentações, sustento que o esporte tem sim problemas, mas que devem ser analisados numa perspectiva, relativa e não com generalizações impróprias, não com concepções ideológicas de bem e de mal. Essas concepções falam de um esporte, como se ele fosse, estivesse fora do ser humano. Fora do que nós próprios criamos. O esporte é uma tradição inventada e se foi inventada, pode ser reinventada. E tem sido. Ao observarmos o desenvolvimento histórico de vários desportos, percebemos transformações. Nessa perspectiva, não tem sentido epistemológico falar de um desporto, e sim de vários desportos. Não faz sentido, falar de uma dinâmica, e sim de várias dinâmicas.

Se tomarmos, por exemplo, o caso do doping, que seguramente é uma desumanização no desporto, deve-se pesquisar, descrevendo e entendendo em quais esportes o doping ocorre. Não concordo que todos os atletas se dopem. Se conseguirmos traçar um quadro de incidências, estaremos começando a fazer pesquisa séria e contribuindo para reverter, especificamente este quadro.

Se quisermos evoluir na compreensão das dinâmicas, devemos descrevê-las densamente para depois interpretá-las. Se quisermos entender os atletas e os significados que estes atribuem às suas atividades, suas emoções, devemos escutá-los, e não falar por eles. Mais uma vez recorrendo a Elias, deve-se caminhar para uma sociologia das emoções.

Será que rotularíamos Airton Senna de insensível, desumano, alienado? Será que rotularíamos os atletas negros, representantes do *black power*, que nos Jogos Olímpicos de 1968 realizaram seus protestos contra o racismo, de alienados e insensíveis? Será que rotularíamos Cassius Clay, o Muhamed Ali, de alienado, que mesmo perdendo o título de Campeão Mundial lutou contra a guerra do Vietnam?

Precisamos compreender o que é realmente ser um atleta profissional, para posteriormente elaboramos nossas interpretações, sobre esse universo. Precisamos compreender o que é perder uma Copa do Mundo, e ser chamado injustamente de covardes, como aconteceu com jogadores brasileiros na Copa de 1950. Precisamos compreender que o desporto retratado no filme *Carruagens de Fogo*, sofreu transformações. As transformações que caminharam na direção do profissionalismo, não necessariamente tornam o desporto mercantilista e menos digno. Quando um trabalhador luta por melhores salários, não o chamamos de mercenário. Sabemos da existência de dificuldades trabalhistas nas relações de patrões e empregados. Mas quando um jogador de futebol sai de um clube para outro, em busca de melhores salários, e muitas vezes melhor ambiente, o chamamos de mercenário.

Será justo?

Acredito que as pesquisas devem caminhar para a compreensão dos fenômenos complexos, de uma forma bem estruturada e fundamentada. Não com observações maniqueístas, e rotulações impróprias. De outra forma, entre a opinião de Domenico de Masi e a opinião de quem vive no ambiente desportivo, prefiro a de quem está mais perto do fenômeno estudado. É mais rica e repleta de detalhes que nos fazem entender muitas dimensões do fenômeno desporto. É mais justa e humana.

Erich Fromm já há alguns anos, num livro intitulado *A análise do homem*, nos falou da orientação mercantil, ao discutir a personalidade do ser humano. Em umas de suas descrições e análises diz Fromm (1972):

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

A premissa da orientação mercantil é a vacuidade, a ausência de qualquer qualidade específica que não seja suscetível de modificação, pois qualquer traço persistente de caráter poderá algum dia entrar em choque com as exigências do mercado. Alguns papéis não se dariam bem com as peculiaridades da pessoa; portanto, temos de nos livrar delas, isto é, das peculiaridades. A personalidade mercantil deve ser livre: livre de toda e qualquer individualidade (p.73-74).

Na sequência de minhas pesquisas e reflexões tive acesso ao artigo do Jornal de Brasil, do dia 30 de setembro de 2001, sobre o novo desafio de Leila – musa da seleção brasileira e do Voleibol – que começava nova fase de sua vida no voleibol de praia.

Todo o relato do artigo fala de uma Leila humana, sensível, adolescente perante uma nova fase da vida, de uma Leila consciente do mundo em que vive consciente da sua profissão, e, acima de tudo, de uma Leila que tem prazer em jogar. Uma Leila cujas peculiaridades é que vão determinar o bom desempenho nas quadras. Uma Leila cuja individualidade é que nos faz admirá-la. Uma Leila que não possui vacuidade na sua personalidade.

Ao completar a leitura do artigo, minhas opiniões ficaram reforçadas. Devemos olhar para o esporte e treinamento desportivo procurando entender a realidade sem estabelecer julgamentos depreciativos.

Mas afinal de contas com qual esporte ficamos? Àquele que muitos apontam uma série de defeitos ou àquele que só possui virtudes? Não podemos pensar num esporte reificado temos que pensar num esporte que é definido pelos significados daqueles que o praticam. Se aqueles que o praticam procuram um aperfeiçoamento humano como um todo, então estaremos defendendo um esporte de emancipação do ser humano. Apesar de todos os problemas que temos enfrentado como humanidade para nos aperfeiçoarmos, como as guerras e as desigualdades sociais nas diferentes sociedades, só para citar alguns fatos, não podemos negar que o esporte como

fenômeno cultural tem influenciado positivamente muitos povos, inclusive como fator de construção da paz entre povos.

Para encerrar gostaríamos de citar um autor que indiretamente discute a questão dos esportes, John MacAloon, porque aborda a questão dos Jogos Olímpicos. Sua fala de alguma forma é autoexplicativa e definidora de sua posição quanto a esse fenômeno.

Mais do que um puro entretenimento, mais do que formulações didáticas ou persuasivas, e mais do que indulgências catárticas. Elas são ocasiões nas quais, como uma cultura ou uma sociedade, confirmamos e definimos-nos nós mesmos, teatralizando nossos mitos coletivos e história, presenteamos a nós mesmos com alternativas e, eventualmente, de alguma maneira mudamos enquanto permanecemos os mesmos em outras (MACALOON, 1984 apud TAVARES, 2003, p.42).

Referências

- BENTO, J. O.; CONSTANTINO, J. M. *Em defesa do desporto. Mutações e valores em conflito*. Coimbra: Almedina. 2007.
- ELIAS, N. *Envolvimento e Alienação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- FROMM, E. *A análise do homem*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.
- O esporte virou mercantilismo. Domenico de Masi, *Jornal do Brasil*, p.29, 16 de setembro de 2001.
- Leila, a musa balzaquiana do vôlei. *Jornal do Brasil*, p.30, 30 de setembro de 2001.
- MENNELL, S. *Norbert Elias: an introduction*. Blackwell Publishers, Cambridge, 1992.
- SANTOS, R. F. *A violência no futebol português: uma interpretação sociológica a partir da concepção teórica de processo civilizacional*. Tese de doutoramento: Universidade do Porto.
- TAVARES, O. *Tocqueville e as origens do conceito de igualdade no esporte*. *Teoria e Pesquisa*. Jan. Jul de 2003: p.5-23.

Capítulo 9

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO DE CIÊNCIAS DO SEXTO ANO

Lucineia Alves

Educação ambiental

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (BRASIL, 2013) temos o seguinte conceito de Educação Ambiental:

Educação Ambiental envolve o entendimento de uma educação cidadã, responsável, crítica, participativa, em que cada sujeito aprende com conhecimentos científicos e com o reconhecimento dos saberes tradicionais, possibilitando a tomada de decisões transformadoras, a partir do meio ambiente natural ou construído no qual as pessoas se integram. A Educação Ambiental avança na construção de uma cidadania responsável voltada para culturas de sustentabilidade socioambiental.

O aprendizado e as práticas de ações, na área da Educação Ambiental, que contribuam para que o nosso Meio Ambiente continue saudável é extrema importância para a nossa sobrevivência. A escola, em seu papel, tem a função de ensinar e incitar tais práticas a seus alunos.

Atividades voltadas para a educação ambiental

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a disciplina de Ciências deveria servir para uma reflexão e posterior investigação do meio que nos cerca, onde o aluno é o agente principal dessa ação (BRASIL, 1998). Os conceitos

da Biologia são fundamentais para que a humanidade saiba utilizar os recursos naturais de forma correta, promovendo a sua conservação. Tais conceitos nos ajudam a entender porque não devemos poluir os rios, contaminar o solo e o ar e a compreender que preservando os recursos naturais, estamos preservando nossa própria vida e a de todos os seres vivos (PIRES & ALVES, 2014).

A produção de lixo é uma atividade inerente a espécie humana, entretanto, a falta de conscientização acerca de seu destino tem causado diversos problemas de ordem ambiental e de saúde. Torna-se necessário que os indivíduos sejam conscientizados desde a infância/adolescência em relação a esta problemática e que estes estejam aptos a realizarem ações que possam ao menos minimizar esses problemas, como por exemplo, a aplicação dos “3 Rs” (reduzir, reutilizar e reciclar) em seu cotidiano. Nesse sentido, o conhecimento e a aplicação de conceitos básicos relacionados a Educação Ambiental vem servir de ferramentas para uma efetiva e esperada conscientização.

Objetivos das atividades desenvolvidas

- Sensibilizar os alunos em relação às questões relativas à Educação Ambiental;
- Conscientizar os alunos da problemática ambiental e de saúde causada pelo lixo;
- Instigar reflexões que levem o aluno a adotar posturas e ações, na escola e em sua casa/comunidade, que reflitam a conscientização adquirida.

Atividades desenvolvidas

As atividades mencionadas a seguir foram realizadas com os alunos do 6º Ano da Turma 1604 do Ginásio Experimental Olímpico Juan Antonio Samaranch, no período de maio a junho do corrente ano letivo. Estes alunos estão no início da adolescência, fase da vida em que são capazes de assimilar conceitos mais complexos que os assimilados na infância e, por isso, uma ótima fase para discutir questões que resultarão em ações que poderão realizar como agentes ativos e como

multiplicadores, em sua escola, casa e até em sua comunidade.

Em cumprimento do conteúdo programático para o 6º Ano, estabelecido nas Orientações Curriculares da Secretaria Municipal de Educação (RIO DE JANEIRO, 2013), foram realizadas diversas atividades, embasadas nos objetivos já mencionados, que culminaram em uma sensibilização efetiva dos alunos em relação aos cuidados que devemos ter com o meio ambiente, a observância dos “3 Rs” e aplicação prática de algumas atividades que podem contribuir com a redução da problemática ambiental causado pelo lixo.

Exibição de vídeo sobre Educação Ambiental

De acordo com ALVES (2013) o uso da tecnologia no cenário educacional é de relevante contribuição para o desenvolvimento do processo de aprendizagem dos alunos, bem como para o auxílio das atividades de seus professores. Observando o exposto acima, uma atividade proporcionada aos alunos foi a exibição do vídeo “Educação ambiental: lixo e coleta seletiva” (UNIVERSIDADE COORPORATIVA DO TRANSPORTE, 2014) (Figura 1).

Neste vídeo os alunos puderam aprender que o lixo é um dos principais problemas ambientais da atualidade, pois contribui para a emissão de gases que produzem o aquecimento global e a poluição das águas. Aprenderam também que pior que produzir muito lixo é não dar um destino adequado a ele.

Figura 1.
Os alunos assistiram o vídeo “Educação Ambiental: lixo e coleta seletiva”.



**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

Após a exibição do vídeo foi aberto um debate sobre o que eles aprenderam e sobre as soluções apontadas no vídeo para a problemática ambiental causada pelo lixo.

Foi notável o nível de discussão e conscientização dos alunos acerca do assunto.

Alunos realizando desenhos sobre o que foi aprendido

Após o debate sobre o vídeo “Educação ambiental: lixo e coleta seletiva”, os alunos foram desafiados a criarem desenhos que ilustrassem o que foi aprendido e possíveis soluções para a problemática ambiental causada pelo lixo, visto que o homem é o principal agente causador dessa problemática, mas também o ser que pode propor ações para resolvê-la.

A conscientização e as soluções viáveis para tratar a problemática ambiental causada pelo lixo foram os temas mais observados nos desenhos destes (Figura 2).



Figura 2. Desenhos dos alunos mostrando que a conscientização e as soluções viáveis são o caminho para resolver a problemática ambiental causada pelo lixo.

**“A aplicação da aprendizagem deve
começar dentro da sala de aulas”**

As boas ações sobre as questões ambientais devem ser ensinadas e praticadas primeiramente, sempre que possível, dentro da escola, em especial dentro da própria sala de aula, visto que, desta forma, os alunos têm a oportunidade de associarem a teoria à prática e isso poderá ser decisivo para que pratiquem o que aprenderam em outros ambientes

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

também, como por exemplo, em suas respectivas casas ou comunidades.

Mostrando a importância dos agentes da Comlurb na escola e fora desta

A limpeza da escola é realizada pela Companhia Municipal de Limpeza Urbana – Comlurb. Esta é a maior organização de limpeza pública na América latina e seu principal objetivo é a limpeza urbana no município do Rio de Janeiro (PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, 2014).

No dia 16 de maio é comemorado o “Dia do Gari”. Aproveitando os conteúdos estudados no bimestre e, com o objetivo de conscientizar os alunos do importante papel desempenhado pelos agentes da Comlurb, na escola e fora dela, foi proposto à turma que realizasse uma homenagem ao agente desta que é o responsável pela limpeza diária de nossa sala de aula (Figura 3).

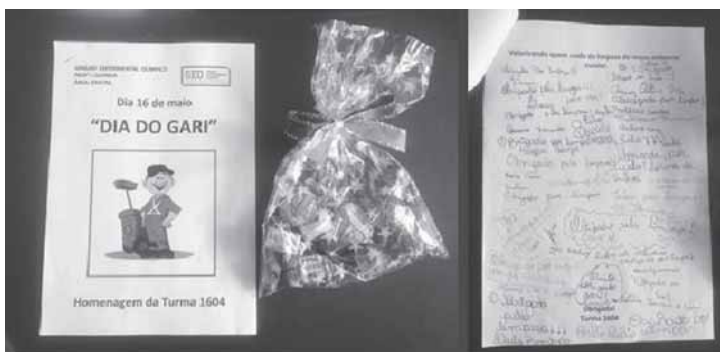


Figura 3. Os alunos da Turma 1604 homenagearam o agente da Comlurb que realiza a limpeza diária na nossa sala de aula com um cartão assinados por todos da turma e alguns bombons.

Ao receber o presente e o cartão preparado pela turma o agente da Comlurb se mostrou emocionado e agradeceu a turma pela lembrança.

O momento foi propício para lembrar aos alunos que embora a responsabilidade da limpeza da escola/sala de

aula fosse da Cumlurb, a conservação desta é de responsabilidade de todos.

Coleta seletiva na sala de aula

A coleta seletiva é um sistema de recolhimento de materiais recicláveis, previamente separados na fonte geradora que funciona como um processo de Educação Ambiental na medida em que sensibiliza a comunidade (SÃO PAULO, 2014).

Com o objetivo de conscientizar os alunos e fazer com que estes pratiquem os conhecimentos adquiridos, lixeiras para coleta seletiva foram colocadas na sala de aula (Figura 4). Os alunos gostaram da iniciativa e passaram, então, a utilizá-las.



Figura 4. Lixeiras de coleta seletiva foram colocadas na sala de aula e passaram a ser sempre utilizadas de forma correta pelos alunos.

A reciclagem em sala de aula

A reciclagem é o processo de transformação, industrial ou artesanal, de um material, cuja primeira utilidade terminou, em outro produto. Ela gera economia de matérias-primas, água e energia, é menos poluente e alivia os aterros sanitários, além de fazer bem ao Meio Ambiente. Por exemplo: a reciclagem de 1 tonelada de papel evita o corte de 15 a 20 árvores, economiza 50% de energia elétrica e 10 mil m³ de água (SÃO PAULO, 2014).

Com o objetivo de conscientizar os alunos quanto a reciclagem, foi realizado uma oficina onde estes puderam aprender a reciclar o papel artesanalmente (Figura 5 e 6).



Figura 5. Materiais utilizados para a reciclagem de papel realizada em sala de aula.



Figura 6. Papel reciclado feito pelos alunos em sala de aula.

Devido ao fato de que a reciclagem artesanal é um processo lento, pois exige que o papel seque naturalmente, os alunos continuaram ao longo de algumas semanas, nos momentos de folga, realizando a reciclagem do papel em sala de aula.

A utilização de papel reciclado comercialmente

Após aprenderam a fazer artesanalmente a reciclagem do papel os alunos ouviram algumas informações sobre a reciclagem industrial deste e para finalizar a oficina ministrada sobre reciclagem, foi distribuído papel reciclado comercialmente para que confeccionassem um cartão para alguém especial para eles (Figura 7).

A oficina constituiu uma excelente e rica atividade realizada com a turma.

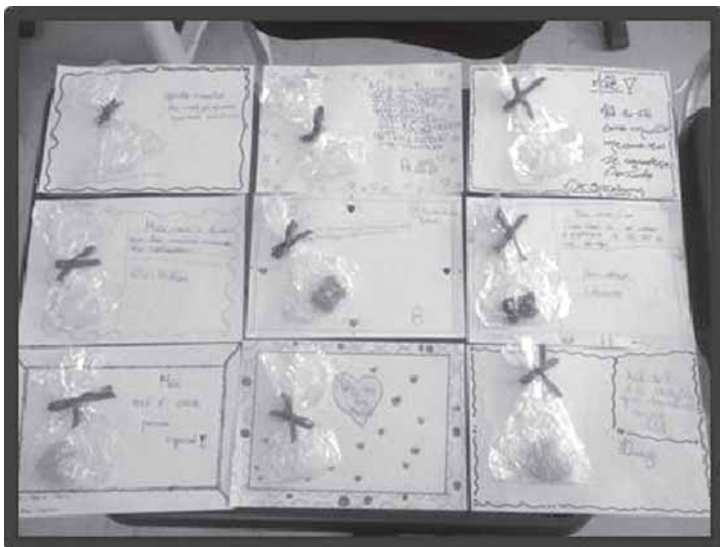


Figura 7. Os alunos confeccionaram cartões com papel reciclado comercialmente.

O reaproveitamento em sala de aula

Um dos conteúdos do Bimestre foi “Os solos” (RIO DE JANEIRO, 2014). Como atividade prática relacionada a este conteúdo, foi solicitado aos alunos que trouxessem caixas de suco, que seriam descartadas após o uso em suas respectivas residências, para que esse material fosse reaproveitado em sala para construção de uma mini horta.

Os alunos, com o uso de tesouras, cortaram as caixas de suco, encheram-nas com terra adubada, solicitada previamente, e colocaram, em três pequenos buracos feitos na terra, três sementes de alface, salsa e cebolinha, em cada respectivo buraco. Após tamparem os buracos com um pouco de terra, eles molharam toda a terra contida nas caixas e as colocaram na varanda da sala de aula (Figura 8), onde as regaram regularmente e observaram o crescimento das hortaliças até o período do recesso escola. No início deste, cada aluno levou sua respectiva caixa com as hortaliças já crescidas para casa, a fim de

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

continuarem o cultivo e desfrutarem deste (Figura 9).

Foi gratificante verificar diariamente a atenção e o cuidado que os alunos dispensavam as hortaliças plantadas e como eles ficaram empolgados com a atividade, inclusive vários alunos afirmaram que iriam reproduzir a atividade em suas respectivas residências.



Figura 8. Mini horta organizada pelos alunos na varanda da sala de aula.

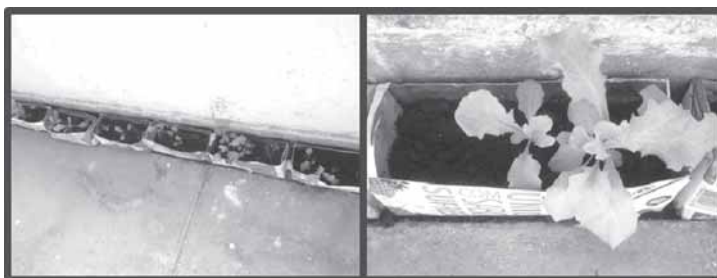


Figura 9. As verduras em fase de crescimento (foto à esquerda) e verduras já relativamente crescidas (foto à direita).

Leitura sobre Educação Ambiental

Os alunos receberam a cartilha “Educação Ambiental - Rio Capital da Bicicleta” (RIO DE JANEIRO, 2010) e com ela foram trabalhados conceitos sobre a poluição do ar causada pelos automóveis, os benefícios ambientais e físicos proporcionados pelo uso da bicicleta, assim como foram reforçados os cuidados que devem ter para que o uso da bicicleta seja algo agradável e seguro.

Os alunos aprenderam com a cartilha que a bicicleta não produz poluição sonora e ajuda na preservação e na proteção do Meio Ambiente, pois não polui. Além disso, aprenderam que quando há a troca do transporte motorizado pela bicicleta, não há produção de impacto ambiental. Eles ainda ficaram entusiasmados com as brincadeiras contidas no final da cartilha.

Aprendizagem através de atividade lúdica

As atividades lúdicas constituem formas bastante eficazes de aprendizagem.

Os alunos foram divididos em grupos e lhes foram fornecidos, para cada grupo, um dado, tampas de garrafas Pets (ênfatizando que as tampas de garrafas que irão para o lixo podem ser reutilizadas em jogos diversos) e um jogo “Trilha – Jogando e Cuidando da Qualidade do ar” do MonitorAr Rio (Programa de Monitoramento da Qualidade do Ar da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro) (Figura 10).

Os alunos, de forma bastante divertida e animada, aprenderam que a bicicleta é um meio de transporte sustentável, que os veículos são os principais responsáveis pela poluição do ar em nossa cidade, que plantar árvores contribui para um ar saudável e outras ações que contribuem para o aumento da qualidade do ar.

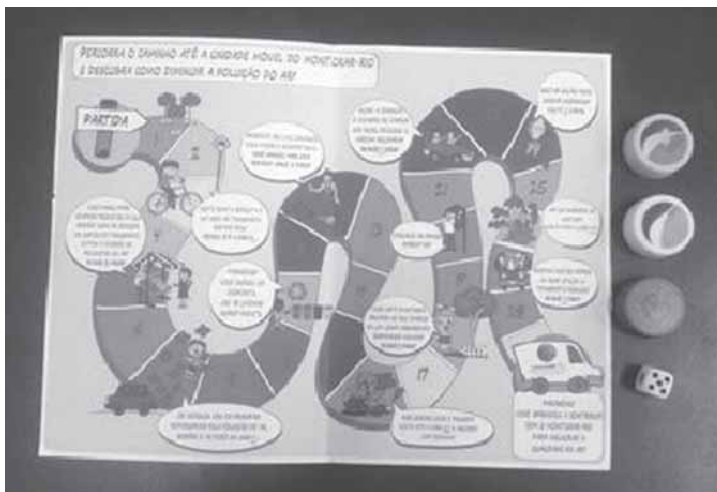


Figura 10. Os alunos aprenderam também de forma lúdica com o jogo mostrado acima.

Culminância das atividades

Os alunos tiveram, ao final do bimestre, um momento de revisão dos conteúdos e este foi aproveitado para relembrar os conhecimentos adquiridos em relação a Educação Ambiental. Os alunos foram, então, desafiados a criarem panfletos para conscientização de outros alunos da escola (Figura 11).

Panfletos excelentes e que mostravam toda a conscientização adquirida pelos alunos foram elaborados e posteriormente foram expostos aos demais alunos da escola com o objetivo de também sensibilizá-los e conscientizá-los em relação aos problemas relacionados ao Meio Ambiente, especialmente os relacionados ao lixo.



Figura 11. Mural mostrando os panfletos elaborados pelos alunos.

Considerações finais

A realização de atividades práticas no ensino de Ciências é de grande importância na aprendizagem de qualquer aluno do Ensino Fundamental. ABOU SAAB & GODOY (2009) afirmam que as atividades práticas experimentais são de extrema relevância para a aprendizagem dos conteúdos por parte dos educandos e ANDRADE & MASSABNI (2011) ressaltam que essas atividades contribuem para o interesse e a aprendizagem em Ciências.

Com o objetivo de levar aos alunos do 6º Ano - Turma 1604, do Ginásio Experimental Olímpico Juan Antonio Samaranch, noções sobre Educação Ambiental, várias atividades práticas foram desenvolvidas a fim de que estes se conscientizassem e se tornassem agentes ativos na realização de boas ações relacionadas ao Meio Ambiente, em especial às relacionadas a problemática ambiental causada pelo lixo.

As boas ações sobre as questões ambientais devem ser ensinadas e praticadas desde a infância, visto que cada vez

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

mais urge que nossas crianças cresçam conscientes e sensibilizados sobre esta problemática, esperando-se que se tornem adultos também conscientes e sensibilizados em relação ao que acontece com o Meio Ambiente.

Pode-se observar que os alunos da Turma 1604, após a realização das variadas atividades práticas, aprenderam os ensinamentos ministrados e, muito além, avançaram na construção de uma cidadania responsável voltada para culturas de sustentabilidade, conforme menciona as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (BRASIL, 2013).

Referências

- ABOU-SAAB, L. A. & M. T. GODOY. 2009. *Experimentação nas aulas de Biologia e a apropriação do saber*. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/446-4.pdf?PH_PSESSID=2009050708092673>. Acesso em: 18 de junho de 2014.
- ALVES, L. Iniciativas de governo para inclusão digital e EaD. *In: CAMPAGNOLI, F. & COSTA, D. P. (Org.). Redes de Educação a Distância como instrumento de proteção da Amazônia*. Editora Gráfica Brasil. Brasília. Pág. 55 – 60. 2013.
- ANDRADE, M. L. F. & V. G. MASSABNI. O desenvolvimento de atividades práticas na escola: um desafio para os professores de Ciências. *Ciência & Educação*, 17(4): 835 - 854. 2011.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais*. Brasília: MEC/SEF. 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília: MEC/SEB/DICEI. 2013.
- PIRES, L. M. & ALVES, L. *Ensino de Ciências: conceitos de ecologia e evolução ministrados através de oficinas*. Revista e-Mosaicos do CAP-UERJ. "no prelo". 2014.
- PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb)*. Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/comlurb/conheca-a-comlurb>>. Acesso em: 17 de jun. 2014.
- RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. *Cartilha de Educação Ambiental "Rio Capital da Bicicleta"*. Centro de Educação Ambiental. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

do Rio de Janeiro/SMAC. 2010.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. *Orientações Curriculares - Ciências*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/SME. 2013.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. *Cadernos Pedagógicos – C6 - 2º Bimestre*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/SME. 2014. Disponível através do portal: <<http://www.rioeduca.net/recursosPedagogicos.php>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

SÃO PAULO. Secretaria do Meio Ambiente. *Coleta seletiva*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo/SMA. 2014. Disponível em: <<http://www.lixo.com.br/documentos/coleta%20seletiva%20como%20fazer.pdf>>. Acesso em: 17 de jun. 2014.

UNIVERSIDADE COOPERATIVA DO TRANSPORTE. *"Educação ambiental: lixo e coleta seletiva"* (Vídeo). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vcMkUKIUwcl>>. Acesso em: 17 de jun. 2014.

Agradecimentos

Agradeço a Larissa Pires Marques, mestranda do curso de Ecologia e Evolução da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que contribuiu no desenvolvimento de algumas atividades.

Agradeço aos colegas professores da equipe, em especial ao Prof. Cláudio Elias, e a direção do GEO Juan Antonio Samaranch, em especial aos diretores José Edmilson da Silva e Marcelo L. Rolim, pelo apoio constante na realização das atividades.

CAPÍTULO 10

ESTUDANDO AS CÉLULAS NO OITAVO ANO

Lucineia Alves

A célula

A palavra célula é derivada do latim *cella* que significa “pequeno cômodo fechado”. Elas foram descobertas por Robert Hooke, em 1665, ao examinar uma fatia de cortiça, em um microscópio rudimentar (LINHARES & GEWANDSZNAJDER, 2006). Muitos anos depois, em 1838 e 1839, os cientistas alemães Matthias Schleiden e Theodor Schwann, com base em muitas evidências obtidas em estudo com microscópio, propuseram que os seres vivos eram formados por células, estabelecendo assim a “Teoria Celular” (CANTO, 2009). Atualmente, com o avanço da Ciência, sabe-se que a célula é a unidade estrutural, funcional e genética de todos os seres vivos, com exceção dos vírus.

As células podem ser classificadas em procarióticas, células que não apresentam núcleo individualizado, e células eucarióticas, células que apresentam núcleo definido, sendo, portanto, consideradas mais evoluídas. Em função do tipo de células procarióticas e eucarióticas, os seres vivos são classificados como seres procariontes (exemplo: bactérias) e seres eucariontes (exemplos: animais e plantas), respectivamente.

Ainda, em relação às células, os seres vivos podem ser classificados como unicelulares, seres constituídos por apenas uma célula, e seres pluricelulares (também chamados de multicelulares), seres formados por várias células.

O estudo das células no oitavoano

O estudo das células - denominado Citologia – no Ensino Fundamental, de acordo com Zancul (2007) é fundamental para a compreensão de como os organismos funcionam, além de ser um campo de aplicações importante, por exemplo, o tratamento de muitas doenças, depende de conhecimentos sobre o funcionamento e as funções das células.

De acordo com as Orientações curriculares da Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO, 2013) o conteúdo “Células” deve ser ministrado no 8º Ano, embora o mesmo já tenha sido brevemente visto no Ano anterior.

Com a orientação acima foram idealizadas e implementadas atividades visando o ensino e a aprendizagem do referido conteúdo por parte dos alunos da Turma 1804 do Ginásio Experimental Olímpico Juan Antonio Samaranch.

Objetivos das atividades desenvolvidas

- Aprender conceitos básicos de Citologia;
- Aprimorar a aprendizagem dos alunos com a confecção de modelos de células;
- Aprender noções básicas de microscopia;
- Observar seres unicelulares eucariontes (protozoários) ao microscópio;
- Diferenciar células vegetais das células animais ao microscópio, observando suas respectivas estruturas visíveis neste tipo de microscopia.

Atividades desenvolvidas

No tópico relacionado às dificuldades e soluções no ensino e aprendizagem de Ciências Naturais nos Parâmetros Curriculares Nacionais encontramos a seguinte afirmação:

a despeito de sua importância, do interesse que possa despertar e da variedade de temas que envolve, o ensino de Ciências Naturais tem sido frequentemente conduzido de forma desinteressante e pouco compreensível (BRASIL, 1998).

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

Entendendo, portanto, que a realização de atividades que despertam o interesse dos alunos e que o uso de recursos pedagógicos variados são fundamentais para que obtenhamos um ensino de Ciências eficaz e uma aprendizagem concreta por parte dos educando, os alunos da Turma 1804 do Ginásio Experimental Olímpico Juan Antonio Samaranch, no período de maio a junho do corrente ano letivo, foram conduzidos a realizarem atividades variadas referentes ao conteúdo “Células” proposto para este Ano, de acordo as Orientações Curriculares da Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro, conforme já mencionado.

Apresentação do conteúdo em sala de aula

O conteúdo “Células” foi apresentado de forma teórica aos alunos com o auxílio do Caderno Pedagógico de Ciências da Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO, 2014).

Os conhecimentos aprendidos em aula teórica foram reforçados e complementados com a realização de diversas atividades mencionadas as seguir, pois devido às células, em sua maioria, serem microscópicas (só poderem ser observadas com auxílio de um microscópio), torna-se necessário à compreensão do conteúdo pelos alunos, que lhes sejam apresentados materiais pedagógicos que os possibilitem compreender os conceitos básicos relacionados a este conteúdo.

De acordo com o exposto acima, um modelo de célula animal e um modelo de célula vegetal (Figura 1), de propriedade particular, foram levados à sala de aula e, posteriormente expostos nesta (Figura 2) para que esses fossem observados pelos alunos durante e após as aulas.

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

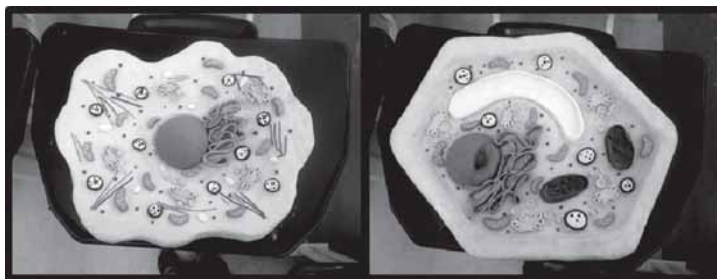


Figura 1. Apresentação de material didático. Os alunos observaram a célula animal (foto à esquerda) e a célula vegetal (foto à direita).

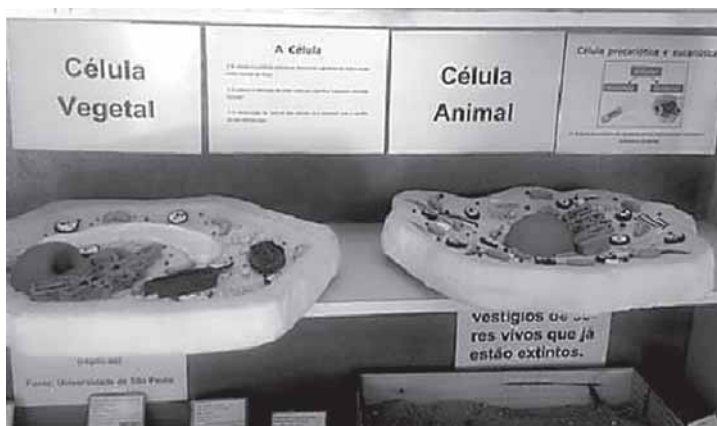


Figura 2. Exposição do material didático. O material didático ficou exposto na sala de aula, durante todo o bimestre letivo, para que os alunos pudessem observar e analisá-los novamente o quanto desejassem.

Os alunos demonstraram um grande interesse pelo material apresentado e pode-se observar que esses materiais didáticos os ajudaram muito a identificar as organelas e a relacioná-las às suas respectivas funções, bem como os ajudou a diferenciar as células animais e dos vegetais, através de suas estruturas.

Trabalhos individuais dos alunos

Para o aprimoramento e fixação da aprendizagem do conteúdo foi solicitado aos alunos que individualmente pesquisassem, no livro didático utilizado em sala de aula, em outros livros ou na internet, e fizessem o desenho de uma célula eucariótica animal ou vegetal.

O resultado desta atividade (Figura 3) foi o recebimento de trabalhos ótimos, onde se pode observar que os alunos se aplicaram na realização desta tarefa e deram o melhor de si, para que os desenhos ficassem com tamanho capricho.

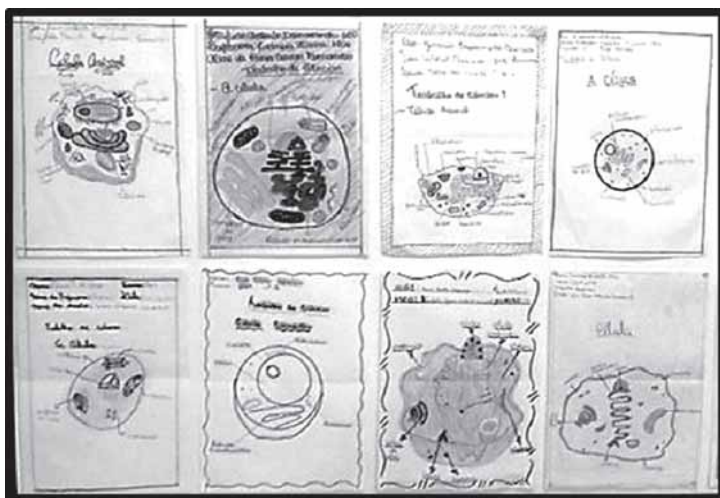


Figura 3. Trabalho individual dos alunos. Variados desenhos de células eucarióticas realizados pelos alunos.

Mural confeccionado com os trabalhos dos alunos

O mural é um instrumento de ensino-aprendizagem comum nas instituições de ensino (COSTA, 2012), provavelmente devido ao fato de que não é necessário muito para criá-lo, já que é, normalmente, de fácil montagem, embora seja exigida certa habilidade para realização desta e de que consiste em um instrumento apreciado pelos alunos, pois eles veem a exposição de seus trabalhos no mural como

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

uma valorização destes dada pelo professor e tomam isso como recompensa ao trabalho realizado.

Considerando, então, o mural como um instrumento de ensino-aprendizagem, alguns desenhos realizados pelos alunos foram expostos em um mural montado na sala de aula (Figura 4) e todos que utilizavam a sala de aula podiam apreciar os trabalhos dos alunos e estes ainda podiam lembrar algumas estruturas celulares e as diferenças entre células animais e vegetais estudadas.



Figura 4. Mural com os desenhos dos alunos. Os desenhos de células eucarióticas realizados pelos alunos foram expostos no mural montado na sala de aula.

Confecção de modelos de células pelos alunos

Segundo Linhares & Taschetto (2008) a elaboração de material em três dimensões permite ao aluno o manuseio da célula podendo ser observada de vários ângulos o que melhora no aprendizado. Após a aula teórica, os alunos foram desafiados a montarem grupos e a confeccionarem modelos de células eucarióticas.

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

Modelos excelentes foram confeccionados (Figura 5), mostrando que os alunos se empenharam na realização da tarefa, e as apresentações destes confirmaram que eles aprenderam bastante com esta atividade, revelando, assim, que o objetivo proposto para esta, que era o de aprimorar a aprendizagem dos alunos com a confecção de modelos de células, foi plenamente alcançado.

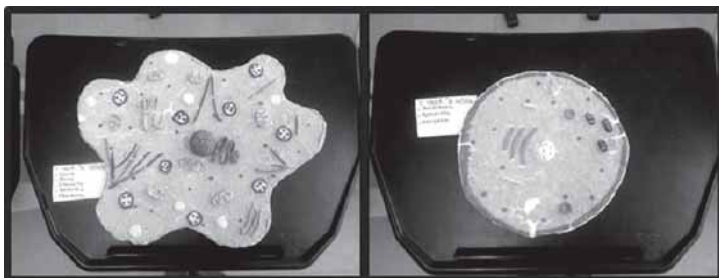


Figura 5. Produto do trabalho de grupo. Os alunos confeccionaram modelos de células e os apresentaram a turma.

Aula prática

Conforme já mencionado, a observação das células, em sua maioria, só é possível com o auxílio de um microscópio. Segundo LINHARES & TASCETTO (2008) os conteúdos que envolvem o estudo da célula no Ensino Fundamental tornam-se um tanto abstratos, por isso, torna-se muito difícil para o aluno o entendimento dos diferentes tipos de células e sua importância no organismo, bem como nomear cada organela celular, suas funções e ainda, que no seu conjunto formam a unidade de tecidos, órgãos, sistemas e organismos.

O uso de um microscópio profissional, de propriedade particular, pelos alunos em uma aula prática na sala, juntamente com uma apresentação em *PowerPoint* (Figura 6) mostrando fotos das células que eles posteriormente viram ao microscópio, veio de encontro ao que a autora afirma acima e possibilitou a estes um melhor entendimento, facilitando-lhes, assim, a aprendizagem sobre as células.



Figura 6. Aula prática. Apresentação exibida para facilitar o entendimento dos alunos sobre as atividades que foram realizadas na aula prática.

Os alunos puderam conhecer as principais partes de um microscópio óptico (Figura 7), aprenderam noções básicas de microscopia e observaram lâminas prontas de protozoários, além de montarem e observarem lâminas contendo células vegetais - epiderme da cebola - e células animais – células retiradas da própria bochecha dos alunos.

Figura 7. Aula prática. Os alunos utilizaram um microscópio óptico para observarem células vegetais (da epiderme da cebola) e células animais (da bochecha dos próprios alunos) durante a aula prática realizada na sala de aula.



Registro das atividades da aula prática

Como atividade final da aula prática, após realizarem as várias observações ao microscópio, os alunos registraram os esquemas e informações dos os seres unicelulares e células observados na folha de relatório da aula prática (Figura 8), distribuídas individualmente.

Pode-se observar que a atividade despertou muitíssimo o interesse dos alunos e foi prazeroso observar também a curiosidade destes ao “descobrirem” o mundo microscópico, assim como o entusiasmo, nítidos em suas faces, ao observarem suas próprias células. Mostrando, portanto, que esta atividade superou as expectativas, indo além dos objetivos propostos inicialmente que foram aprender noções básicas de microscopia, observar seres unicelulares eucariontes (protozoários) ao microscópio e diferenciar células vegetais das células animais ao microscópio, observando suas respectivas estruturas visíveis neste tipo de microscopia.

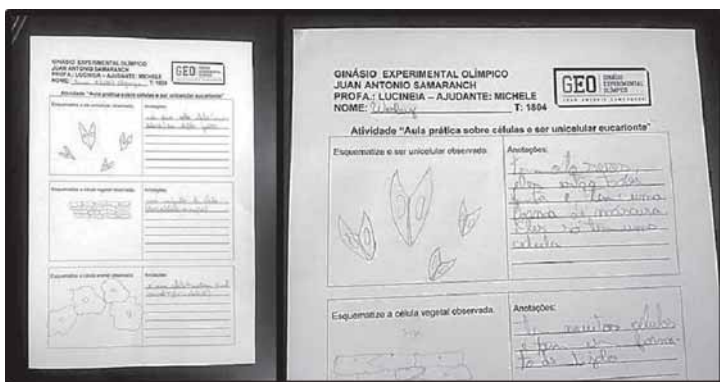


Figura 8. Registro da aula prática. Os alunos registraram individualmente suas observações na folha de relatório da aula prática.

Considerações finais

Toda educação de qualidade, principalmente a efetuada no Ensino Fundamental, exige o uso de vários tipos de ferramentas educacionais, instrumentos utilizados para facilitar

**ALUNO – ATLETA – CIDADÃO -
ESTUDOS NO GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO**

o ensino e a aprendizagem ou torná-los mais interessantes (ALVES, 2013). Além disso, o desenvolvimento de atividades práticas no cotidiano do ensino de Ciências nesta modalidade de Ensino é de grande importância.

Embora haja algumas dificuldades para se desenvolver algumas atividades em sala de aula é de grande relevância para a aprendizagem dos alunos que estas sejam realizadas, pois, entre outros, despertam o interesse dos alunos, desenvolvem a capacidade de resolver problemas, envolve-os em investigação científica, ajuda-lhes a compreender conceitos básicos e a desenvolver habilidades (KRASILCHIK, 2008).

Embora na maioria das escolas o ensino do conteúdo “Célula”, seja realizado normalmente de forma teórica, o uso de ferramentas educacionais aliado a realização de diversas atividades práticas, devem incorporados na ministração deste conteúdo, apesar das dificuldades que surgirão para que isso aconteça.

Utilizando-se de ferramentas educacionais e diversas atividades práticas foi promovido aos alunos do 8º Ano - Turma 1804, do Ginásio Experimental Olímpico Juan Antonio Samaranch, uma grande motivação para o estudo e aprendizagem do conteúdo citado acima. Estes se mostraram muito entusiasmados com as atividades realizadas, foi observado que houve um “despertar” do interesse destes para o conteúdo e segundo as avaliações (informais e formais) realizadas, pode-se observar também que os alunos obtiveram uma excelente aprendizagem sobre o conteúdo ministrado.

Referências

- ALVES, L. “Iniciativas de governo para inclusão digital e EaD”.
In: CAMPAGNOLI, F. & COSTA, D. P. (Org.). *Redes de Educação a Distância como instrumento de proteção da Amazônia*. Brasília: Editora Gráfica Brasil. Pág. 55 - 60. 2013.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais*. Brasília: MEC/SEF. 1998.
- CANTO, E. L. *Ciências Naturais: aprendendo com o cotidiano*. 8º Ano.

Org.: Carlos Alberto Figueiredo da Silva

- 3º ed. Editora Moderna. São Paulo. 2009.
- COSTA, A. D. A. *Murais Didáticos*: caracterização e descrição. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós- Graduação em Letras. Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco. 113 pág. Recife. 2012.
- KRASILCHIK, M. *Prática de Ensino de Biologia*. 4ª ed. Ed. da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2008.
- LINHARES, I. & O. M. TASCETTO. A citologia no Ensino Fundamental. *Revista O Professor PDE e os Desafios da Escola Pública Paraense* - Secretaria de Educação do Paraná. Governo do Estado do Paraná. Vol. 1. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebuseca/producoes_pde/2008_unioeste_cien_artigo_iraci_linhares.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2014.
- LINHARES, S. & F. GEWANDSZNAJDER. *Biologia*. Volume único. 1º ed. Editora Ática. São Paulo. 2006.
- RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. *Orientações Curriculares - Ciências*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/SME. 2013.
- RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. *Cadernos Pedagógicos - C8 - 2º Bimestre*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/SME. 2014. Disponível através do portal: <<http://www.rioeduca.net/recursosPedagogicos.php>>. Acesso em: 17 jun. 2014.
- ZANCUL, M. S. Citologia para o Ensino Fundamental. *Revista Eletrônica de Ciências* - Centro de Divulgação Científica e Cultura. Universidade de São Paulo. Vol. 37. 2007. Disponível em: <http://www.cdcc.sc.usp.br/ciencia/artigos/art_37/aprendendo.html>. Acesso em: 17 jun. 2014.

Agradecimentos

Agradeço a Michele Borges Rua, graduanda do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que contribuiu no desenvolvimento de algumas atividades.

Agradeço aos colegas professores da equipe, em especial ao Prof. Cláudio Elias, e a direção do GEO Juan Antonio Samaranch, em especial aos diretores José Edmilson da Silva e Marcelo L. Rolim, pelo apoio constante na realização das atividades.



H. P. Comunicação
Editora